

Manuel L. de Carvalho Ramos

G

GOYANIA

(POEMA ÉPICO)

GOYAZ

1896

2ª EDIÇÃO

Manuel L. de Carvalho Ramos

GOYANIA

(POEMA ÉPICO)



GOYAZ

1896

PORTO

TYP. A VAPOR DE ARTHUR J. DE SOUSA.

74 – Largo de S. Domingos – 76

800.46
RAM
Goy

1259
28/12-93

Esta Edição é uma reprodução fiel da de 1896, exemplar
pertencente ao escritor José Mendonça Teles.

APRESENTAÇÃO

Na última década do século dezenove, em 1896, publicou-se um poema denominado GOYANIA, de autoria de Manuel Lopes de Carvalho Ramos, baiano de nascimento, mas que fez de Goiás a extensão de sua terra natal, pois aqui edificou família e plantou uma das mais sólidas árvores da cultura goiana.

GOYANIA, livro que traz a marca do talento, foi escrito em apenas 35 dias, tendo como cenário os arredores da cidade de Torres do Rio Bonito, atual Caiapônia, no sudoeste goiano, onde Manuel Lopes era Juiz de Direito. Em suas páginas os feitos épicos de Bartolomeu Bueno da Silva, o descobridor das minas dos guaiases e fundador da civilização que se ergue no Planalto Central.

Impresso na cidade do Porto, em Portugal, GOYANIA pode ser considerado o primeiro livro goiano, hoje raridade bibliográfica. E sua edição, por escritura pública, foi doada ao Governo de Goiás, pelo autor.

Manuel Lopes de Carvalho Ramos, um dos homens mais cultos do seu tempo, colaborou ativamente na imprensa goiana, principalmente nas páginas do jornal O GOIÁS, que circulou na antiga capital do Estado. Foi pro-

genitor de dois dos mais expressivos vultos da nossa literatura, Victor e Hugo de Carvalho Ramos, este consagrado nacionalmente.

Instituído, em 1933, um concurso público para escolha do nome que deveria ser dado à nova Capital do Estado de Goiás, o Prof. Alfredo de Castro, sob o pseudônimo de Caramuru Silva do Brasil, foi buscar no poema de Manuel Lopes de Carvalho Ramos o nome de “Goiânia – nova Goias, prolongamento da histórica Vila Boa, monumento grandioso que simbolizará a glória da origem de todos os goianos”.

Quando do lançamento da pedra fundamental de Goiânia, um exemplar do poema épico de Manuel Lopes de Carvalho Ramos foi colocado na urna histórica.

Estas considerações prendem-se ao fato de que o mundo Ocidental comemora, este ano, o quarto centenário da morte de Luiz de Camões, o gênio de OS LUSÍADAS, que cantou em versos imortais toda a grandeza e façanhas do império lusitano. E Manuel Lopes de Carvalho foi, em Goiás, o primeiro escritor a utilizar a mesma técnica camoniana, para a narrativa de seu épico e histórico poema.

Assim, considerando ainda que o poema GOYANIA é praticamente desconhecido do grande público, em virtude de sua raridade bibliográfica, e considerando também a oportunidade de Goiás participar das comemorações do quarto centenário da morte de Luiz de Camões, é que determinamos a reedição desta obra, contribuição de um governo sempre preocupado com as nossas tradições histórico-culturais.

ARY RIBEIRO VALADÃO
Governador do Estado de Goiás

ÍNDICE

SIRVA DE PROLOGO	V
Canto primeiro	5
Canto segundo.	21
Canto terceiro.	37
Canto quarto	53
Canto quinto	69
Canto sexto	85
Canto setimo	101
Canto oitavo.	117
Canto nono	133
Canto decimo	149
Canto decimo primeiro.	165
Canto decimo segundo	181
Canto decimo terceiro	197
Canto decimo quarto	213
Canto decimo quinto.	229
Canto decimo sexto.	245
Canto decimo setimo.	261
Canto decimo oitavo	277
Canto decimo nono.	293
Canto vigesimo	309
Observações	323

SIRVA DE PROLOGO

Carminibus quaero miserarum
oblivia rerum.

(Ovidio.)

TODO o livro tem a sua historia particular, os seus *quês e para-quês*, defeitos ou virtudes que lhe assignalam os homens, os factos, ou a natureza.

O que ahi tendes aos vossos olhos, meu caro leitor, não é propriamente um *livro*, é um poema, é uma composição litteraria feita em versos, o que não é enfadonho, sem deixar de ser aliás controvertido.

— Pois quê! um poema não será tambem um livro? — objectar-me-á o meu caro leitor; não terá porventura erros e verdades, defeitos e bellezas, esse pouco que é o tudo da intelligencia humana em suas multiplas manifestações?

Mas o poema n'este seculo não é mais um *livro*; porque o *livro* é o elemento didactico, é a *Physica de Ganod* ou as *Ordenações do Reino*; alli conversa-se com a natureza e como que apalpando-se-lhe as leis — aqui desenrola-se a cidade, que é o homem, sob um regimen social positivo.

O poema é o coração e não a lei, é a alma e não a logica; elle é um producto superior ao mesmo livro, que é a proxima fonte onde o peregrino das sciencias vae beber, em amphoras de luz, o conhecimento da natureza e dos homens, emquanto acolá, em myriadas de sensações diversas, em um labyrintho de bellos panoramas, dispostos ao clarão da arte, fulgura a poesia, a imaginação vôa, o ideal se colora e a immensidade apparece.

O poema é o céu da poesia. E como attingir esse céu?

Onde, foi confundir-se a minha pueril ousadia!

Mas a solidão inspirou-m'o; si é ou não um trabalho soffrivel — pouco importa-me; o que sei é que esse punhado de versos foi e sel-o-á para mim uma doce consolação; n'elles hauri alguma vida, alguma luz ás minhas trevas, alguma esperança ao meu ideal; vivi emquanto senti-os na alma, humidos do pranto da saudade, animados pelo fogo do enthusiasmo da mocidade, que passa como nuvem.

Onde os compuz eu? — Lá no silencio dos sertões do sul, nas poeticas varzeas goyanas; e, emquanto tremulo de emoção ia recolhendo o sentido d'essas notas enthusias-tas d'aquelle tempo, sentia que formava se um poema, e que esse trabalho teria mais tarde de ir narrar ao futuro as luctas do passado, e os seus triumphos e os seus não menos importantes revezes.

Escrepto quasi de um folego, no espaço de trinta e cinco dias, o presente trabalho não aspira aos fóros de creador de eschola litteraria; tambem não se acostella a qualquer systema, em poesia, a meu vêr, fóra de proposito; tanto mais quanto o systema em poesia, principalmente em composições d'essa natureza, não supporta a amplitude, — essa liberdade necessaria ao talento, — tolhe os vôos á alma animadora de suas creações, de seus modelos, de sua belleza e de seu estylo.

Adoptei, porém, o estylo singelo e verdadeiro da nossa lingua, filha da latina, e, impressionado pelos estudos litterarios e faceis dos primeiros annos, julguei acertado compô-lo em oitavas rythmadas, differençando-o na parte relativa á combinação rythmica dos outros poemas já conhecidos, como sejam dos de Tasso, Camões e Santa Ritta Durão.

O perfil historico de um povo, ou de uma raça, ainda que barbara, em uma epopéa, reflecte toda a grandeza heroica da poesia em toda a parte.

A Historia eu fui pedir os thesouros occultos, a palavra dos acontecimentos notaveis com a synthetisação de um periodo renovador para a civilisação. — *Ut fata trahunt.*

Nenhum merecimento para o auctor que não seja finalmente outra cousa senão a recomposição de um periodo de innovação e descobertas.

O meu heróe não tem a estatura de um Gama, nem as attracções mysteriosas dos nobres cavalleiros da *Jerusalem Libertada.*

O meu heróe é um homem dedicado conscientemente ao trabalho, mas singello.

Que diria o escriptor Ayres do Casal depois da leitura dos meus versos?

Bartholomeu Bueno nasceu heróe. Aos doze annos de idade havia seguido seu pae, o velho infatigavel, até ás extremidades da região goyana. Percorrera, portanto a pé, uma região notavel, mas obscura.*

*“Au commencement du siècle dernier, la traite des indiens y prit de telles proportions qu'on vit á São Paulo une maison de commission qui arriva á posseder plus de 600 de ces malheureux.

Manoel Correia et Bartholomeu Bueno da Silva furent les premiers á réduire nos indigènes en esclavage; ils furent aussi d'audacieux aventuriers dans les découvertes de mines d'or vers le milieu du XVII siècle

Bueno, extremement rusé, ayant vu des femmes de la tribu des indiens *Goyás* parées de colliers de pailions d'or, eut recours aux plus astucieux stratagèmes pour asservir ces malheureux et s'emparer de leurs richesses.

Il alluma une certaine quantité d'eua-de-vie (alors inconnu des indiens) et les ménaça de brûler tous leurs fleuves et de les faire périr de soif, s'ils ne se livraient pas avec tout ce qu'il couvoitait.

Une autre fois, se trouvant devant une tribu nombreuse et aguerrie, Bueno, ayant su capter sa bien veillance, eut l'idée de lier

Quarenta annos depois, sendo governador de São Paulo Rodrigo Cesar de Menezes, o filho do velho infatigável, deseioso de futuro, deixou os seus amigos, emprehendeu a longa travessia pelo deserto, animado de vivo patriotismo e abnegação sincera pela causa da civilização dos indigenas. A cathechese fôra representada por dous monges, que estavam bem longe, infelizmente, de seguir as pegadas de Nobrega e Anchieta.

Bartholomeu Bueno é uma figura eminente na epopéa do Brasil. Um poema epico deve buscar o seu heroe na civilização. É, pois, chegada a occasião de libertar-se o passado.

Cantar a natureza, sentir o bello, amar a virtude, animar o progresso, contradizer a incredulidade, combater o materialismo e stygmatisar a superstição — eis o fim.

traitreusement les chefs les uns aux autres, au moyen d'anneaux de fer et de chaines, dans le but trompeur de les faire danser, comme il l'avait simulé avec quelques-uns des siens.

A peine les chefs furent enchainés para le cou, Bueno s'empara de leurs personnes ainsi que d'un grand nombre d'autres, pendant la grande confusion où se trouva toute la tribu une fois la fourberie découvert.

C'est à cause de ce fait et d'autres identiques que les indiens donnèrent á l'astucieux explorateur le nom de *Anhanguéra*, qui signifie — Vieux diable.

Après ces deux aventuriers, d'autres se mirent à chercher l'or de Goyaz; d'entre eux se destache le fils du vieil *Anhanguéra*, prudent, expérimenté et integre, qui remplit la charge de capitaine-général régent des mines, emploi dans lequel il rendit de grands services à l'Etat. Bien qu'il eut été possesseur de très riches mines, il mourut pauvre le 19 septembre 1740, âgé de 70 ans.

Le bruit des grandes et importants découvertes du capitaine-général régent se répandit promptement et répercuta partout."

(*Rapport de la Commission d'exploration du Plateau Central du Brésil — 1894.*)

Sob taes inspirações, escrevi o trabalho que ides lêr. Vale como um protesto. Na epocha actual, em que suppositos sabios criticam a auctoridade de mil e oitocentos annos, um autor obscuro intercede pelo espirito. Não se defendem as religiões. Todas as seitas contêm falsidades. Defende-se a verdade, proclama-se a virtude. A poesia do nosso tempo deseja tambem discutir; sahe a campo, aspira ao engrandecimento do povo. Ella é o transumpto das harmonias celestes; é a voz da natureza, voz poderosa e grande, que echôa atravez dos seculos. Preenche dous fins: dar á idéas invisiveis para estudar o infinito, harmonias ao coração para comprehender a mulher. O amor é uma fonte inesgotavel de inspiração. Por isso, esse mundo de imagens, de côres vivas e continuas, dá ás ideias um valor tanto maior quanto mais nobre e distincta é a missão do poeta.

Virgilio e Chateaubriand confundem-se. A Iliada escreve á *Divina Comedia*: Educa o mundo.

O Tasso, entre as quatro paredes do carcere, liberta-se em espirito, canta a natureza e o amor. O sentimento revive. A *Jerusalem Libertada* é uma das lagrimas da historia. Milton e Klopstock auxiliam-se. Shakspeare é o sentimento; o auctor da *Legenda dos Seculos* é a idéa. A poesia tem d'esses rasgos. O homem intenta desprezal-a emquanto ella o ressuscita. Eis o triumpho da arte.

A poesia diz ao seculo: Eu sou a pá que sepulta. Dae-me as instituições decadentes: compete-me enterral-as. Eu fallo pela mulher e pela creança. Libertemol-as pela sciencia; eduquemol-as pelo canto.

Completae, ó povos, a transfiguração das harmonias em uma voz!

O passaro canta; e não parece-nos o seu cantar uma idéa, um sentimento, um queixume — A poesia é o passaro. Dae-lhe o espaço, dae-lhe o Universo. É sublime. Com algum tempo — e o Infinito será o interprete do ho-

mem. O coração pouco a pouco se desenvolve: é uma educação pelo canto. Meyerbeer e Rossini estreitam-se na harmonia, e esperam a transfiguração pelo novo Thabor — a solidariedade nas artes.

Uni a poesia á musica. Uma é a voz da alma; outra a sciencia do coração.

Raphael pede a Schiller a inspiração candida, e Miguel Angelo a Victor Hugo a imaginação vulcanica. Um quer a sombra, outro o raio. São fulgurações sublimes. Os genios têm d'essas contraposições. O que vem do espirito é uma idéa do alto. A inspiração é uma especie de arauto. Ella fez a poesia crear o perfume do coração para o verso, e a graça da natureza para o amor.

Um poema consequentemente carece de pôr em acção os sentimentos do amor, como base de todo o ideal verdadeiramente christão.

A mulher civilisada, mas educada nos preconceitos, fórma um character ingenuo, mas vago: *Lelia*.

Ella é a filha da cidade, lê e escreve a lingua materna; tem o privilegio de reflectir sobre os seus proprios sentimentos; é o espirito em via de progresso, em caminho certo do ideal, que approxima a terra do céu.

A selvagem, a indiana, é a flôr da natureza, é o hymno agreste das selvas, é o murmurar das cascatas, o bulhar sonoro das ondas: seus affectos são fortes, indomitos, invariaveis; seu espirito, longe de hesitações, não conhece meios termos — aspero até á brutalidade, terno até ao sacrificio. Eis *Guayra*.

Ante esse elevado aspecto a poesia é sempre a arte suprema.

E que aspereza a vencer-se por esse abysmo, onde começa o ideal e acaba o verso!

Quiz vencel-o; e, si não foram vãos os meus esforços, si d'ahi o caro leitor colhêr alguma flôr para a sua cren-

ça, alguma luz para a sua alma e alguma esperança, mesmo tenue, para o seu coração, julgar-me-ei só com isso pago de tão arriscado tentamen.

Goyaz

Carvalho Ramos.

GOYANIA

(POEMA ÉPICO)

ARGUMENTO DO CANTO PRIMEIRO

Introdução e offerecimento do poema aos goyanos. — O gigante mysterioso, protector das tribus selvagens existentes no territorio de Goyaz, annuncia ao chefe Jaurú, principal dos indios cayapós, as desgraças que sobrevirão cedo contra a sua tribu. — Jaurú propõe á toda a nação firme aliança com os tupinambás, povoadores do norte, seus irconciliados inimigos. — Anhangaiá, filho mais velho do chefe cayapó, é enviado a uma expedição notavel, enquanto para o norte dirigem-se os indios Guaracy e Tanary a estabelecer as pazes, em nome da tribu, com os tupinambás. — Sofrimentos da india Jary, mulher de Jaurú.

CANTO PRIMEIRO

Fu canto, patria minha, o heroe facundo
Que immortal sublimara aquella idade
Em que o Brasil, sonhando a liberdade,
Cingia as vestes do nascente mundo;
Em que da Historia, irmã da humanidade,
Tinha o gigante audaz o ser profundo,
E aquelles que, nos bosques brasileiros,
Foram os grandes cayapós guerreiros.

O' tempos idos! O' remotas eras!
Em que, á sombra das arvores copadas,
E das montanhas para os céos voltadas,
Eram outras as nossas primaveras!
Em que das selvas brutas e agitadas
Eram selvagens os irmãos das feras,
Em que a voz do cacique, ardente e bella,
Soía um brado ser da eterna tela.

Eras tu, patria forte, o grande povo
Embalado no bosque americano,
Não de escravos nascido ao eito insano,
Mas de algum ventre poderoso e novo;
Que então não tinhas outro soberano
Senão esse fortissimo renovo,
Mas que o perdeste á marcha triumphal
Dos bravos, que illustraram Portugal.

Eras tão livre como a voz dos ventos,
Que as tuas alvas praias despertavam,
Como a orchestra das aves, que esperavam
Da aurora os raios fortes e opulentos.
Ousado prometteu, que em ti buscavam
Nações da Europa, espiritos sedentos,
E estranhos, feros, cegos desertores,
E escravos negros de crueis senhores?

Em tudo a voz da terra esperançosa
Mil phantasticas sombras attrahia;
Em seus prados uberrimos nascia
Forte imburana ao pé de branca rosa;
Em seus valles risonhos, quando o dia
Na luz d'alva acordava a tribu irosa,
Eram lagrimas doces, purpurinas,
As lymphas das ribeiras crystallinas.

Mas em ti, só em ti, goyana terra,
Correia pertinaz ouvira o brado
Firme, soberbo de um paiz talhado
Para os fructos da paz, e não da guerra;
Porque em ti se firmava o luso errado,
Vingando as regiões de serra em serra;
Porque em ti, se não fosse a idade forte,
Teria a propria liberdade a morte.

Mas, por isso, bem vês, goyano povo,
A quem meus versos neste canto envio,
Que imagens vagas de paixão não crio,
Mas a gloria da patria em que eu me louvo.
Em teu regaço, em que melhor me fio,
Deponho a lyra e o canto audaz e novo:
Dá que a musa, animando a luz da historia,
Da patria cante a primitiva gloria.

Era nas selvas. — O cahir do dia,
Do crepusculo ás sombras roxeadas,
Tornava meiga a tarde: além rosadas,
Brandas nuvens do céu, que o céu vestia,
Se iam no occaso: as arvores copadas,
Em que a tristeza então se reflectia,
A' voz das aguas do Araguaya fundo,
Davam mais graça ao dia moribundo.

A' margem do espumoso e largo rio,
Numa vasta planura descoberta,
Da tribu cayapó, malvada e certa,
Se estende o forte e bruto senhorio:
Na taba do guerreiro a luz incerta
Das fogueiras mitiga o intenso frio:
O céu nas sombras humidas desata
Fria neblina, qual um véo de prata.

No tapete da relva agora sôam.
Pesados passos: o boré se escuta:
De subito vomita cada gruta
Herculeos monstros, que nas sombras vôam.
Na alameda extensissima, que a lucta
Parece assignalar dos sons que atrôam,
Seis mil selvagens de urucum tingidos
Entram, soltando horrisonos bramidos.

Qual pandemonio, as lugubres fileiras
Briosos cantos entoando, attendem
Certos signaes, que os gestos lhes accendem
No ardor d'aquellas expansões primeiras.
A' frente o chefe, a quem as mães se prendem.
Mais excitando inclinações guerreiras,
Sobre a relva os cocares deixa logo,
A taba olhando com olhar de fogo.

Armas pesadas, rijas, o aguerrido
Porte lhe tornam, qual horrendo senho;
E a figura solemne, em que convenio,
Pinta-a de negro o chefe destemido;
Que emfim, diz elle em seu governo, eu tenho
Imposto ao povo a mim obedecido
E, si a paz não me dá ventura estranha,
A negra e fera côr move a campanha.

A maça em punho, o riso malcreado,
Peito nú, braços nús, o olhar perdido
Em longinquo phantasma escurecido,
Ou noutra ideia, ou pensamento errado,
Tal se alevanta agora; e traz pendido
Ás bronzeas côxas o borê pesado:
Tal se agita as florestas encarando,
E á tribu assim começa, murmurando:

— Livres nascemos, livres como os ventos
Que, por sobre as florestas rugem fortes,
Grandes, não captivados ás cohortes
Dos acroás, que habitam vis assentos;
Porque, si alguns tupis nos dão consortes,
Nem baixos ficam nossos sentimentos:
Pazes façamos, cayapós guerreiros,
Com quem nos fez amigos verdadeiros!

D'aquelles cerros, onde vi de pedra
Negro gigante, em seu pendôr tristonho,
Um rouco som de inúbia ouvi medonho;
E eu disse ao fero genio, que alli medra:
De Tupan fosse a voz que fôra um sonho!
Mas ah! que o gesto horrendo é só de Yedra,
O riso assustador, o olhar torvado...
Oh! sombra! Oh! crime! Oh! lagrimas! Oh! fado!

Aos pes do rei gigante do deserto,
Onde termina o immenso senhorio
Da nossa tribu, qual a mortê, frio,
A cabeça curvei do abysmo perto;
E áquelle aspecto horrifico, sombrio,
Qual relampago forte, ardente, incerto,
Um sorriso flammeja, a voz rebôa,
Emquanto o echo nos desertos sôa.

Os membros agitando aos feios ares,
Por entre alguns gemidos furibundos,
Como volvendo olhares moribundos,
Volvendo o dorso como o chão dos mares,
Dos grossos labios, tremulos, profundos,
Clama aos tufões dos cerros nos altares...
Palavras não! não eram, que as ouvia
Qual um trovão, que a terra estremecia!

Meus predilectos filhos, meus algozes
Não sejais, quando surja aterradora
A guerra, si Tupan me torna agora
A inspiração contraria aos reis atrozés!
Tribu querida, por quem tanto implora
Quem nos deu vida, ouvi as minhas vozes:
Si em vossos peitos a baixaza medra,
Roubais a liberdade ao meu de pedra!

Além d'aquelles negros, altos montes,
Sombras eu vejo de inimigos varios,
Que aos precipicios volvem mortuarios
Negroes, como em tristes horisontes.
Porque vivestes, filhos, solitarios,
Bebendo as aguas de inimigas fontes,
E aos tupis, em quem tive amigos certos,
Urdistes guerras em crueis desertos?

Eis ahi surge a sombra, que atormenta
Os nossos grandes e soberbos lares!
Eis ahi, qual um furacão dos mares,
A guerra de outra guerra a sombra **augmenta!**
Filhos malditos, sôam pelos ares,
Não flechas, mas a espada já sedenta
Do sangue vosso, amiga patria minha,
Em cujo coração eu tudo tinha!

Que eu vos não veja mais, q' durma embora
N'esta montanha, em que nasci terrivel!
Vossa victoria, não! não mais possivel
Depois da maldição, que lancei fôra!
Jaurú! Jaurú amigo! Um crime horrivel
Do filho vil, que afoga em sangue a aurora,
Fará morrer a selva mais guerreira,
A tribu forte, a geração inteira!

Os tempos, removendo os corpos frios
Dos vencidos heróes, virão tristonhos
Acalentar os meus horrendos sonhos,
Suavisar-me os seculos sombrios.
Os bosques e estes valles tão risonhos,
Por onde correm crystallinos rios,
Nas feras azas dos bravios ventos
Ouvirão para sempre os meus lamentos.

Assim dizendo, o monstro se inclinara
Ante os meus olhos: um tremor insano
Todo o solo abalou, que sobrehumano
Era o prenuncio negro, que deixara.
Não voltareis aqui de anno em anno,
Me disse, alegre á vossa patria cara;
Antes sereis nas chammas abrasado,
Depois do solo escravo e conquistado.

A' taes palavras cálidos vapôres
Das entranhas do monstro se exhalaram;
Feias nuvens dos valles se elevaram
Sobre o seu rosto com flammantes côres;
Das mãos ingentes, que os trovões formaram,
Saltam dois tigres a rugir de horrôres:
Frio suor da fronte me corria,
Que eu sobre a terra sem acção cahia.

Os indios bravos deitam-se na terra,
Ouvindo aquellas expressões temidas;
Alguns proferem maldições sentidas
Ao pronuncio atrocissimo da guerra;
As indias mães as rêdes tão queridas
Rompem nos dentes: venenosa serra!
Velho pagé no entanto surge em scena:
Ao vel-o todo o bando alli serena.

Já da noite sombria o triste manto
Ia nos céos, no carro das estrellas;
Que pelas sombras scintillavam bellas,
Trazendo aos mundos o celeste encanto:
As indias mães, com expansões singellas,
Abraçam os filhinhos, cujo pranto
Mais forte sôa agora, em que jaziam
Os indios sobre a relva, em que tremiam.

Mas, de subito, um khoro surge em meio
Da cerimonia triste, despertando
No coração de alguns o véo nefando
Do medo, que produz mortal receio:
Os madeiros nas chammias estalando,
Da confusão agora o grande enleio,
Tudo movem sinistros, longos planos,
Contra os estranhos brancos deshumanos.

Solta o pagé aos ares setta ardente:
Eil-a trazendo sangue, mas partida:
Yêdra! Yêdra! — A turba esmorecida
Exclama ao mesmo tempo claramente.
Jaurú, erguendo a fronte ennobrecida,
Na qual se nota a lucta consciente,
Heróe vencido, exhala um ai profundo
Do coração, que sente moribundo.

Nunca! Afinal seus labios responderam.
Nunca! Os brazões da guerra estão sagrados!
Que secretos avisos, que malvados
Genios em nossos corações morderam?
Não! que jamais seremos conquistados,
Nem contra nós as settas se fizeram!
Yêdra! Yêdra! Nunca!... Estamos sós,
Destemidos guerreiros cayapós?...

De morte e perdição signal horrendo,
O disse além Tupan, responde triste
O estimado agoureiro, e qual resiste
Com seu olhar a tribu estremecendo.
Em seu semblante grave a dôr assiste,
Do que lhe está no coração mordendo:
Todos em volta d'elle se assentaram:
Pallidos, mudos como a dor ficaram.

Eis ahi vem meu filho, o filho amado,
A quem confio a vossa tribu forte,
Embora sôe a voz da negra morte
Em nosso coração dilacerado!
Anhangaiá! Si é tua a nossa sorte,
Murmura o chefe agora esperançado:
Corre ás selvas, espreita os valles fundos,
Acorda as feras nos golfões profundos!

O chefe, em quem fitaram-se os dois olhos
Grandes e vivos do amoroso filho,
Lhe prende ao collo d'um collar o atilho
Para que livre passe entre os abrolhos;
E, lhe tocando o rosto, indica o trilho
Que deverá buscar entre os escolhos
Tantos da terra, além das serranias
Do oriente, onde são as noites frias.

Ao que, gyrando em roda algumas vezes,
Anhangaiá jurava eterna gloria
Legar, honrando a natural memoria
Da tribu amante, exposta a mil revezes:
Já prelibando os louros da victoria.
Conta voltar á patria em poucos mezes:
Antes da aurora embranquecer os montes
Demanda os mais remotos horisontes.

Guaracy, cujos labios tristemente
Se confrangem, acerca-se tristonho
Do grupo, á cuja frente mais risonho
O grande chefe acolhe-o de repente;
E não com duro rosto, nem medonho
Gesto, a que se habitúa um combatente.
Lhe dirige a palavra mais seguro,
Pois se confia assás em seu futuro.

Assenta em que o mais novo filho parta
Para as longinhas plagas do occidente,
Onde os tupinambás o solio ingente
Ergueram, cuja tribu em grãos se farta,
Que o milho plantam mais conveniente,
De cuja nutrição nenhum se aparta,
Porquanto o fogo n'alma tanto aumenta
De quem d'elle constante se alimenta.

Muito convinha a paz, porque na guerra
A vida de bem candidos penhõres
Já se tinha perdido, e vis traidõres
Inda buscavam pleiteal-a em terra:
Era bem doce a paz por entre amõres,
Livre, sem penas, a vagar na serra,
Nos bosques fundos, nas florestas puras,
Do que soffrer nas regiões escuras.

Unidos, porque juntos são mais fortes,
Destruiriam cedo os inimigos,
Que, para encarecer crueis perigos,
Vinham armados todos d'outras sortes.
— Sejamos, cayapós, fieis amigos
D'aquelles, que se dão ás feias mortes,
E nas batalhas o terrôr inspiram
A quantos o seu halito respiram!

Sôam os cantos vehementes; — sôa
Da extremosa Jary, a india esposa,
A voz queixosa, que cantar não ousa,
Si triste vaga na campina a tôa:
Antes seu filho visse em fria lousa,
Que ás mãos d'aquella tribu; e não perdôa
Ao forte esposo a inclinação errada,
Que era uma acção terrivel e arriscada.

Porém Jaurú, correndo a vel-a, espera
Lhe pese o somno a palpebra dorida,
Pois seria mais facil toda a vida
Em seu sangue beber, que o sêr altera,
Do que deixal-a só, assim cahida
Em dôr immensa, transmudada em fera,
Mordendo as proprias mãos, que se banhavam
Das lagrimas, que os olhos derramavam.

No entanto as filhas se abraçando áquella,
Que era do jovem Guaracy, formoso,
Ao seio afflicto o allivio deleitoso
Levam, mostrando a solitaria estrella,
Cujó raio, suavissimo e ditoso,
Bate-lhe em cheio sobre a face bella:
— Mãe, vês a estrella que no ceo fulgura?
Diz a mais nova: aquella estrella pura?

Seu raio ao coração me diz que breve
Tornará Guaracy: no clarão sancto
Não sinto a lava de amargoso pranto
Banhar-lhe o peito, que estimar se deve.
— Filha, me traze o mais mimoso manto:
Quero levar áquelle, que se atreve
Nas selvas penetrar dos gés traidôres,
Onde choramos nós injustas dôres!

Na igaçaba, que o liquido trazia
Sempre gelado, embebe os frios dedos,
E, baixinho dizendo alguns segredos,
Sobre o manto esse liquido vertia.
Assim, diz ella, os lugubres rochedos
Serão suaves; e a soidão sombria
Vae receber meu filho sempre forte,
Isento agora de imprevista morte.

Aos seios longamente o filho estreita,
E sobre os hombros o azulado manto
De faxas adornado, em riso santo,
Cautelosa e chorando emfim lhe deita.
As filhas apartadas longo pranto
Vertiam, vendo aquella que as regeita
Porquem alegre ás selvas se arrojava,
Deixando a tribu inteira, que o presará.

Já se dispunha Tanary querido,
Que aos indios cayapós vivia escravo,
A dar um golpe mais ardente (ignavo!)
No coração materno consumido;
Mas Guaracy, volvendo o rosto bravo,
Diz um adeus num ai estremecido
A quem nos braços tinha-o, que tremia
Como a flôr, que açoutasse a ventania.

Partâmos, disse, a noite me acompanha
Até o rio; e, não contendo o effeito
Da dôr, que o trespassava, inunda o peito
Do pranto filial, que as faces banha.
Em tudo, até na dôr, foi sempre acceto
Porquem lhe dera o sêr na propria entranha;
Mas o dever lhe aponta o bom caminho;
E assim disfarça o natural carinho.

Voltara a lua com seu rosto cheio:
Então no fundo dos maternos lares
Os de pesar suspiros singulares
De Jary mais ferindo o terno seio,
Tornam-lhe atroz a vida, em que os pesares
Se revolvem, dobrando o vago enleio,
D'onde mais certa a dôr se alimentara,
Como penhôr da magoa, que ficara.

O agulhão da saudade, penetrante,
Lhe devora a existencia recordando
De Guaracy gentil o nome brando,
Como si fosse o de extremoso amante:
Estão as faces pallidas murchando,
Já descahido e languido o semblante:
Sósinha chora, e a lagrima alimenta
A saudade mortal, que experimenta.

Nem as aves do bosque, nem as flores,
Nem os regatos doces, crystallinos,
Nem os nocturnos brincos diamantinos,
Lhe mitigam tão candidos fervôres!
Os ais que exhala ternos, peregrinos,
Mais avivam seus intimos amôres:
Guaracy! Guaracy! Minha alegria!
Só tu não voltas quando volta o dia!

Pois, si lamento a sorte que te espera
Nas afastadas regiões, não sinto
A verdade completa do que pinto
Na mente, que o desgosto mais altera.
Aqui beijo o querido e verde cinto,
Que me deixaste, luz da primavera!
Guaracy! Guaracy! Minha alegria!
Só tu não voltas quando volta o dia!

Quebra-me, esposo, o vil grilhão que prende
Minha cintura ao cêpo endurecido!
Quero partir; e o coração vencido
Do materno sentir quem é que entende?
Quero abraçar o meu penhôr querido,
Que sómente esse amôr tão grande accende...
Guaracy! Guaracy! Minha alegria!
Só tu não voltas quando volta o dia!

ARGUMENTO DO CANTO SEGUNDO

Os emissarios Guaracy e Tanary descem o rio Araguaya. — Inesperado encontro com a velha india Jary. — Chegada ao seio da taba. — O indio Anhangaia surprehende a Lelia, filha de B. Bueno, do outro lado das serranias, no rio S. Domingos.

CANTO SEGUNDO

Tinham chegado á margem do Araguaya
Os emissarios, ambos resequidos
Da jornada penosa, em que vencidos
Foram da voz de paz na extrema raia:
E' que ficaram ambos prevenidos
De que d'aquellas selvas ninguem sáia,
Sem que tenha alcançado o bom caminho,
Onde tão perto o pouso está do espinho.

As aguas os levaram docemente
No seu fragil batel, aparelhado
Para os tempos do estio acalentado
D'um céo risonho, claro e transparente.
Ao tom das aguas brando e compassado
O remo fende o liquido ambiente:
Em um momento breve respiraram
Ambos, contando os casos, que passaram.

Já do sol do nascente os fortes raios
Iam pintando crystallinas côres
No espelho d'agua pura, em que os amôres
Das garças tinham virginaes ensaios:
Eram nas margens tudo graça e flôres;
Mais belleza e deleite, em mil desmaios,
De qualquer frente as penas dissipavam,
E dos olhos as lagrimas seccavam.

Ouvi, disse elle — o indio destemido —
D'Anhanguêra as palavras costumadas,
Taes como as vozes grandes e pesadas
Do furacão nocturno enfurecido.
Lançando fôgo ás mattas despresadas
Que outr'ora tanto amei, que vi sentido
Seus amigos, seus filhos, seus parentes,
Todos fabricam seus trovões ardentes.

Eu perguntava á minha tribu, filha
D'aquelle estranho, e forte companheiro,
Que nos combates sempre foi primeiro,
Que dos valentes recortava a trilha,
Onde estava esse instincto assim guerreiro?
Bem como após o dono entra a matilha
Feroz, de sangue rubro gottejando,
Aqui, alli e além, mil golpes dando?

Eram iguaes os meus irmãos aos grandes
Guerreiros acroás; — mas quem temia
D'Anhanguêra o trovão, que estremecia
Do baixo valle ao pincaro dos Andes?
Meu pae, meu velho pae que se perdia,
Deixa a tribu, e se vae chamar Fernandes:
Só minha mãe suspira e me acalenta:
Só em beijar-me a triste se contenta!

Isso dizendo — os olhos seus trahiam
O segrêdo de um'alma desgraçada;
E a voz erguendo ainda, mas cançada,
Por entre as vozes, que dos céos desciam,
Murmura algum dizer; mas ai! pesada
Era essa voz que os mortos repetiam!
Tres vezes os seus braços se afrouxaram,
Que tão fortes nas guerras batalharam!

Cançara emfim de relatar seus feitos:
Aquelle que no remo forcejava
Contra a corrente agora, se inclinava
Como ouvindo uns suspiros contrafeitos:
A' margem logo a India mãe escrava,
Fugitiva resurge; e, contra os peitos,
Aperta o filho amado, o qual sostinha
A perguntar sorrindo de onde vinha.

E saltando na ubá, que ella trasia
Com fragil leme, affronta abertamente
Do Araguaya a fortissima corrente,
Vendo o céu n'essa limpida ardentia...
O filho aperta o remo vagamente,
Que Jary, toda enlevo, lhe sorria;
E, deixando a tristeza, em que comtudo
Alli ficara compassivo e mudo:

Indaga pelo irmão que era valente
Como seu pae Jaurú, que lhe pozera
De Guaracy o nome, o qual trouxera
Como signal de amôr obediente.
Ella sorrindo sempre, que o quizera
Tambem risonho, conta alegremente
Como Anhangaiá estava distrahido
Nas serras, nos desertos esquecido.

Pois, accrescenta, o filho que me adora
E's tu, meu bello Guaracy, que sentes
Da ausencia os dias tristes e gementes,
Quando por mim o teu amôr implora.
Sim, tu sabes os canticos ardentes
Da tribu que entre as serras grandes móra:
Ninguem te excede em força e magestade
Guaracy! Guaracy! Minha amisade!

Nossas pazes faremos com aquella
Tribu, que habita a sua terra forte,
Onde em perigos te salvei da morte,
Que ias morto nas azas da procella?
N'aquellas regiões onde a consorte
Do chefe pela gloria d'ellês vela,
Como si fosse a guarda d'essa ilha,
Que é d'esse mundo a grande maravilha?

Mas, em signal da paz que se ajustara,
Traz um collar pendente, e mui bemfeito,
O gentil Guaracy: de sobre o peito
Levanta aquellas contas que beijara;
E a meiga mãe, em chôro alli perfeito.
Embalde falla, a voz se lhe embargara:
Só Tanary contente o remo afunda,
Na agua brilhante, que o deserto inunda.

N'essa linguagem do deserto ardente
Jary refere como alli chegara,
Como a saudade o seio lhe enleiará,
Mas sendo em tudo agora bem contente;
Que o principal da tribu, a quem deixara
As tabas animando, abertamente,
Com sua voz de ferro, voz altiva
Que a guerreiros ousados mais captiva:

Com tanta impaciencia os esperava,
Que o deixara partir, mas com tristeza,
Porquanto a forte e grande correnteza
As ubás frageis logo espedaçava;
E, estando só nas ondas, com certeza
A custo o vento norte sustentava;
Porém o vivo amôr, que ao filho tinha,
A coragem bem rija lhe mantinha.

Dois rios, mas oppostos se apresentam:
Corre o Barreiros, arrastando ousado
Para os valles, uma hora adiantado
D'aquelle, em cujo leito os indios entram.
Eis o Cayaposinho é derramado
Das Divisões, que as feras alimentam:
Na Sentinella ao norte se offerece
O chefe, ao qual a guerra fortalece.

Tudo á guerra dispõe: nas serranias
De quando em quando os echos estridentes
Despertam seus famosos combatentes,
Resoando entre as altas penedias.
As bebidas fortissimas, ardentes,
Fazem rir as mulheres sempre frias,
Em cujas bôccas alguns brincos saltam
Em troca de alguns dentes, que lhes faltam

Lança-se aos braços de Jaurú altivo
Guaracy, que o descobre, pois de altura
O chefe representa essa figura
Do Golias da Biblia forte e vivo.
Do tronco rijo o filho se pendura:
Do chefe dos tupis, talvez captivo,
Mostra o collar de perolas, dizendo
Ser em caminho a tribu ao campo horrendo.

Mas toda a taba, em festa apreciada,
Ergue louvôres, bravos animosos,
Aos emissarios fortes e amorosos,
Entrando pela noite illuminada.
As caças, os pescados, e os gostosos
Peixes, e a pirarara desejada,
Tudo completam intimos prazeres,
Gosando assim a vida aquelles seres.

A esse tempo, havendo já passado
Bartholomeu Bueno, e seus vassallos,
Dos boqueirões os pavorosos vallos,
Que tinha o longo inverno aprofundado,
Dos indios não se teme, que esperal-os
Fôra melhor, estando aposentado:
Assim, naquella parte em que mais bella
Geme a torrente do formoso Estrella:

Onde a serra Dourada sobe altiva
Da tribu dos goyás, que se rendera,
As tabas colleando, em que nascera
O indio Tanary de mãe captiva,
O acampamento forte se estendera
Para que sempre magestoso viva,
E velle a cruz do martyr do Calvario
Proteja aquelle chefe extraordinario.

A virgem dos sertões, a mais formosa,
Que as regiões occidentaes pisava,
A quem o chefe alegre abençoava,
Aos pés da sancta cruz sorri mimosa:
Uma linda capella preparava
Sua mãosinha, pétala de rosa:
Por tantas graças a sua alma pura
Mais enchia de amôres a espessura.

A selva era tão vasta! O bosque, o rio,
• Os negros boqueirões, os valles fundos
Os cerros negros estreitando os mundos
E lá na immensidade o céu sombrio!
Dos seios virgens alguns ais profundos,
Como sua alma a estremecer de frio,
A' terra, que sorria entre mil flôres,
Pediam ternamente um céu de amôres!

Falta Anhangaia á tribu, que descera
Além da grande serra; e sós andava
Pela caça a miudo, em que matava
O tempo, que por certo não perdera;
Porquanto um dia, emquanto vigiava
Um lobo, que nas grutas se escondera,
Sente o rasto de gente logo estranha;
E todo o sangue d'elle alli se assanha:

Que, de subito, espreita longamente
Durante longos dias, esperando
Nas selvas algum pouso; mas, voltando
Ás tabas, ouve um tiro d'arma ardente.
Já não caminha, vôa, desejando
A fome saciar na carne quente
Do inimigo, a quem tanto se inclinara
Janary-gé, que a patria abandonara.

Aos olhos tendo aquelle, que o buscava,
Albano caçador, de um cão seguido,
Se firma de improviso: um só latido
Do galgo emfim descobre o que passava:
E o indio agora corre, pois vencido
Fôra, que perto um grupo se mostrava
Na alameda do bosque; e salta forte
Ouvindo um tiro, que trazia a morte.

Mas, já livre do subito perigo,
Passa através das selvas, e se esconde
Junto a bocaina funda, que responde
Aos echos da espingarda por castigo;
E, sem saber o indio, pois nem onde
Sabe onde está o sitio do inimigo,
Volta á noite ao logar, em que deixara
Albano, que mais forte se amparara.

Uns canticos de amôr, e de ternura,
Ao som de branda flauta, enterneciam
As mudas selvas; e as canções venciam
O peito da mais fria creatura!
Os ouvidos do indio se embebiam
Dos sons d'aquella musica tão pura!
Espreita, mudo agora, á luz da lua,
Que ostenta-se nos céos ridente e nua:

O acampamento em que Bueno escuta
Tambem os mesmos sons enternecidos,
E da flauta os dulcisonos gemidos
Divertiam ao longe a fria gruta;
Que a gente, com seus servos distrahidos,
Tinha buscado aquella cova enxuta,
Onde os raios do sol não penetravam,
Nem as chuvas as vestes alagavam.

Ás orlas da montanha o doce rio
São Domingos deslisa, murmurando
N'aquelle som mimoso, triste e brando,
Que mais parece um divinal cicio:
As fogueiras diversas estalando
O pouso aquecem, mitigando o frio:
Alguns rapazes folgam, mas Bueno
Está de pé, altivo, mas sereno.

Os cães farejam sobre a relva ainda
Da chuva humedecida; alguns ladrando
Vão os cerros longinquos acordando,
Onde a estrella da noite assoma linda.
Eia, Hortiz! Clama o pagem, despertando
Seu amo, pois a sombra triste, infinda,
Nocturna desce mais; os cães acertam,
Que os selvagens das serras os despertam!

Mas o indio que, ha muito, descobrira
Atrás do manso rio a mais formosa
Flôr de belleza, a voz harmoniosa
Então lhe escuta, que gentil suspira;
E, fitando a visão, que mais mimosa
Que uma flôr apparece, a mêdo rira
Do subito sentir, que mais o cala;
E um ai profundo o coração exhala.

Lelia! Uma voz sonora alli se escuta:
Não vês a noite como desce fria?
E já se esconde a lua, que entretia
A clareira da nossa pobre gruta.
Lelia, sorrindo a quem assim dizia,
Abraça o velho, em quem a grande lucha
Da vida mais conserva-o precavido:
E o valle em sombras dorme entrestecido.

Inda os religiosos missionarios
Sobre a pedra do rio a Deus alçavam
As orações, que os labios murmuravam:
E não eram nos bosques solitarios,
Porquanto os mãos selvagens, que abundavam
N'aquelles feios bosques, mais sicarios
Que as proprias feras, os agudos dentes
Enterravam nas carnes inda quentes.

Bartholomeu Bueno, attento agora
Em seu destino duro, e trabalhoso,
Mais escutava um grito lastimoso,
Que de sua alma o intimo devora.
O véo da noite emfim silencioso
Colhe o deserto, e o rio que enamora,
Lembrando só tristonhas esperanças,
Das selvas inundando as longas franças.

Os trilhos, em que andara já passados,
Os grandes rios, as florestas fundas,
As selvas, onde as onças vagabundas,
E os lóbos vivam féros e animados,
E as serranias ingremes, profundas,
Onde os abysmos abrem-se pesados,
Tudo num véo de maguas prediziam
Horrôres, que de perto alli teriam.

Mas a força invencivel da vontade,
Na qual sua alma forte estremecia,
A desprezar o bem não consentia,
Nem a gloria da altiva humanidade.
Assim, no pensamento em que vivia,
Renova seu prestigio, e a liberdade;
E, cedendo á paixão que o dominara,
Alli ficar, emfim, determinara.

Um filho tinha, em quem ha muito vira
Na loura frente a poderosa ideia,
E de havel-o animado não receia,
Que um novo heróe no moço presentira:
Á chamma de sua alma, que se ateia
A liberdade altiva descobrira,
Com que defenderá, nunca sujeito,
Do Brasil estupendo o mór direito.

Tudo o indio Anhangaiá da floresta
Escutava, sem ser apercebido;
Mas, pouco havendo o passo esmorecido,
Que muito tempo a ver os seus lhe resta,
Se detem no deserto, estremecido
Porquem lhe accende n'alma estranha festa,
E com a voz divina assignalara
Nelle um escravo de humildade rara.

Sempre avistando ao longe a formosura
D'aquella que, o não vendo, passa rindo,
Ora os pesinhos brancos descobrindo,
Porque os não fira a pedra na espessura,
Ora em cantos alegres desmentindo
O sonho, que prediz a sorte escura,
O indio sente a vida forasteira,
Em que a tristeza d'alma soffre inteira.

No entanto, aquella por quem soffre, agora
Ouvir não pode a sua voz afflicta,
Que a linguagem dos seus jamais imita
Aquella voz, que sem querer namora;
E, tendo a fronte pallida e maldita,
Em vão se morde, em raiva se devora:
Que longos dias, tristes, que passava,
Ouvindo a voz da deusa, que adorava!

De dia em dia o effeito lastimoso
Mais carpia tristonho, e sem ventura,
Que o captivara logo a formosura
Do rosto sobre a terra o mais formoso.
Lélia não era alguma creatura
Do seu paiz, e sim um ser ditoso
D'aquelle azul, aonde o astro brilha,
Illuminando a eterna maravilha.

As pequeninas mãos da côr da neve
Eram dois brincos de idéal magia;
A bôcca alegre rosa, em que sorria
A mocidade graciosa e breve;
O rosto melancolico entretia
Um encanto, que a penna mal discreve;
Esbelto o corpo, os seios tentadores,
E o riso provocando um céu de amôres.

A's vezes no materno seio amigo
Ia beber d'aquella fonte amena,
Em que a verdade é sempre mais serena,
E o coração não soffre algum perigo;
Mas a desconfiança, que não pena,
Do coração materno, casto abrigo,
Preserva-lhe das asperas tristezas
A alma cheia de tantas singellezas.

Os escravos humildes, compassivos,
Ante seus olhos folgam de adoral-a,
Ouvindo sempre aquella meiga falla,
Que torna-os para sempre mais captivos:
E que a deusa o perfume doce exhala
Da virtude, que pinta uns olhos vivos,
Gravando no semblante a luz divina
Da aurora, que se ostenta crystallina.

Todos trazem-lhe fructos saborosos
Dos afastados valles, onde mansa
Passeia a rôla agreste, que descansa
Nos gramineos abrigos deleitosos.
Ella, o anjo da cândida esperança,
Que, com seus olhos, lembra os céos formosos,
Sorrindo falla com a voz tão pura,
Que refulge-lhe mais a formosura.

Albano, em quem Frei Cosme pervertera
O coração, de si perverso e vario,
Agora triste e sempre solitario,
Scisma na luz da gloria que o perdera;
Mas a glora do válido sicario
Era a riqueza; e um Crêso amanhecera,
Si fitando mais terno o rosto lindo
Dê Lélia, que o deixara sempre rindo:

A desposasse, enquanto moço e forte
Um coração no peito lhe batia.
Frei Cosme celebrava o mais que via
No rosto seu, louvando o bello porte,
E a força que em seu braço conhecia:
Mas a donzella, a escarnecer da sorte,
De tudo ria alegre, e divertida,
Gosando calma a caprichosa vida.

Mutuos segredos trocam-se os amigos
Em festejando os dias do futuro:
Albano em si confia, mas seguro
Está de certos asperos perigos.
Verdade é que os espiritos impuros
Não acham sempre solidos abrigos,
Nem em si proprios acham confiança,
Nem da morte descansam na esperança.

As alegrias puras, e os adejos
Nobres d'um peito ao bello acostumado,
São o thesouro altissimo, inspirado
Das almas, que se dão aos bons desejos.
Deus conhece o incognito encerrado
No fundo espaço, e os aviltantes beijos
Da perfidia descobre a quem respira
Da luz divina, que em seu throno gira.

Mas a loucura ingente de traidores
Seguia de Bueno a marcha invicta,
Qual sombra do invisivel, que maldita
Pinta no espaço estupidos terrores;
E, como a villania ao bruto incita,
Mais Albano e Frei Cosme, aviltadores
Da lei, que o chefe a todos tinha dado,
Se tornam vis, alimentando o fado.

ARGUMENTO DO CANTO TERCEIRO

Lamenta Jaurú a longa e triste ausencia de seu filho Anhangaiá, a quem incumbira de espionar o acampamento dos invasores, scismando já sobre as predições funestas do gigante. — Chegada dos tupis ás tabas dos caypós. — Casamento de Anhangaiá com Guayra, filha do chefe tupinambá Guandirá. — Fuga de Anhangaiá do seio de sua tribu. — Soffrimentos da india Guayra.

CANTO TERCEIRO

JÁ despontava a madrugada em rosas:
Nas tabas sôa agora a voz da guerra:
Do espirito a penosa angustia encerra
O pensamento em scimas dolorosas.
O monstro, que habitava a feia serra,
Onde as feras velavam cuidadosas,
Tantos males ao chefe predissera,
Que de alguns a vingança arrefecera.

Mas a vingança, a negra parasita
Do coração malevolo, se aquece
A'quella surda raiva, que estremece
O abysmo d'alma, que um vulcão imita.
Jary, de cujo sangue se ennobrece
O filho meigo, que seu rosto fita,
Não falla, muda está, sem rir, gelada,
Em sua dôr constante inebriada.

Arrancar de seus braços longamente
O esposo aquelle filho, o mais amado,
Era d'um golpe extremo, lado a lado,
Atravessar-lhe o coração ardente!
Mas o temido esposo, embriagado,
Gesticulando estava descontente,
Premeditando a temerosa guerra,
Que à morte arrastaria inteira a terra.

Determinar-se a renegar o fado,
Que, pela bôcca do gigante enorme,
Ouvira humilde, fôra desconforme,
Tanto mais sendo o monstro interessado.
Nessa penosa angustia, que não dorme
No coração de horrôres trespassado,
Revolve longamente, um anno inteiro,
O sentimento asperrimo e guerreiro.

E mais sombrio agora, enquanto ardentes
Os indios sem descanso trabalhavam,
Uns nas armas pesadas, que empunhavam,
Outros nas içaças e alvos dentes,
Medita sobre os mezes, que voavam,
Sobre as horas febris e impacientes,
Onde estaria o filho, e vagabundo,
Por trás dos cerros do giganteo mundo.

So Anhangaiá não voltara: e certo
O caminho das selvas tão trilhado
Foi sempre aquelle filho, a cujo lado
Atravessara o occidental deserto;
Mas onde aquelle cerro agigantado
Da bocaina do inferno estava perto,
E a cordilheira, que a seus pés rugia,
Quando por ella a tribu percorria.

No tôsko assento, em que se costumara
A ver surgir no bosque umbroso o dia,
Já não cantava alegre o que sentia,
Nem de nenhuma ideia se occupara:
Estatua de terrôr que mais tremia
Da predição funesta, que o pesara,
No filho amado presentia horrivel
O traidôr nefando, e corruptivel.

Um cortejo de sombras, qual mais triste,
Em sua fronte aniquilada pouosa:
Ao chefe solitario apenas ousa
Fallar á tarde o solitario anthiste.
No joelho insensivel, duro, pouosa
A mão direita gelida, e resiste
A's vezes mudo ao coração, que falla
No sentimento, que a triste cala.

Mas a visão do monstro de granito
Era de facto certa, e inevitavel;
E, com a força d'um rochedo estavel,
Estava ainda soluçando um grito:
Que, emfim, naquelle aspero, incansavel
Peito de pedra, o fado estava escripto:
Envolvia soberba a sombra eterna
O cerebello negro da caverna.

Inda nos olhos grandes e esfumados
Toda a sinistra indignação fervia:
Na fronte insana, que o pensar volvia,
Os furacões moviam-se altanados:
Nos horisutos cabellos se escondia
A noite, com seus astros apagados:
Na garganta medonha estava prêsa
A tempestade, a voz da Natureza.

A seus pés a gigantea cordilheira
Tremula, como a hydra adormecendo
Os monstros flammejantes, quasi horrendo
Uivar de fera envia á terra inteira;
E do abysmo do peito, em que gemendo
Eram as furias da facção guerreira,
Um surdo estrondo estava retumbando,
Igual á voz do monstro ao céu clamando.

Quando em seus olhos o furôr se ateia
Melancholicas sombras o adormecem:
Dos céos as nuvens amorosas descem,
Vendo em seu corpo a scintillante veia:
Do sol os raios avidos lhe aquecem
Os pés calçados de gelada areia:
A aurora, terna amante, um riso envia
Ao coração, que jaz na terra fria.

Mas o gigante ao indio a dôr desperta
No seio, que o terrôr infunde a morte,
Quando scisma na escura, incerta sorte,
Como um grilhão, que o coração lhe aperta:
Volvendo triste olhar ao fundo norte,
Onde sua victoria estava incerta,
Julga do praso o termino encerrado,
E clama assim num gesto horrendo e irado:

Maldito o dia em que teus olhos bellos,
Inflammado de amôr, beijei sorrindo!
Em que teus prantos infantis ouvindo
Os enxugava alegre em meus cabellos!
Em que o halito ao rosto me subindo
Do seio teu, meu filho, em mais disvellos,
Eu gosei tantas vezes. ai! perdido
De tanto affecto assim envilecido!

Si despresaste aquelles, que te esperam
Saudosos, firmes na guerreira ideia,
E' tua acção nefaria sempre feia:
Si estes erros tão vis os céos quizeram!
Porque, me dize, tens a vida alheia
A' acção d'aquelles que teu pae veneram?
Porque pois te fizeste, de anno em anno,
O nosso jugo aspero, e tyranno?

Porque, trahindo a força, que sustenta
A vossa tribu, nos desertos dormes?
Porque fabricas os grilhões informes
Contra aquelle que a vida te alimenta?
São os guerreiros d'Anhanguêra enormes!
O teu braço ao guerreiro a raiva augmenta!
Filho, meu filho, a minha taba é tua...
Só tu não voltas quando volta a lua!

Ella dez vezes clareou-me a frente,
E tu dez vezes me afogaste em pranto!
Ella, amorosa, o solitario manto
Illuminou dez vezes no horisonte!
Mas tu, amado e obedecido tanto,
Não vens banhar-te na paterna fonte!
Filho, meu filho, a minha taba é tua...
Só tu não voltas quando volta a lua!

Eis aqui o guará tres vezes canta
Com dulcisona voz a ausencia ingrata,
Que exalta-me a saudade, a qual me mata,
Que mais a selva solitaria espanta;
E lembrança de amôr, lembrança grata,
Esta ave chora a magua acerba e tanta!
Filho, meu filho, a minha taba é tua...
Só tu não voltas quando volta a lua!

Teus denodados, teus fieis amigos,
Teus saudosos irmãos por ti suspiram:
De tua mãe tristonhos olhos viram
Ao pé de nossa taba os inimigos:
Meus sonhos não, meus sonhos não mentiram!
A' cada passo... sombras e perigos!
Filho, meu filho, a minha taba é tua...
Só tu não voltas quando volta a lua!

As armas do guerreiro estão sujeitas
Ao vilipendio, ao ferro dos algozes:
As feras brincam me escutando as vozes,
E tu, meu coração, já não me acceitas!
Por fataes estrangeiros, tão atrozes,
Tua valente geração regeitas...
Filho, meu filho, a minha taba é tua...
Só tu não voltas quando volta a lua!

Mas já não pode mais; a voz solemne
Com que tal magua o coração exprime
Nos labios expirou, porque sublime
Era o sentir, que só a morte leve.
Co'as mãos ambas o halito comprime:
Deseja a terra em que a dôr serene:
Os braços cruza, os olhos vivos cerra,
Tomba de costas na relvosa terra.

Eis nisso um alarido alegre sôa:
Entram nas selvas os tupis, marchando
Unidos, altos cantos proclamando,
E o echo inda mais longe extremo vôa.
Ai de vós! Suspirou Jaurú, alçando
A cabeça da relva; e, logo, entôa
Da paz o hymno amigo, se exultando
Em Guandirá, que a tribu está guiando.

Esse era o chefe audaz, que sobranceiro
Movia as armas de intestina guerra,
Que dos tupis a prole não desterra
Para perdel-a ás plantas do estrangeiro:
Falla, e da voz o timbre desenterra
A morte, e o solo abala-se primeiro:
Seus labios rugem, seu semblante expande
A interna furia irresistivel, grande.

Quinhentos indios cantam vivamente
Na festa colossal o triduo feito:
As indias novas no moreno peito
Sentem as settas da saudade ardente:
E' que os esposos ao fatal proveito
Da guerra vão deixal-as totalmente,
Que assim dispoz aquelle, que primeiro
Mostrou do coração o ardor guerreiro.

Os carajás, isentos dos fervores
De affectos paternaes, cantando, entrançam
As mãos ás mãos das indias, quando alcançam
Da roda o centro, que respira amores:
Insoffridos protestos mais inflammam
D'ambas as tribus intimos ardores:
Nada em mar de alegria o mais usado
Guandirá, sempre dextro e agigantado.

A'quella, a quem dedica affecto ardente,
Os olhos volve com paterno agrado,
E, abraçando-lhe o collo sempre amado,
Demonstra quanto amava-a claramente.
Eis de subito um indio, que esperado
Era de toda a taba longamente,
A' sua frente salta, alegre rindo,
Em abraços o peito comprimindo,

Anhangaiá!... Meu filho!... Meu guerreiro!...
O' mais altivo abrigo do deserto!...
Clama aturdido o pae, já descoberto
A todos, que deixara a um anno inteiro.
— Este é meu filho, que eu chorava incerto
Do seu destino grande e verdadeiro!
Este é meu filho, que eu perdido tinha,
Que a existencia me dava, e m'a sustinha!

Com tanta alacridade alli profere
Taes palavras, que o indio cahe por terra,
E não do amôr paterno, mas da guerra,
Cujó terror por certo não refere:
Tinha visto surgir de serra em serra
O estrangeiro, a quem tanto vil se adhere;
Por isso um riso, amargo e doloroso,
Disfarça-lhe o remorso angustioso.

Mas a india tupi, que nelle via
Um aguerrido genio, esbelto e forte,
Já sorri-lhe formosa, attenta á sorte
De esposa, que em seu peito concebia;
E o pae, que louva o peregrino porte
Do guerreiro inda joven, que surgia,
Lhe estende a mão direita sobre o peito,
Signal de casamento livre e aceito.

Mas Anhangaiá, o indio, a quem não cança
Aquella amôr de prompto combinado,
Aceita aquella que num doce agrado
Jura de havel-o em intima alliança.
A tribu, em regosijo do noivo amado,
Mais uma noite prazenteira dança:
Ferve o canin na taça mais festivo,
Emquanto gosa a india o seu captivo.

Era o amôr das indias qual um raio
Em subitaneo effeito, alimentado
No coração, que sempre enamorado
Brilhava puro como um sol de Maio.
Guayra, em quem o indio mais amado
Da tribu lhe inspirara o terno ensaio
De subita paixão, lhe beija a bôcca,
Para fartar-lhe o coração tão pouca!

Mas Anhangaia, ás vezes, suspirando
A' saudade d'aquella, cuja imagem
Lhe está gravada n'alma, qual visagem,
Sempre o secreto fogo elaborando,
Do horror do crime sente na bafagem
O espectro do remorso inda execrando!
E, quando sonha, ó seu sonhar é triste,
Que á tanta dôr bem misero resiste!

Caliginoso véo lhe pinta a vida
Attribulada, insana e desdenhosa:
A'quella quadra tão calamitosa
Se estende a mão do fado envilecida!
Como da rôla a voz tão lacrimosa,
A sua voz é grave e distrahida:
Guayra triste agora um ai desprende
Do coração, que o esposo nunca entende.

Semianime o peito, que ultrajado
Do triste pae, suspira, ao vel-o agora
Tão descontente e grave, qual si fôra
Aquelle extremo enlace um laço armado,
Não tem palavra mais consoladora,
Que possa-lhe abrandar tão negro fado;
E a india, a filha do tupi selvagem,
Nem gravara-lhe n'alma a casta imagem!

Que o peito d'esse esposo era mais duro
Que o penêdo, que aos pés do tigre sôa,
Quando ella meiga, carinhosa e bôa,
Só lhe inspirava as glorias do futuro!
Nem um cantar dulcisono lhe entôa
Outro cantar no coração mais puro!
Nevi-rosada aurora além sorria,
Mas a sua alma sem amôr gemia.

Foi loucura dos paes; que não sanava
O esforço vivo um animo completo!
Qual sustentando altissimo projecto,
O esposo á guerra as armas afiava,
Tal como o tigre sanguinario, recto,
Que a victima não guarda em noite escrava:
Em seu mudo semblante estremecia
Toda a paixão fatal, que enlouquecia.

Mas, já passada a lua, em que de amôres
Guayra o goso, em prantos misturado,
Libara doce-amargo, está calado
Emfim o esposo, o chefe dos traidores.
Na rêde á sesta o seio amorenado
Reclina a esposa, que perdera as côres:
Ambos alguns momentos se entr'olhavam
A' sombra dos patis, que farfalhavam.

Partes? — Diz ella em trance de amargura.
Elle não sabe o que dizer: suspira.
Não!... Afinal responde... e ri... delira...
E o miserrimo *não* em *sim* murmura.
Então a india meiga, em quem não vira
Anhangaiá inditoso a face pura,
Conchega-o mais, abraça-o docemente,
Ella escrava de amôr d'elle somente!

E qual risonha flôr, que a noite inteira
O orvalho recebeu do céu divino,
No cálice, que brilha diamantino,
A' luz do sol, que acceita prasenteira
Tal se desfaz em pranto peregrino
A esposa terna, sempre assim primeira:
Mas Anhangaiá pallido suspira
Aos doces beijos da infeliz Guyra.

A' sombra, sós, das arvores floridas
Eram dois corações, em que fremente
Renasce a crença, quando o sol ardente
Doira do amôr as illusões queridas.
A rêde, que os recebe ternamente,
Cheirosa está, das lagrimas sentidas
Da meiga esposa, humente, em cujo seio
A' vez primeira sente um vago enleio.

Nesse enlevo amoroso o collo estreita
Emfim da esposa o indio, que soffria,
Que ella innocente, bella, á dôr sombria
A vida, ha tanto tempo, traz sujeita;
E, beijando-lhe as faces, onde fria
Lagrima santa se deslisa, acceita
Aquelle ardente amôr, no qual já sonha
Uma existencia placida e risonha.

A noite já suavissima e serena,
Da estrella do pastôr celeste encanto
O brilho todo esparze ao frio manto:
Suave allivio de mundana pena!
Esparsa a doce luz no leito santo
D'aquella, que entre flôres pensa amena,
A noite aos noivos sorridente envia
O hymno, o sancto hymno da harmonia.

Mas fugitiva quadra — a que reclina
Num só desejo dois esposos ternos —,
Lembrando agora volta aos ais internos,
Que a saudade alimenta peregrina:
Da ausencia os dias são crueis infernos,
E quanto a magua volve, e triste ensina,
No supercilio a insomnia mais revela,
Que apenas tem por testemunho a estrella!

Assim foi, que, passada a noite amiga,
A esposa amante a suspirar desperta;
Mas a rêde mimosa está deserta,
E apenas ella docemente abriga!
Mas a imagem do noivo ao seio aperta
Para illudir-se, que a traição periga:
Miserrima! O silencio é mais profundo:
Quando nos deixa o amor, que vale o mundo?

As scenas da risonha natureza,
O aspecto lindo e seductor do dia,
Os crepusculos cheios de harmonia,
A abóbada celeste em fogo acceza,
Do mar a salsa e calida ardentia
Na solidão, que extrema-se á tristeza,
Tudo é sombra, que mais exalta e cança,
A d'alma extincta e ultima esperanza.

Perguntae a quem tem sentido a setta
D'esse cruel tormento, que se ceva
No coração, que vive immerso em treva,
E de amarga lembrança a vida infecta,
Si não é tudo a sombra, que mais leva
A' cada instante a vida justa e recta,
Em que o pensar é intimo e seguro,
Qual de quem tenha o coração tão puro!

Nas sapucaias a folhagem move
Com triste agrado a sequiosa brisa;
O rio é calmo, e a seriêma pisa
Mais incerta na relva em que não chove;
A luz do dia é languida, indecisa;
Amarga a lympha embora alli renove
Gentil pastôr a murmurosa veia:
De sombras sempre a natureza é cheia.

Pois, assim quando amôr o peito inflamma,
E logo o deixa inerte, e abandonado,
Escravo humilde, escravo inebriado
Em dor, que em triste pranto se derrama,
O mundo, abysmo negro e descalvado,
Embalde ao coração discrente exclama:
Vida! Façamos intima alliança...
Não desfolhes a ultima esperança!

Eu sou teu servo que de noite vela,
Quando ao somno reclinas triste a vida:
Não vês no espaço rutilante erguida
Aquella peregrina e pura estrella?
Deixa-me em sonhos, alma estremecida,
Levar-te á sua região tão bella...
Vida! Façamos intima alliança...
Não desfolhes a ultima esperança!

ARGUMENTO DO CANTO QUARTO

Continua Anhangáia sua retirada. — Seus devaneios amorosos e infelicidades conjugaes. — Comparações entre elle e Guayara — Soffrimentos do velho chefe Jaurú. - Proposta do pagé. — Peregrinação ao cerro, onde se representara o mysterioso gigante, o director invisivel das tribus. — Scenas interessantes e o sacrificio de um dos indios, que se deixa arder sobre a fogueira para abrandar a furia do mysterioso principe das selvas.

CANTO QUARTO

Fra suave e claro o céu do estio
Naquellas doces regiões: o ledo
Cayaposinho, corre, longo e quedo,
As aguas entornando noutro rio.
Descendo a ponta negra do rochedo
Para o deserto, e fundo senhorio,
O indio escuta o canto matutino
Do dia alegre, e todo diamantino.

A's vezes na memoria revolvendo
Todo o passado, que esquecera tanto,
Debalde o echo solitario e santo
Ouvia com nudez, senão tremendo;
Que, si não tinha compassivo pranto,
Tinha ao menos a ideia, em que contendo
A vida inteira andava, mas perdida,
Que era a traição insana e corrompida.

Consortiar o coração vencido
De outra paixão, mas pura e verdadeira,
Ao affecto da indigera primeira
Que o tinha amado, e logo o entrestecido;
Dedicar-lhe a existencia de fagueira
Esperança banhada, e seu sentido
A alma e o corpo, fôra um louco sonho,
Um feio agravo, um phrenesi medonho.

Não! Aquelle poder, que sustentava
No peito, e sem rival, o emudecia;
Toda a delicia estranha lhe accendia
Essa paixão selvagem, porém brava:
Que bem suave um rosto lhe sorria,
A sua liberdade havendo escrava;
E ha muito os olhos d'ella com doçura
Mais o céo desenharam da ventura.

No entanto, a quem sagrara num momento
Nome de esposo, o tinha consternado,
Logo obrigando-o todo, que pesado
Fôra aquelle espontaneo movimento.
Maldita tribu!... Exclama: affeiçoado
Não será vosso aquelle sentimento,
Que inspira-me a villeza contra a selva
Patria, banhando em odio a doce relva.

Não será, que jamais darei meu voto
A'quelle chefe, cuja ideia insana
De paz, impoz-me a filha mais tyranna,
Em cujo rosto a soberbia eu noto:
Não será, que jamais á tribu ufana
De victorias verá mais brando loto
Na fresca praia, com doçura a vida
Banhando, ao pé da selva estremeçada

Se estas aguas do rio mais formoso
Que bebo, são d'aquella tribu certa,
Que ha tantos annos a mansão deserta
Pisa com garbo, e passo estrepitoso,
Me ouvirem delicadas, que se acerta
Feia alliança ao tempo caprichoso,
Não banharão seus filhos derradeiros,
Nem os cerros virão gentis guerreiros.

Eu não; serei d'aquella, a quem se estende
Toda a terra humilhada, e com ternura,
D'aquella tão risonha quanto pura
Visão, que só a mente insana entende:
Guardal-a-ei da cálida espessura,
Que só dos céos aquella graça pende:
Selvas, ouvi-me! Sou de quem suspira,
Quando a vossa folhagem toda expira!

Essas imagens gratas deslumbrando
Iam a mente do selvagem, cheio
De altiva confiança, em cujo enleio
O coração ficava palpitando.
Já não caminha triste, com receio
De não ver o gigante, que atroando
Estivera algum tempo aquelle mundo,
Onde a bocaina clama em som profundo.

Já os diversos montes, conglobados,
No horisonte contrario appareciam,
E os precipicios feios, que escondiam
Os segredos de abysmos encantados:
Bravias onças nos pontões rugiam
Dos penedos, que estavam reclinados
Para a costa sombria do occidente,
Onde jazia o monstro impaciente.

Viam-se aquelles montes, onde o rio
Claro perpassa, meigo e descuidoso,
E o bosque negro, d'onde estranho goso
Bebe o errante indigena sombrio:
O crystallino leite, deleitoso,
Das aguas dorme no deserto frio:
Guaribas sobre os ramos saltitavam
Com assobios tristes, que espaçavam.

Já na floresta o passo penetrante
Movia o indio, entregue á scisma sua,
Ora esperando a noite e branca lua,
Ora o sorrir da aurora fascinante:
Sobre a cabeça a penna, que fluctua,
Dá-lhe essa graça viva e provocante,
Com que todos da tribu manifestam
As forças, que nos braços sempre restam.

Emquanto a india esposa mais sentida
Chorava aquella ausencia inesperada,
Só, na taba, erradia e desgraçada,
Quasi em prantos banhando a triste vida,
O esposo, em cuja frente alevantada
A ideia audaz ardia estremecida,
Longos dias espreita o acampamento
Do estrangeiro, com firme acatamento.

Muito assoberba a fina hypocrisia
Deste ingrato selvagem, triste esposo,
O carecer nas selvas de algum pouso
Para scismar na guerra, que temia:
Seu coração, comtudo desditoso,
Em negras penas o viver cumpria:
Era tormento sempre insupportavel
Sua paixão, e a guerra inadiavel.

ARGUMENTO DO CANTO SEXTO

Primeiro encontro de Bartholomeu Bueno com os selvagens confederados. — Prisão de muitos índios. — O chefe Jaurú, preso, indigna-se com a inqualificável traição de seu mais amado filho. — Cumpre-se a predição funesta do gigante contra os índios. — Morte de Guaracy no combate. — Baptismo concedido ao índio Anhangaiá, já filiado ao acampamento dos paulistas. — O primeiro glorioso encontro de B. Bueno com os selvagens é seguido de magnífica victoria. — Hortiz dá um banquete nas selvas á vencedora colonia. — Baptismo de Anhangaiá. — Lélia.

Quando o luar sereno se expraiava
Nas doces ribas do immortal ribeiro,
E o verde leque do gentil coqueiro
Da brisa ao manso beijo se embalava,
Ouvindo aquelle cantico fagueiro
Da natureza amiga, que o cercava,
E ao ciciar do languido arvoredo
Batia o coração, ardente e lêdo:

Quando os raios da lua mansamente
Sobre os crystaes da rocha reflectiam,
E os cerros, que de nevoas se cobriam,
Dormiam como noivos docemente;
Quando os sons da floresta se perdiam
No concerto da noite, á sombra humente;
Quando o gemer das pombas forasteiras
Se ouvia sobre a copa das mangueiras:

Essas visões ardentes lhe brotavam
No coração, que havia condemnado
Ao secreto desgosto alimentado
Por impressões de instante, que o matavam:
A vida errante, o miseravel fado,
Os delirios das noites, que o finavam,
Como um phantasma insano escureciam
Alguns sonhos, que n'alma lhe sorriam.

Qual Tántalo, que prêso e posto á morte,
Ardia em longa sêde, e fome crua,
Ás irrisões da plebe exposto, e a sua
Pena carpindo com rigor da sorte,
O indio, em cuja mente já fluctua
Cruel desesperança, espera o norte,
Alcançar do deserto, ou dar guarida
Á existencia infeliz, que traz perdida.

Já findo o praso, em que tornar devera
Às tabas, em que o chefe solitario
O esperava ancioso, ao goso vario
Da esperança inclinado, em que vivera,
Sabe que está: seu crime extraordinario
Um castigo terrivel merecera:
Comtudo o pae, que soffre a villania
Da acção cruel, o espera inda á porfia.

Espera-o, que a promessa estava toda
Firmada sobre o tronco da aroeira,
Com sangue de quem tinha a derradeira
Jura patenteado em longa ródá:
Não lhe é dado explicar d'outra maneira
Cruel tardança: o filho ainda o engoda:
Treme, suspira, volve-se tranzido,
Da ideia atroz, cançado e esmorecido.

No entanto aquelle filho, a quem não tinha
O coração paterno entregue, cheio
De amôr, e de engraçado e casto enleio,
Como n'um pae tal cousa se advinha,
Em terra patria pisa, que o receio
Materno se desfez quanto convinha;
E, reflectindo misero em seu fado,
Se julga mais que triste, um desgraçado.

Quer sustentar a lucta, que se trava
No coração miserrimo, e suspira;
Quer apagar o incendio, que lhe gira
Na mente da loucura quasi escrava;
Mas o pensar mais forte mais conspira
Contra a doce esperança, que o banhava:
Pae, só elle sentir sabia a pena
Da vil traição do filho, não pequena!

Antes aquella insipida montanha,
Antes aquellos mundos o esmagassem!
Antes aquellos rios o afogassem,
Que ver no solo patrio um'alma estranha!
Que os tufões do deserto o arrebatassem
A'quelle estranho mar, que os cerros banha,
Onde aos peixes piedade, ou feia morte,
Rogasse: não soffrer d'aquella sorte!

No entanto o filho ingrato embevecido
Naquelle amôr, escravo da esperança,
Da floresta a suave e leda frança
Abençoava alegre, ou distrahido;
Que a selva para elle sempre mansa
Velava o acampamento prevenido;
E tinha-o reservado e bem seguro:
Que de esperanças nutre-se o futuro.

Sem que julgada fosse a lei proposta
Por Guandirá, que concertara o plano
Da guerra, contra o másculo tyranno,
Que já passado tinha a serra opposta,
O indio fugitivo, de odio insano
Contra a patria infeliz, que mais desgosta,
Se partira imprevista, e injustamente,
Para os desertos fundos do nascente.

Não só o amôr deixando, mas ferrenho
Peito a crueis vinganças animado,
Cançando estava o chefe respeitado,
Em quem furor mortal franzia o senho.
Sôa o boré no cerro assignalado;
Já na fogueira á noite o enorme lenho
Das selvas arde, e a tribu inteira accede
A' proposta do rei, que apoio pede.

Pois demonstrado tendo o duro engano,
Que custar-lhes a vida bem devia,
A todos mostra haver chegado o dia
De combater-se o branco deshumano;
Embora o filho, a quem ninguém valia
Por seu procedimento mais que insano,
Aos brancos expuzesse a vida inteira
Da tribu dos tupis, nação guerreira.

Mais valia morrer, deixar a vida,
A taba, o coração, o amor e tudo,
Ou ser lançado pelo forte escudo
Dos combates á sombra escurecida;
Do que servir escravo, louço e mudo,
A' gente branca de ambição perdida,
Como os escravos do perverso Egypto,
Em loucura, ao rei vil, ao rei maldito.

Não tinha o indio ingrato, que deixara
Em confusão medonha a tribu amiga,
Aquella força da alma, que se abriga
Ao tracto, que de longe celebrara;
Nem quando o coração na idade siga
Só a verdade pura muito rara,
O indio é certo, é verdadeiro amparo
De quem foi seu tutôr, ou amigo caro.

Do exemplo filial saudosa lenda
Refere a historia longa do passado:
Dècio era rei, mas inclyto, afamado,
Alma da qual não consta ideia horrenda;
Que de espirito forte e emancipado
Foi, como é factó, i'migo de contenda,
Tudo julgando a bem de algum direito,
Recto no cargo e pela patria acceto.

Mas, esse grande amôr, ardente e puro
De pae, que o filho presa como a vida,
Quer corôar aquelle a quem convida
Para reger os tempos do futuro:
Não valem pensamento e fé sentida
Do rei, que sonha aquelle bem seguro:
O esforço é nullo, e tudo foi perdido,
Que o filho assim responde engrandecido:

Vos devo, pae, sincera obediencia,
Respeitô grande e filial bondade,
Mas não pensando já na tenra idade,
Que pobre está da longa experiencia,
Porém naquella propria autoridade
Que eu vos louvo, e na amplissima sciencia,
Exoneræe-me vós, que sois distincto,
Da commissão que me caber não sinto.

Applauda o povo a soberana falla
Do principe fidalgo, e tão sensato,
Cujo affavel, distincto e serio tracto,
O proprio pae respeita e mais propala:
De espanto cheio, ao filho humilde e grato,
Pesando-lhe as razões alli se cala;
E, abraçando-o com prantos de alegria,
Com todos solemnisa o grande dia.

Tal sorte emfim não tinha o chefe activo
Dos indios, que esperavam defendel-o,
Com quem não respeitava o amigo zelo,
Nem tinha o coração de amôr captivo:
Era difficil mesmo de entendel-o,
Pois qual um rei julgado, forte e vivo,
Fôra da tribu inteira, a quem medonho
Em longa dôr transtorna o ledô sonho.

Cruel melancolia se apodera
Do velho pae guerreiro, que não sabe
Quando esse mal presagiado acabe,
Ou si a lingua do monstro um novo gera:
Roga a Tupan que o céo emfim desabe
Sobre seu rosto, que a tristeza altera:
O filho tinha-o posto em tal loucura,
Que sem sentido iria á sepultura.

Pesando Guandirá sua alta ideia,
Mais que o furôr de um chefe, que se teme
Da insidia má, da dextra vil, que espreme
Sangue mortal de envenenada teia,
Que todo irado ri-se, mas não geme,
Por muito orgulho, que o sorrir clareia,
Recorda as fallas, que bebeu da serra,
Na qual jazia o principe da guerra.

Règulo trahe, com odio concebido,
De Carthago os politicos famosos,
Persuadindo aos altos, e orgulhosos
Romanos, como um consul destemido,
A que os direitos quasi caprichosos
Não pesem, como é justo e permittido,
Ao que o senado approva alegremente,
Dando-lhe honras e palmas juntamente.

Mas, a sublime acção do mensageiro
O premio logo recebeu terrivel
Do povo, cuja gloria imperecivel
Inda hoje assombra o coração guerreiro.
Porém do indio barbaro, insensivel,
Punir quem ha de o crime derradeiro,
Si a selva, que é tão vasta, esconde a terra,
E já fulge o clarão de horrenda guerra?

Não eram como os dois irmãos, unidos
Em corpo e alma, um Pythias extremo
E um Damão, que do affecto luminoso
Tecem palmas aos seculos vencidos,
O indio ingrato e Guaracy formoso,
Ambos no mesmo ventre concebidos,
Mas tão diversos na existencia inteira,
Que ajuntal-os não pode a mãe primeira.

Patria solo não já desperta a idade,
De si fogosa, ardente e prevenida,
Em quem mal sabe sustentar a vida
A favor da suprema liberdade:
E, qual phantasma ou nùvem denegrida,
Passa a visão da triste iniquidade
Ante o semblante mudo e consternado
Do chefe, a quem não vale o filho amado.

Feias nuvens do alto se accumulam
Sobre a sanhuda tripode, que conta
Vingar de terra estranha eterna affronta,
Prender os cães que servos mãos açulam.
A grande ala fatidica se aprompta,
Muitos indios tupis de gosto pulam,
Sonhando a palma estranha da victoria,
Dourando a fama os tempos por memoria.

Mas o illustre pagé, o octogenario
Credor de obediencia humilde e pura,
Porque sentindo estava a magua escura
Da predição do monstro sanguinario,
Sendo alliás a mystica bravura
Signal de caso mui extraordinario,
Mais de uma vez a fronte meneiando,
Como abatido pelo mal nefando:

Logo assignala a morte desastrosa
Que o indio, o filho ingrato, soffreria,
Que o coração do principe sentia,
Conforme disse, a quadra lastimosa;
Porquanto a guerra embalde o tornaria
Feliz, sujeito á escravidão famosa,
Sem que o sentisse, ou cresse bem provada;
Que mais padece uma alma apaixonada.

E, propondo que os indios aliados,
Com seus irmãos, partissem de repente
A visitar o cerro, que gemente
Ficava a proferir sinistros fados,
Ergue altivo o semblante resplendente
Dos annos longos, mas illuminados,
Guardo a taba inteira e esmorecida,
A proteção buscar a bem da vida.

Tres vezes pois o sol aparta a feia
Sombra nocturna, e brilha radiante:
O indio chefe assim fallou brilhante
Aos tupis, se sangrando a cardea veia:
Passem á sombra as noivas, que constante
Jurando amôr estão á taba alheia,
E se permutam toda a prole amiga:
E a voz do coração que a ideia siga.

Deitados sobre a terra humedecida
Do frio orvalho passam todo o dia:
Eis o pagé as chammas á porfia
Ateia da fogueira concluida:
Mas sua lei protesta, que dizia
Ardesse algum no fogo a propria vida,
Para abrandar com pena a dura sanha
Do gigante, que á luz do sol se banha.

Em circulos concentricos se estendem
Os indios seminus, os quaes volviam
Olhares flammejantes, quando viam
As chammas, que nas sombras mais se accendem:
Os dois chefes sorrindo appareciam
Movendo os hombros, que em contrario pendem;
Mas o pagé implora ao solitario
Monstro, que move o labio extraordinario.

E, tres vezes beijando o solo ardente,
Para que fosse grande aquella fama
Da tribu toda, forte e impaciente.
De subito um clarão de si derrama
Sobre todos o principe fulgente;
E, declarando ser cruenta a guerra,
Com sua voz horrenda estronda a terra.

Um profundo silencio, entrecortado
Por um suspiro apenas mal sentido,
Aguarda o quadro ingente, em que perdido
Si atira ás chammas Guaracy amado;
Mas o pagé severo, encanecido,
Se lhe antepõe, jurando ser sagrado
O filho disvelado, e sempre caro,
Da patria que periga o forte amparo.

Mas já do centro um válido selvagem
Cahe de joelhos sobre a pyra ardente:
A tribu entôa o cantico fremente
Ao gigante, em signal de vassallagem:
A carne estala, um grito sôa ingente,
Reflecte o rosto a morbida visagem,
Os olhos chammejantes saltam fóra,
Mas a tribu em prazer se volve agora.

ARGUMENTO DO CANTO QUINTO

Inopinado encontro de Anhangáia com a jovem Lelia, filha de Bartholomeu Bueno, no banho. — Sua perseguição imediata pelas selvas, promovida pelos índios carijós. — Opinião de Frei Jorge. — Encontro de Frei Jorge com Anhangáia. — Fallas do índio ao frade, o qual, depois no acampamento, as reproduz ao velho B. Bueno. — Protestos do filho de B. Bueno. — Castigo inflingido ao servo Paulo, pagem de confiança de B. Bueno.

CANTO QUINTO

Há naquelle regato, em que se espelha
Todo o brilho ceeste e matutino,
E o sol fulgindo ao rosto peregrino
Do seu crystal no fundo se apparelha,
Vae banhar-se a donzella, em quem divino
Mostra o semblante a divinal scentelha;
E á margem d'ouro sobre a qual luzia
A mais completa, e bella pradaria:

As vestes deixa, que as celestes pintas
Fingem a côr da solidão nocturna,
E da aurora na fina luz, diuturna,
Se ostentam de seu rosto as roseas tintas:
Volve os olhos em roda, e longe a furna
Da inimiga peleja esconde as cintas,
Nas quaes eternamente a natureza
Gravou piedosa as sombras da tristeza.

Como era linda á sombra do arvoredó,
Que, com seus ramos, ensombrou as aguas!
Repetem-lhe mimosas, ternas maguas,
Os passarinhos, que acordaram cedo!
Da viração nas azas, quando as fraguas
Da rocha viva escondem-lhe o segredo,
Corre o perfume das queridas flôres
Branças, banhando a nympha dos amôres!

Emquanto só, na pedra fina e lisa
Da branca praia, a deusa incanta espera
A irmã casada, um vulto se deslisa
Por entre as sombras que o silencio altera,
Mas a donzella como um anjo pisa,
Pois num sonho lhe passa a primavera:
O indio, filho do selvagem bravo,
Lhe cahe aos pés na posição de escravo.

Um grito escapa aos labios da donzella,
Que alli se via placida e sosinha,
Que por vencida e só então se tinha,
Porém mais assombrada do que bella:
Comtudo occulta o rosto, e coradinha
Como uma rosa, mostra-se uma estrella:
Tal era emfim a casta formosura
Mais realçando a candida brancura!

Fitando o bruto, que a seus pés volvia
Humilde o rosto para o seu semblante,
Desmaia sobre a relva: e nunca amante
Disse mais do que o monstro lhe dizia!
Mas nisso o venturoso escuta ovante
A voz de Hortiz, que a fonte agora via,
Mas d'onde apenas o selvagem triste
Quer fugir desgraçado, e não resiste.

Não pode resistir, que era tão linda
A innocente visão, que elle adorava,
Que em dormindo nos sonhos lhe fallava,
Que, longe d'elles, a escutava ainda!
Mas o temor da morte em que ficava
Era bem claro; e a noite estava finda:
Por isso, emquanto assim com dôr cuidara,
Para os brutos rochedos se afastara.

Em breve acodem varios companheiros
Aos gritos da mulher de Hortiz, que tinha
Visto a donzella: com terror caminha
O proprio Hortiz, que a monstros traiçoeiros
Tão sómente a espingarda alli convinha:
Os indios máos são tigres carniceiros!
No entanto a esposa sua á casta virgem
Diz, vendo-a livre da mortal vertigem:

Querida irmã, querida quanto aquella
Que o sêr nos deu, responde-nos agora,
Pois tão pallida estás, e doce aurora
Devêra ainda te fazer mais bella,
Si, alguém, si algum malvado, andando fóra
Do pequeno arraial, nublou a estrella
De tua casta virgindade, emquanto
Mal te escondia o seio um leve manto.

Ora, me vês aqui bem cautelosa
A vigiar teus dias sem ventura,
Enamorando alegre a formosura
Das tuas faces, dois botões de rosa;
Mas, si Albano te beija a imagem pura
De tua sombra até! quem cuidadosa
Irmã na vida sendo, que não siga
Tanta belleza, que só Deus abriga?

Ella sorria agora, mas tão pura
Como o suave bogarim, que exhala
Apenas o perfume, quando o embala
A viração, com intima ternura.
Um suspiro que exprime tudo, e falla
Mais alto que a palavra, que não dura,
Se lhe escapou dos seios, onde a medo
Por certo brilha o virginal segredo.

Uma suave sombra se estendia
Sobre ellas duas, brancas floresinhas
Entreabertas á vida; e doce tinhas,
Lélia, tua alma que a sonhar vivia!
Nas horas puras da manhã tu vinhas,
Por entre as flôres, espreitando o dia,
De flammíneos listrões e céo bordando,
Sobre as verdes campinas scintillando.

E repousando a fronte, que inspirada
Sonhos de rosa ao coração formara,
No collo da extremosa irmã, que amara
Com affeição suavissima, extremada,
Immovel, muda, sem sorrir ficara,
Da apparição do indio inda corada:
Uns surdos, mas gostosos arripios,
Conservavam lhe os seios rijos, frios.

Mas os queridos e extremosos paes,
Em sabendo do caso, álli correram;
Ambos trementes logo appareceram:
Não cuidava, não cria ver-te mais,
Filha, porquem meus dias reviveram,
Porquem tudo de grande est'alma faz!
E, assim dizendo, o velho pae cobria
De beijos da innocente a face fria.

No entanto exclama Paulo, que mais certo
Do indio, emfim, o rasto descobrindo
Nas urzes, sempre andava cedo abrindo
Para o regato um trilho a descoberto:
Eia, rapazes! Si não 'stou mentindo,
Algum selvagem caminhou bem perto
D'aquella fonte... o barbaro fugira;
Mas o collar de conchas lhe cahira!

E, suspendendo alegre o colar forte;
A si gabava o sal da descoberta;
Mas Albano accrescenta: A mão que aperta
Este collar, que o trouxe d'outra sorte,
Aos indios, creio, está constante aberta,
Para privar-se da certa morte;
Sendo por isso o bom descobridor
Um nigromante estulto, e sem valor.

Emfim, passado o caso, Hortiz indica
A Paulo o novo trilho, sustentando
Serem do indio os rastos; mas, clamando
Por longo tempo, o servo aos valles fica.
Eis nisso os mansos indios, que estudando
Estavam, d'onde a terra era mais rica,
Em tropel se despedem, mais ligeiros
Que os cervos, quando os cães lhes dão primeiros.

Já muitos d'elles augmentando a scena
Dirigem-se, volvendo alguns olhares
A Paulo, que desperta agora os ares
Com certo silvo, que a qualquer serena.
Por isso alguns espertos, com seus pares,
Entram nas selvas, caso que bem pena
Ao disvelado missionario, o amigo
Da taba, que corria algum perigo.

Porque tornal-os – replicara o frade
Comparecendo triste – á selva horrivel,
Onde, si fogem todos, mais possivel
Sobre nós volverão, com crueldade,
As settas arrojadas do invisivel?
Não será esta a seria autoridade?
Alto clamou Frei Jorge, penetrando
Tambem nas selvas, seus irmãos buscando.

Algumas horas se passaram, quando
Ao grande acampamento, e sorridente,
Frei Jorge torna, andando mais ardente
Que dos indios amigos todo o bando.
Alviçaras! Alviçaras! Que a frente
De todos nós o Altissimo velando
Por nossa liberdade, e nossa vida,
Tem me enviado á terra prometida.

Bueno e Hortiz abraçam pressurosos
O missionario, um pouco ensanguentado,
Que um arco forte ao collo pendurado
Trasia já dos bosques perigosos,
Emquanto um indio manso apresentado
Era por elle a todos duvidosos,
Porque estavam surpresos reparando
O sangue, que inda vinha gottejando.

Grande é Aquelle, ó filhos, que seus olhos
Divinos, e brilhantes como a estrella,
Põe na creança em quem piedoso vela,
E no adulto, que marcha entre os aþrolhos:
Grande é Aquelle, que uma luz singella
Lançou da vida incerta entre os escolhos;
E que sustenta a vasta immensidade
Com soberana, e altissima igualdade.

Aqui 'stou, que vos digo: ardente prece
Erguei do seio d'alma ao Deus eterno,
Que, velando por todos, mais paterno
E' por aquelle, que seu bem carece:
Ora, cahira sobre nós o inferno
Da escravidão, que a morte não esquece,
Dos indios d'estes bosques, si não fôra
Do nosso Deus a força protectora.

Na quebrada do valle, em que dormia
O nosso pagem, que a caverna d'ouro
Abrira, como altissimo thesouro
D'estes trabalhos, em que a fé se cria,
Saltou-me á face um indio, que o não douro
Como escravo dos nossos, pois media
Tres metros só de altura, qual prodigio,
D'elle sendo na fonte o mau vestigio.

Mas logo disse, rindo-se: Não temas,
Amigo, que de paz em paz caminho;
Sou filho, não dos paes do gé visinho,
Mas da terra onde sirvo de alguns themas;
E d'elles venho atravessando o espinho,
A resolver horrificos problemas:
Eu vinha só trazer-vos bruta guerra;
Mas, por amôr do amôr, a paz me encerra.

Mal que entendesse a lingua do atrevido,
Pelos gestos fagueiros com que vinha
A declarar-me a paz, emfim sostinha
Meu coração por certo esmorecido,
Inda que a fé, que a vida me mantinha,
Me desse algum poder, que destemido
Nem sempre o homem vive, que é tão só,
E, como sombra, se desfaz no pó.

Propoz-me, embriagado de alegria,
Vir habitar comnosco, mas travada
Que fosse a guerra da nação malvada,
Com que seu velho pae já se entretia;
Porquanto — accrescentou com voz pesada —
Já do nascente o seu irmão corria,
Com Tanary, de quem a tribo inteira
Fiava-se da paz, não traiçoeira.

E mais: que tinha longos, tristes mezes
Espionado errante a nossa gente,
Pouco a pouco por nós a raiva ardente
Perdendo, a imaginar em taes revezes;
E que, comquanto andasse bem prudente
Por não matar o chefe algumas vezes,
E' que no peito seu alguma chamma
Mais augmentara seu sonhado drama.

Que seriam de noite, em que estivessem
Bem collocados todos, e acampados,
Os primeiros ataques, mas guardados
De altivos cedros, que traições tecessem,
Porque não fossem vistos, e esmagados
Das balas, e estampidos que chovessem:
Isso dissera o pae, que se tingira
De urucum, mais a tribo que o seguira.

A' primeira batalha, o encontro vivo,
Para extinguir a nossa força inteira,
Que não ficasse emfim d'outra maneira
Dos vencidos senão um só captivo.
E mais fallara o indio, que altaneira
Face mostrava, si um sorriso altivo
Não cerrase-lhe a bôcca, mas da pena
De recusar-se á sanguinaria a scena.

Porquanto — accrescentou — não temo a guerra
Por vós, nem vossos servos cautelosos,
Mas por uns olhos vivos e formosos,
Por um rosto, que a magua me desterra.
Quero aprender os nomes gloriosos
Que a sua lingua encantadora encerra,
Que é d'esse azul, aonde o sol rutila,
E a estrella d'alva de manhã scintilla.

Eis-me do conto amante embaraçado;
Mas, reflectindo em tão cruel momento,
Por isso que de amôr o sentimento
E' incapaz de estar num peito errado:
O amôr, que inflamma todo o pensamento,
Existirá num coração malvado?
Pois um feio selvagem, fera apenas
Pode beijar um rosto de açucenas?

Mas, disse humilde: enquanto ella cantava
Mais formosa que o dia, triste, mudo,
Eu tremulo do bosque ouvia tudo,
Tudo que aquella bôcca murmurava!
Meu tacape invencivel, duro escudo
Para abater a tribu toda escrava,
A seus pés quebraria, e sem piedade,
Si nella estava a minha f'lecidade!

Ouvi, meus filhos — replicara triste
O missionario, erguendo a branca fronte —
Fôra capaz de atravessar um monte
Com tal prodigio d'Alma que lhe assiste!
Após, fitando as voltas do horisonte,
Mais altivo exclamou: quem me resiste,
Si nos seus olhos, claros como o dia,
Minha imagem notar com alegria?

No entanto, ouvindo a sua falla estranha,
Tão fertil pois, esperancei-lhe o seio,
Porquanto agora em disvelado enleio
Seu coração num tal prazer se banha;
E comsigo, em tão alto devaneio,
Heróe que sahe de altissima montanha,
Já prelibando sente a luz da gloria
Inundar-lhe a recondita memoria.

Bartholomeu Bueno, a quem a sorte
Não protegia certa, mas contraria
Áquella vida, como a luz tão varia,
Do amôr paterno, que é sublime e forte,
Tornando a guerra quasi extraordinaria,
Que, semelhante a dôr, trasia a morte,
Quiz fallar, mas não pode, estava mudo,
Frio no olhar, no rosto, n'alma, em tudo!

Animo tendo, filha idolatrada,
— Disse elle emfim tres vezes suspirando —
Para guardar-te do terror infando
D'aquella gente escura, e condemnada!
Para vencer o exercito nefando
Temos a cruz do martyr sustentada,
Como estandarte sobranceiro á guerra,
E a todo o crime, que horrorisa a terra.

Mas, ajuntara Hortiz, o nosso povo
E' limitado, fraco não, mas bravo;
Comtudo, de que serve o servo ignavo,
Como estes indios, cuja acção não louvo,
Os quaes já devoraram vosso escravo
Mais viril da campanha, forte e novo,
Como estes indios nossos, que se exaltam
D'esses negros aspectos, que nos faltam?

Eu affrontas não sei vingar de setta,
Mas de espada, arma branca e respeitada,
Por ser d'um cavalheiro a nobre espada,
E a palavra o penhor de um'alma recta!
Mas a bôcca da tribu sempre errada
Nos tem lançado acerrima indirecta:
Âs armas, respeitaveis cavalheiros,
Que cidadãos nós somos brasileiros!

Nisso o jovem Bueno, o bello filho
Do venerando chefe, erguendo o emblema
De suas armas, o fatal problema
Da guerra em si resolve, que andarilho
Na acção, que alimentara um certo lemma,
Era o primeiro em tudo; e tinha o trilho
Seguro resolvido á fé serena:
E ao pae assim resolve o caso em scena!

Não tolhendo-vos, pae, direito nobre
De fallardes aos vossos companheiros,
De instruídes a altissimos guerreiros,
Em cujos corações o ardor se encobre,
(A estes pois, que sabem ser primeiros
Na lucta, que suprema se descobre)
Perdão vos rogo d'essa phantasia,
E tambem de tão aspera ousadia.

Mas bem sei eu, que um'alma delicada
Como a vossa, que emfim de amôr **palpita**
Pela querida filha, a mais bemdita
Estrella de vossa alma muito amada,
Cuja affeição tão forte eu vejo escripta
Em toda a vossa vida sempre honrada,
Fallar não pode em tão cruel momento,
Prêsa constante d'outro sentimento!

Aqui me ordena o bem de annunciar-vos
Toda a verdade, horrivel, mas segura;
E, si um'alma tão baixa entre nós dura,
Certamente me cumpre aconselhar-vos:
Sombra do crime, sombra que procura
Dos vossos bens, das honras despojar-vos,
Sombra vil, que dispõe mortal perigo
Contra da patria um coração amigo!

O nosso mestre, que o sagrado lenho
Em que morreu Jesus humilde adora,
De vossa filha tão mimosa chora
O infortunio, em que mais eu não convenho:
Tal como a noite que, nublando a aurora
De incerta vida, imprime um vil desenho,
Mil planos revelou do monstro horrendo,
Que o vosso sangue aos poucos vae bebendo.

Á taes palavras jura ser verdade
O destemido moço o que dizia;
E aquelle, a quem a accusação feria,
Aponta com solemne magestade:
Em tudo a scena explicita fazia
Nadar o sangue á longa impunidade:
Mas o chefe, encarando o mexicano,
Murmura com terrôr: Albano! Albano!

Em ferros posto o misero sorrira
Das sensatas palavras do adoravel
Jovem, de cuja voz irrecusavel
Todo o castigo justo em si cahira;
E, com sorriso ainda detestavel,
Dentro do peito vil o mal sentira
Do effeito já cansado, e não murmura,
Pois qual pedra é sua alma bruta e dura.

Paulo, entretanto afflicto, se dispunha
A defendel-o, embora a ferros posto
Sentisse inda mais forte o cru desgosto
Da perda da riqueza, em que se punha;
Mas, enxugando as gôttas, que no rosto
Se deslisavam, morde, e enterra a unha
Nas proprias carnes, victimas da sanha,
Que lhe ferve terrivel pela entranha.

Ao vel-o assim tão rábido, sereno
Hortiz, agil, o prende, condemnando
A' prisão, na qual tinha o bem nefando
Companheiro, mais fino que o veneno.
No occaso a fronte agora está pousando
Do dia o astro com fulgôr ameno,
E o crepusculo triste, e mais sombrio,
De sombras inundando o fresco rio.

As arapongas nos ipês pousavam
Com estridentes cantos, que se ouviam,
A' distancia nos carros, que vestiam
Gramineas tenras, onde os bois pastavam:
As cigarras tristonhas produziam
Nos valles meiga orchestra, a que juntavam
As brisas pela selva os ais queixosos,
Como si fossem versos a lacrimosos.

CANTO SEXTO

Dormia socegada a tropa ingente
No acampamento vasto, e mal coberto;
Longe, no melancolico deserto,
Se ouvia murmurar branda corrente;
Longe, nas sombras do horisonte incerto,
Mostrava a lua o circulo crescente;
Seus doces raios d'um pallor sombrio
Casavam-se co'a voz do triste rio.

Era linda nos céos, bem como aquella,
Que mal veste innocente o branco linho
Na noite nupcial, quando baixinho
Murmura o noivo: como és pura e bella!
E sobre as rosas do encantado ninho
Despe a corôa placida e singela:
Tão linda, mas no azul da immensidade,
Doce espargindo a casta claridade.

Um sonido, já terno, e já mimoso,
Era a única voz da natureza!
Não! Não tinha mais vida, ou mais belleza
A paisagem da tarde em céu formoso!
Não! Não tinha mais graça, ou mais tristeza
O mar do que o painel d'um ar saudoso!
Tudo alli, num só cantico profundo,
Soá o genio ser do Novo Mundo!

Como que os anjos lá dos céos desciam
Na escada em luz de esplendidas estrellas,
Ou que as nuvens moviam-se mais bellas
Que os sonhos d'ouro, que na terra haviam;
Ou que mil beijos de gentis donzellas
Sobre os labios dos anjos se imprimiam;
Pois que no manto azul do céu divino
Era talhado o universal destino.

Grande rumor de guerra se escutava
Ao som dos maracás, ardendo infrene
A prole, em quem jamais a luz não leve
Duvida atroz, que a muitos lacerava:
Ruge o trovão de Yêdra, que serene
A prole dos tupis, que a torna escrava,
Só, nos desertos, indecisa e fera,
Quando estrangeira furia em roda impera!

As armas tomam de fabrico estranho
Na floresta, que proxima se via:
Este robusto a clava empunha, e cria
No collar, que imitava a côr do estanho.
Aquelle á setta e ao arco se confia
De quem não foge do sanguineo banho:
Todos emfim, á voz do boré forte,
Promptos caminham convidando a morte.

Eis o chefe no grupo se assignala
Os membros rijos bruto meneiando,
Como quem segue um pensamento, ou quando
No coração secreta voz nos falla;
E, pelas selvas asperas marchando,
A seus pés treme a terra, a pedra estala;
E a propria sombra do selvagem fera
O ardor dos seus de mais furor tempera.

Na frente os mais robustos se diziam
Palavras de certissima victoria;
Outros, mais outros na sonhada gloria,
Como inspirados incolas seguiam:
No entanto Guaracy, em quem memoria,
E tristes casos maguas suggeriam,
Tres vezes murmurou, sostenendo o pranto:
Maldito o pae que o filho esquece tanto!

Mas, ao rugir da trompa assustadora,
Ergue-se todo o acampamento fóra:
Acena Hortiz, que a divindade implora,
Aos seus a onda horrisona e traidora:
Bueno, o grande, se alevanta agora
Mais forte que Alexandre, mais que fôra;
E, no plano escurissimo e selvatico,
E' mais que todos prompto e muito pratico.

Chovem no campo de horrida peleja
Settas, que os ares vão rompendo fortes;
Surgem por turmas asperas cohortes,
Mas o fuzil, que rapido flammeja,
Vinga de alguns as traiçoeiras mortes:
No horror a confusão fatal negreja:
Sibila a rija bala, a bomba atrôa,
D'uns a cabeça pelos ares vôa.

Era uma scena horrivel, augmentada
Pela treva da noite, que occultava
Aos olhos de Bueno a turma ignava,
Que a seus pés recuara horrenda e irada;
Mas como a vaga ameaçadora e brava
Na praia rugue, e quebra-se de um nada,
Tal a gente selvagem, destemida,
Em vão tentava socorrer-se á vida.

A lucta encarniçada mais fervia
No baixo valle, e ás aguas da corrente
O sangue se mistura, mais ardente
Do que o metal, que ao ferro o fogo allia:
Prevendo a certa morte de repente
Jaurú exclama, em phrase que se ouvia,
Mas na lingua dos máos tupinambás,
Os quaes agitam feros maracás:

A's tabas! — E este grito desconforme
Por longo tempo nas quebradas sôa.
A flecha envenenada do indio vôa,
Saltando como um raio á grita enorme:
Em negra morte o barbaro, que entôa
Da guerra o canto trespassado dorme:
Os clamores os peitos revolvendo
Estão os tristes ais de dôr fazendo.

Os trabucos medonhos fumegavam
Por entre as sombras: lanças retiniam:
Os indios bravos carijós fendiam
Com tacapes as ondas, que avançavam:
Sombras e sombras e sombras mil se succedian.,
Quase insanos phantasmas, que tombavam:
Tudo, alaridos, gritos, ais e dôres,
Eram uns estranhissimos horrôres.

Cahe na segura e barbara armadilha
Um numeroso grupo de selvagens;
E prende An'gaia em baixo das folhagens
Das verdes quinas do deserto a filha:
Mas, gritando das lugubres visagens
Do valle fundo, a barbara guerrilha
Investe agora o solo, em que trahida
Se prende alli de novo alguma vida.

Hortiz, a quem An'gaia offerecera
A tribu toda, que a seus pés estava,
A multidão nos ferros apertava,
Que mal façanha a mente resolvera;
E, olhando de Anhangaia a mãe escrava,
A quem o amor d'um filho não valera,
Disse na lingua d'ella entrestecido,
Embora disfarçando o mal sentido:

Livre serás, si ao filho teu jurares
A' nossa terra a valida alliança,
Si maior somma ha nella de esperança
Do que mal, que aos nossos desejares:
Aqui tens o teu filho, em quem se lança
Sincero amôr com actos singulares:
Pois a teu filho entrego-te somente
Para que sejas nossa unicamente.

Isso dizia ao fundo da montanha,
Que os encobria agora do combate:
Era aquella proposta um disparate,
Que a furia do selvagem logo assanha:
Pois, para que da vida não desate
A sagrada união da tribu estranha,
Ao filho, que insultava a tribu inteira,
Volve um olhar de maldição primeira.

Além, no fumo que encobria os ares,
O estandarte estrangeiro se desenha;
E qual pedra, que enorme se despenha
Até rolar no coração dos mares,
Lá se semelha um tanto a negra senha
De fumo e sangue, em lugubres logares:
Ouvem-se os gritos horridos, perdidos,
Dos diversos selvagens destruidos.

Assim, durante o dia, o fogo sôa:
Hostes se reforçando appareciam,
Que dos fundos desertos concorriam,
Onde se enrosca a venenosa bôa:
Mil settas outras nuvens pareciam
Não de fumaça do fuzil que atrôa:
Rugem medonhas maracás, e clama
Toda a tribu guerreira, que s'inflamma.

Mas o invicto Bueno se apresenta
No seu ginete agora; e, sacudindo
A pluma do chapéo, por fim sorrindo
No calor do combate a gloria tenta;
E o gladio em punho horrisono brandindo
Mil vezes sobre a morte o gume assenta,
Que já não vê, nem sabe si este ensaio
Houve da tempestade ao forte raio.

Agora se encruce o campo escuro
Do fumo, que toldava os longos ares;
Rugem quaes vagas nos revoltos mares
Os monstros vis de Jaurú seguro;
Mas Guaracy, que dividia os pares,
Em que confia ardente o seu futuro,
Cahe de bruço na relva ensanguentada,
Do golpe de ligeira e fina espada.

Durante o dia a scena se renova,
E ferve do combate sempre a furia,
Qual si fosse dos campos lá da Asturia
A brava geração, que o sangue prova:
Hortiz, porque melhor aqui segure-a,
O filho a triste mãe, o gesto approva
D'Anhangaiá, que traz na pluma ingente
Um arco d'ouro fino, e transparente.

Pois assim o honrara o velho forte,
Que ao longe vôa no ginête horrendo,
Ora num lago os mortos revolvendo,
Ora nos golpes renovando a morte;
Tudo em si num furor alli tremendo
Dispede os raios do cruel Mavorte:
Ferve a celeuma escura e moribunda,
Que no sangue miserrimo se afunda.

Muitos da feia morte se esquivavam
Com rugidos de fera, á qual se lança
De astuto caçador o cão, que alcança
Fender-lhe os olhos rábidos; e estavam,
Quaes bandidos da Asturia, na esperança
Da victoria alcançar com que sonhavam,
Mas que perdida foi na sorte escura,
Julgando o que feriu-se ser ventura.

Os que com vida ainda se arriscavam
A novos golpes atirar nos bravos,
Tornaram-se de Hortiz os vis escravos,
E escravos de Bueno, que odiaram.
Que triste sorte a sorte que de agravos
Enche as miseras almas dos que acharam
Na propria terra a escravidão sedenta,
Que, com a dôr e lagrimas, se augmenta!

Poucos foram porém dos que fugiram
Para seus valles fundos e afastados;
Poucos os que de seus antepassados
Os tempos florescentes bemdiziam;
Raros tambem, não certos, os banhados
De sangue, que das chagas lhe corriam,
Foram contar aos seus irmãos saudosos
D'aquelle ataque os fados desastrosos.

Ao céo Bueno, e toda a comitiva,
Em éstos da mais intima alegria,
Rogam auxilio, agradecendo o dia
No qual a tribu toda jaz captiva:
Mas o filho do heróe, que apparecia
Ergueu á patria brasileira um viva:
Mil abraços seguiram-se apertados:
Taes são da guerra os imprevistos fados!

A tarde já s'inclina; o que se ouvia
Era agora um gemido prolongado:
Se fez num lago o campo ensanguentado,
Se fez o lago horrisona ardentia.
Outr'ora, quando Josué cançado
A terra promettida assim vencia,
Talvez não fosse tão fatal a guerra,
Que até de medo os mortos desenterra,

Presos, ligados á correntes duras,
Muitos indios revolvem-se nas dôres;
Entra Jaurú, o chefe, em quem as côres
Não eram como são agora escuras:
Tres filhas suas, intimos amôres
Do guerreiro das vastas espessuras,
Entram com elle, pallidas e frias,
No coração gemendo os tristes dias.

Mas Anhangáia passa vergonhoso
Em face d'ellas, pois olhando agora
O chefe cayapó, que preso implora
C'o semblante algum tumulo humilde,
Seu erro certamente alli deplora...
Horrível quadro a um coração brioso!
Tudo era negro, estranho aos regios olhos,
Tudo: serras, bulções, grutas e abrolhos.

Era um riso de escarneo aquella treva
A descer lenta e lenta ao campo escuro:
Cedera o pae ao filho prematuro
Sua taba, seus bens e a grei primeva:
Um secreto pavôr, que no futuro
Desvenda a morte, em seu penar se ceva:
Misero pois! que amôr de pae não verta
Pranto que em pedra um filho tal converta!

Descia então a noite mansa e pura,
Que o triste adeus da tarde recebera:
A sombra, que em seu manto se estendera,
Conchega em suas azas a espessura:
O chefe dos cay'pós, em quem perdera
A tribu sua patria agora escura,
Volvendo os olhos d'um e d'outro lado,
Pois já despreza o filho seu amado:

Naquella voz selvatica e robusta,
Que tantas vezes influiu na guerra,
Do coração miserrimo desterra
A angustia viva, que soffrer lhe custa
Eil-o infeliz escravo em sua terra!
De tal ideia horrenda alli se assusta,
Que, fechando seus olhos penetrantes,
A' vez primeira chora alguns instantes,

Mas essas poucas lagrimas queimavam
Como gottas de algum metal candente,
Pelas faces correndo tristemente,
Que os labios tambem sangue-gottejavam;
Os pulsos entregara ao ferro ingente
Das vis cadeias, brutas, que o matavam,
Porque, vendo os grilhões do captiveiro,
A morte só vingara o fado inteiro!

Uma sonora voz desperta a gente
Do seu trabalho, que augmentara, estando
Ainda por queimar-se o campo, quando
Surge Bueno fora, alegremente;
E, seguido d'aquelle, que o fitando,
Mostra o semblante audaz e independente,
Que é seu genro, dirige agora só
Certa promessa em lingua cayapó:

E diz-lhe: Grande An'gaia, eu sei comtudo
Que triste viverás, sentindo a morte
Dos teus irmãos, a quem tão negra sorte
Coube na guerra, que transtorna tudo:
Meu gladio, que era o raio de Mavorte,
Não vale do teu braço o forte escudo:
Mas tua é minha filha tão querida,
Por quem te cumpre sustentar a vida.

E a terás; mas é força que a tua alma
Se illumine da fé, na qual vivemos,
Porque para ser justos nós nascemos,
E a justiça divina o mundo acalma;
E quanto mais humildes nós soffremos,
Mais depressa virá dos céos a palma:
E, apontando a sorrir o ethereo véo,
Bueno lhe mostrou qual era o céu.

Com signaes de alegria e de ternura,
Se mostrava o selvagem, dominado
Dum sentimento firme, e temperado
Naquella luz, que sabe da affeição pura.
O chefe então risonho, e consolado,
Por ter então a filha mais segura,
A filha, em cujo amôr sua alma tinha
Toda a felicidade, que o sostinha:

Com palavras de justa recompensa
Lhe agradece o fervôr d'essa humildade,
Em que se via aquella urbanidade
Propria do coração, que nunca pensa;
Pois que o amôr, si dôira a doce idade,
Cria a paixão no peito sempre intensa,
E, quanto faz de bello, e de elevado,
E' somente esse effeito inesperado.

Logo o sereno, e bom missionario,
Lhe traz o crucifixo, que elle beija,
E do baptismo a cerimonia adeja
Sobre o filho, que torna-se um sicario;
Mas a flôr da esperanza, que viceja,
E' que lhe affasta as pedras do calvario:
Por esse amor tão grande tudo esquece,
E christão vive só por quem merece.

A' noite, após aquella cerimonia,
Hortis, que andava alegre e satisfeito,
Quer festejar o exito perfeito
Da victoria da intima colonia:
Seu parecer por todos sendo acceito
Se effectua, lembrando a Babylonia,
Em cujo grande imperio os tempos idos
Sabiam-se vingar dos reis vencidos.

Brilham diversos fogos de artificio
Na fachada do forte acampamento;
Alguns balões levados pelo vento
Dão mostras de apparato e beneficio;
Tocam alguns rapazes com talento
Harmoniosas musicas; e o vicio
Do cigarro, em que fuma certa gente,
Faz esquecer o gosto da aguardente.

Logo se estende alvissima toalha:
Já bem risonha nasce a branca lua,
E o raio, que no espaço azul fluctua,
Doura depois “o campo da batalha”;
E a raça escrava, agora semi-nua,
Canta essa trova, que o deleite espalha,
E, despertando os risos, vae deixando
Um sentido suave, alegre e brando-

Gostosas, e adubadas iguarias,
E a codorna que assada se apresenta,
Aguçam o appetite: e bem augmenta
A lauta meza as mutuas alegrias.
A caça, que das hervas se sustenta,
E as carnes tão salgadas, quanto frias,
Movem o gosto pelo ardente vinho,
Que, como o diz Frei Cosme, *está sosinho*.

Mais de vinte rapazes divertidos
Naquelle festa as modas repetiam
De suas terras, do onde descendiam,
Mas no prazer da meza comedidos;
Porém o frade obeso, em quem se liam
Certos signaes de gula não fingidos,
Na bôcca desdentada, alegremente,
Saboreava a carne gôrda e quente.

Bartholomeu Bueno, em cujo rosto
Transparecera um riso amargurado,
Assistia o banquete, mas banhado
De algum secreto, ou intimo desgosto;
Pois, ás vezes, do gesto compassado
Ficava mudo, parecendo ao posto
Sol, que depois de esplendida victoria,
Nem já se lembra da ganhada gloria.

Era engraçado ver como comia,
Armado d'um talher de prata fina,
O indio baptisado, a quem divina
A casta Lelia, timida, sorria.
Ella inquieta a educação lhe ensina;
Mas vergonhosa o rosto não lhe via,
Que tambem no seu seio de creança
Nascia o doce amôr dando esperança.

Mas, ao clarão da lua e das luzernas,
Que mais brilho na meza derramavam,
Uns as historias contam, que agradavam,
Por serem de bellissimas cavernas.
Eis o guloso frade, em quem brilhavam
Recordações de outr'ora pouco ternas,
Propoz ao caçador, com riso ufano,
Que era o sombrio namorado Albano:

Contasse qualquer caso divertido,
Pois cahira-lhe a sorte. Sente Albano
Sorrir-lhe com desprezo o grupo insano
De tão completo jogo aborrecido.
Alguem moteja; ó triste fado humano!
Cruzaram-se os apartes, mas erguido
O frade, o microcosmo, o irmão Loyola,
Parece estar com auras pela gola.

ARGUMENTO DO CANTO SÉTIMO

Narração trágica ao fim do banquete. — O filho de B. Bueno e os índios goyás. — Descrição de um subterrâneo imenso na ilha do Bananal, que estende-se por sob o grande rio Araguaya, terminando numa das cavernas da serra dos Javahés. — Lamentações de um índio goyá.

CANTO SÉTIMO

Já desfazendo o effeito acostumado
Do satyrico genio a quantos deve
Satisfazer, negando o que se escreve
Contra o genio de um seculo illustrado,
Diz Hortiz: Escuta-me: eu serei breve . . .
A estação fresca havia terminado . . .
Era na quadra, em que a mortal serpente
Da tartaruga os ovos bebe ardente.

A igarité de manso as águas frisa:
Olha, disse-me Paulo, as vastas ribas
Do longo *Iperapeva*, em que as guahybas
Saltam, buscando a placida divisa:
Sigamos pois as ageis pirahibas:
O enorme Valle as quedas suavisa
Do novo Ganges . . . Eia certo ao largo!
Eia! . . . bradamos: Viva o nosso encargo!

Pensei que o velho pae, que nos mandara
Para as bandas longinquas do occidente,
Si alli chegar pudesse mais prudente
Passar avante a barca não deixara;
E as aguas fundas da crystal corrente,
Lympha suave, em cuja face clara
Brilhava agora o sol, dormiam quedas,
Inda banhando aquellas praias ledas.

Mas, qual o ventre de algum monstro feio,
Enormes minhocões em si guardavam,
Que as nossas carnes magras desejavam
Para o vil e miserrimo recreio:
Piratingas, e buzios que nadavam,
Das aguas agitando o brando seio,
Quaes marêtas — cardumes de piranhas —
Saltitavam nas liquidas entranhas.

Por mim, gritou meu pagem, que abaixado
Para a corrente, espreita com surpresa
Um suruby, mas d'outra natureza,
Com um cocar na frente embaraçado.
Eis logo todos nós, que da grandeza
Tinhamos certamente despertado,
Para a barquinha entramos, esperando
Surdisse o corpo longo do execrando.

Mas o pagem comido o braço tinha
Pela metade, e gritos lastimosos
Soltava, pois que os indios mais raivosos
A' tona, em turba que atacar-nos vinha,
Nadavam com furor sobre os medrosos
Peixes, de cuja escama se mantinha
Todo o terror; e agora desce ao fundo
O remo, a demandar-se o lôdo immundo.

Lá, noutra banda, a praia se destaca
Entre marneis, de cujo limo exhala
Odôr de peixes mortos: ninguem falla:
Para lutar a nossa força é fraca.
D'um tiro a certa e fulminante bala
Nem o furor dos indios mais aplaca:
O pagem livre, tremulo se esconde,
Pois de tanto terror não nos responde.

Não sendo o pagem de grandeza ufano . . .
Assim dizendo, fitam-se os olhares
Com surpresa de alguns incertos pares
Sobre as feições mais pallidas de Albano.
A's armas! disse, pois que pelos ares
As settas sibilando saltam . . . Panno
Ao mastro aqui da prôa! Sopra o vento . . .
Força nos remos . . . não nos falte alento!

Aos tiros repetidos, que acordavam
Os fundos ares, os selvagens cedem,
Que, confusos nas praias altas, medem
A distancia em que os nossos já ficavam:
Alguns naquella encosta se despedem;
Outros porém com gritos abafavam
A propria intensa colera, indignados
De alguns dos seus á morte arrebatados.

Vermelhas ondas correm, mas vermelhas
Não tornam, que subiamos, cortando
As aguas, em que o vento refrescando
Ia após outras ondas já parellas:
D'um indio audaz, que a praia está pisando,
Setta cruel sibila-me ás orelhas:
Sorri-me da façanha mal tirada
Da india, que era india a desalmada.

No opposto céo não mais que brancas-aguas,
E uma ligeira nuvem se detinham:
Mais agudos, mais rijos se entretinham
Agora os ventos nas aquosas fraguas:
As empoladas vagas iam, vinham,
Como um khoro talvez de estranhas maguas:
E já naquelle escuro, e triste véo,
Pouco depois só vimos agua e céo.

Nada modera a incerta ventania,
Que em suas azas tra-nos a procella,
Emquanto á prôa o nauta sempre vela,
Reanimando a triste companhia:
O gigante das ondas forte assella
A negra nuvem, que encobrirá o dia,
Com seu olhar sagaz, e penetrante,
Do abysmo as sombras avistando avante.

Mas semelhante a noz, que apenas leve
Numa bacia move-se ao mais brando
Sopro, a barquinha pelo abysmo errando,
A demandar as vagas não se atreve;
E, numa queda subita, estalando,
Em duas bandas se disfez: se escreve
Mal, bem mal esta scena, que impossivel
E' discrever-se a furia do invisivel!

A nado a tarde inteira alli passamos,
Ora aos destroços lugubres atados,
Ora soltando clamorosos brados,
Si contra a morte indomita luctamos!
Naufragos tristes, já desconcertados,
Sobre a praia longinqua emfim chegamos,
Aos céos agradecendo a triste vida
Tão pouco sobre as ondas garantida!

A fome em nosso estomago azedada
Augmentara esse afflictio soffrimento,
Do qual apenas vivo o sentimento
Inda surgira: a caça acautelada
Nas achegas do valle, onde sedento
O indio aguarda a especie humana errada,
Lá ficava á surdina. Estava cheio
Então o abysmo de sombrio enleio:

Vinham as sombras, vinha a noite lenta;
E a viração monotona, queixosa,
Da selva solitaria a palma airosa,
Que da frescura intima se alenta,
Movia aos ares: á expressão formosa
Da paz a terra inteira experimenta:
Eu via tudo reflectir-me a vida,
Agora a todos, triste e aborrecida.

Uma fogueira ao lago reflectia
Ó propicio clarão, que alumia
Ó semblante de Albano, o qual mostrava
Na mudez grave a dor, que mais sentia.
Tres somente ficamos, que estava
A comitiva na agua triste e fria,
Em cujo fundo exanime jazera,
Quando o tufão em morte a convertera.

Por perdidos nos tinhâmos, sósinhos
Naquellas altas, humidas paragens,
Quando uns indios goyás entre as folhagens
De arbustos lindos dos sertões maninhos,
Seus olhos pondo nas gentis imagens,
Esgares fazem, fallam-se baixinhos;
E um d'elles grita alegre por meu nome,
Antes que da surpresa o horror me tome.

Eram os nossos válidos amigos
Esses modestos índios, cujo rosto
Nos denuncia o pallido desgosto
Que sentem, nos achando em taes perigos:
Um d'elles tendo alegre á relva posto
O ouvido, escuta, e nota que inimigos
Vinhã^m já perto, e a sorte sem igual
Nos entregava ao dente canibal.

A cardea côr ao índio transfigura
Logo o semblante, o rijo seio pulsa,
Mas o goyá mais velho já convulsa,
Traz a cabeça numa ideia pura:
A sustentar a estúpida repulsa
Dos gradaús a força é mal segura;
E, já sorrindo, aponta a selva muda,
Na qual ha tempos o deserto estuda.

Marchando pois mais firme, que medroso,
Em seguida nos mostra um pousò amigo,
E nas tayobas apontando o abrigo
Ostenta audaz um gesto jubiloso:
Alli jamais a audacia do inimigo
Desceria a turbar o bello pouso,
O qual num subterraneo penetrava,
Que a ramagem das plantas disfarçava.

Em longas espiraes a grande escada
De degrau em degrau descia escura,
Deixando em cima a fertil espessura,
E qual serpente via-se enroscada.
Não sei porém que desmedida altura
Tinha no fundo a abobada fechada,
Semelhando um sepulcro, mas enorme,
Ou d'algun monstro o bôjo escuro, informe.

Sobre as paredes longas e elevadas
Eu nada via, apenas desmaiando
Incerta sombra, os olhos me cançando,
E algumas baixas vozes, compassadas:
A mão do tempo em lagrimas filtrando
Do tecto negro a cupula gelada,
Mas artistica, estava aquelle mundo
Acordando no anhelito profundo.

De resinosa tocha a luz flammante
Subito uma área sem rival clareia:
A crystallina e murmurosa veia
Torna do tecto a lagrima constante:
Uma sombra phantastica passeia
No fundo, que suspira á cada instante:
Um gemido se escuta alli divino,
Que me assignala a força do destino.

E disse o indio, o rosto inda escondendo
Nas mãos ambas: Eu era o descendente
Do gigante das selvas, tão valente,
Que nunca a tribu teve um mais tremendo!
Trahindo a taba inteira á voz ingente
D'aquelle que me obriga ao fado horrendo,
Nesta caverna, que osuario encerra
Do chefe dos goyás, o rei da terra:

Passar eu venho a noite, em que tristonha
A lua brilha na argentina altura;
E aqui me espera aquella sepultura,
Na qual meu triste pae sem glorias sonha.
Essa voz, que mais terna á sombra impura
Se lastima saudosa, aqui medonha
Tristeza acorda áquella fé perdida,
Que num lamento convertera a vida.

Aqui jazem irmãos que muito amaram;
Aqui repousam meus avós paternos;
Expondo ao tempo os seus braços maternos
Alli jazem guerreiros, que luctaram:
Dos paes valentes por esposos ternos
Além as virgens, que o cocar deixaram:
Eu só não dormirei, depois da vida,
Ao pé da minha tribu estremecida!

Eu só não gosarei d'aquelle somno
Suave e santo de quem frue a morte;
Porque, si aqui me vinga a negra sorte,
Fóra me espera estúpido abandono.
Meus sonhos, meu prazer, meu doce norte,
Murcham nas rosas do passado outomno!
E, tal dizendo, o rosto retrahia,
Para não ver-se o pranto, que corria.

Seus companheiros mudos, já absortos
Em diversos pensares, se despertam
Da scisma, em cujos penetraes concertam
Imaginarios, e enlevados hortos:
No coração as maguas mais apertam,
Na habitação dos solitarios mortos
As saudades profundas do passado,
Tanto mais sendo o tumulto ignorado.

Anhanguêra! Anhanguêra! Pae divino,
Que em tuas mãos o genio concentraste
Dos medonhos trovões, com que buscaste
A liberdade, escrava do destino;
Tu, que nas selvas nunca abandonaste
O filho agora escravo e peregrino,
Em premio d'esse bem, que me fizeste,
O pranto acolhe do meu seio agreste!

Era por esse tempo, alem nas serras,
O solio grande em comoro gigante,
Onde o guará mimoso ostenta amante
Perfeições, que não têm as outras terras;
Onde, ao halito rispido, inconstante
Do tufão que, deserto ingente, encerras,
As armas concertara, em que confia
A tribu inteira, que me ouvir sabia.

O lume da accendalha um fraco raio
A' noite sobre todos, que extremosos
Se amavam, nos semblantes graciosos
Reflectindo, pousava: ó grato ensaio!
Alguns da tribu jovens voluptuosos
Cantavam, que era nado o sol de Maio,
Nas rêdes reclinados, d'onde viam
Nos céos os astros, que eloquentes riam.

O fervente cauin, do qual gosamos
Inspirações, e encantos exaltados,
Mantinha os bravos fortes, e educados
Naquellas grandes leis, que respeitamos:
Nos musculosos braços repousados
Os filhinhos tão nedios embalamos:
Os que de taes penhores se esquivavam
Na relva, sós, com animo cantavam.

A mim cabia sustentar a vida
Da tribu, que adorava-me fremente;
A mim cabia o vivo alarma, ingente,
Perante a selva do inimigo ardida,
Quando entre chammas estalava ardente
A taba, desde a guerra combatida;
Em mim completa força, em mim possante
O genio insano, o pertinaz gigante!

Hoje, que é feito d'essa força enorme,
Que no meu peito o coração guiava?
Hoje, que resta d'essa crença brava,
Que extincta e negra no meu seio dorme?
A tribu inteira, caminhando escrava,
Chora sosinha a maldição deforme!
Em feias noites transformou-se o dia;
Somente a morte o coração me guia.

Onde? Em que selvas guardarei meu canto?
Onde? Em que frias solidões, estranhas,
A chamma lançarei das más entranhas,
Quando me queima da desgraça o pranto?
Sombra fatal do crime, me acompanhas,
Bem como a noite o congelado manto!
Eu sou a noite, que surgiu das trevas:
A que destino o coração me levas?

Neste ossuario em que meu pae repousa,
Neste desterro que nasceu da morte,
Mal descoberto ao vendaval da sorte,
Mal descoberto por funerea lousa,
já não me acorda o scintilar do norte
Da estrella d'alva, quando o seio pouosa,
Quando estremece do selvagem mudo
O coração fechado para tudo!

Porque tremúla nos brasileiro Andes
O estandarte, que a brisa agita aos ares,
E traz a viração dos altos mares
Homens estranhos pelos quaes te expandes:
As montanhas lhes dão gentis altares,
Negam á tribu seus guerreiros grandes:
Dia brilhante do passado amigo,
Porque não pude adormecer comtigo?

Não recordara com sentidas dores
Os meus penates, que adorar sabia,
Quando creança no deserto eu via
A india nova a suspirar de amores;
Quando em seus olhos espreitar sentia
Da festa alegre os matinaes primores:
Dia brilhante do passado amigo,
Porque não pude adormecer contigo?

O sol vestia de brilhantes rosas
A natureza, em meiga primavera:
Era o meu peito a virginal cratera,
Onde brotavam flores graciosas:
A' existencia enlaçava-se, que ardera
Toda de amôr, a flôr das mais formosas:
Dia brilhante do passado amigo,
Porque não pude adormecer contigo?

A flôr, que a vida perfumava linda,
A flôr dos valles tão gentil, tão bella,
Que em seus cabellos da paixão singella
Trazia as graças de uma luz infinda,
Porque perdi-a, despresando aquella
Que no meu peito se desperta ainda?
Dia brilhante do passado amigo,
Porque não pude adormecer contigo?

Mas, si a tristeza me cavou profunda
Ignoto abysmo na existencia escura,
Si a noite volve da lembrança impura
Passada vida, que antevia immunda,
Ao menos sinto da elevada altura
A luz celeste, que meu sêr fecunda,
Escarneo embora de olvidada raça,
Da qual sómente a maldição me abraça.

Todos então sentimos — continúa
O jovem — que o guerreiro sustentava
Uma lucta impossivel, mas ignava,
Que, semelhante ao pégo, ferve e estúa;
Mas uma voz finissima clamava
Como um clarim em guerra viva e crua:
Traidor! Traidor! A ossada eu guardo inteira
Nesta caverna á geração guerreira!

Assim dizendo, o facho, que sostinha
Nas mãos o indio, cahe no limo frio:
Um subitaneo, intimo arrepio
Das entranhas me sobe: a sombra vinha,
Que era o phantasma lugubre, sombrio,
'Que da ossada terrifica mantinha
Aquella fria, escura eternidade,
Como signal talvez de humanidade.

Sobre nossas cabeças claramente
Se equilibrava a sombra aterradora.
Como si o anjo da vingança fôra
Da tribu dos goyás eternamente;
E sulphurea materia, que evapora
Algum jazigo aberto de repente,
Entontecia a todos, que aterrados
Eram d'aquelles monstros renegados.

Desfeito logo o encanto, que fazia
Saltar no peito o coração turbado
A todos juntamente, em grave estado
Ficara o indio: e o espectro em si bramia:
Que se expunha sem dôr ao cego fado
O rei das tabas, o leão que ria!
Que ficaria a tribu ao fim da guerra
Escrava, tendo escrava a propria terra!

Vós, que tendes ouvido de entremezes
Largas fabulas, quasi imaginadas,
Que ides pensar das luctas encantadas
Dos indios bravos, cheias de revezes?
Ponto farei, meus caros, que abaixadas
As sombras vestem lubricos arnezes;
E o narrador do caso, que acabara,
Da companhia ao lado se sentara.

Salve, Bueno! . . . Exclama rudemente
O frade, cuja bocca se entretia
Na bem saborosissima iguaria,
Ou já bebendo algum licor ardente:
Que eras grande poetá, eu bem sabia,
Por que nasceste em lagrimas somente!
Sus, Albano! . . . Prosegue então sorrindo:
Não triste e serio, mas um conto lindo!

Mas Albano tremia, que indignado
Olhava de soslaio a quem votava
A terrivel paixão, que o lacerava,
Perturbando-lhe o espirito enganado.
Anhangaiá de amores sustentava
O coração n'algum fulgor banhado:
Era uma graça digna de outra penna,
Não d'esta lyra minha tão pequena!

Que descrever de amor a graça viva,
Os requebros mimosos da donzella,
Aquella côr tão branca, doce e bella,
Que o coração do amante mais captiva,
E d'alma a juventude, flôr singella
Aos raios da paixão talvez esquiva,
Difficil cousa me parece, ou creio
Ser para o trovador um grande enleio.

ARGUMENTO DO CANTO OITAVO

E' Frei Cosme assassinado pela india Guayra, no momento em que, sósinho no bosque, tentava violentar uma das indias presas, irmã de Anhangáia, para fins libidinosos. — Assassinato dos indios cayapós por meio do fogo, que lhes foi ateadado pelo liberto Paulo, pagem de B. Bueno. — Indifferença estoica de Anhangáia perante a morte de seus paes e irmans, cujo supplicio tinha sido precedido da angustia causada pela fome e sêde indizíveis. — Agonia de Jaurú que devora um dos proprios dedos. — Castigo infligido a Paulo por ordem de Bartholomeu Bueno. — Presentimentos de Hortiz. — Desconfianças de B. Bueno, que exige a fidelidade de seus alliados.

CANTO OITAVO

Rei Cosme, coração de sombras cheio,
A alma sómente da riqueza escrava,
Era feliz si á vista o fascinava
Qualquer bagagem d'ouro em bolso alheio;
E ouvindo a Paulo, o sêr que lhe agradava,
Que Hortiz se dava ás minas mais de meio,
Tenta a jovem se case (é bem humano!)
Com seu amigo o enamorado Albano.

Pois nisso estava a sorte do primeiro,
Que a tomasse por certa e bella esposa,
Já que o servo ignorado ao menos gosa
De ouro arrancado ao bruto aventureiro:
Ambos, porquanto a sorte é mais penosa,
Qual não cuidavam, num dominio inteiro
Traziam seus escravos contra aquella,
Que, adorando-os talvez, era mais bella.

Um dia, emfim, no bosque retirado,
Sob a fresca folhagem do arvoredo,
O bruto aventureiro attenta a medo
O chefe dos cay'pós ao tronco atado;
E, espreitando do lugubre rochedo,
A mãe e as filhas victimas do fado,
Descobre o evangelista falso e feio,
Todo captivo de horroroso enleio.

Pelos gestos de dôr e de amargura,
As tres irmãs o bruto bem temiam,
Que os dentes seus convulsos se batiam,
Todas ouvindo a insolita impostura;
E a louca e triste mãe, em quem se viam
Lagrimas santas, filhas da ternura,
Nem voz tinha com que gritasse mais,
Toda disfeita em lacrimosos ais.

Propunha o bruto de luxuria ardente
A liberdade, em troca de um desejo,
Nos seios nus das virgens longo beijo
Imprimindo, já tremulo, e contente,
Como afagando aquelle certo ensejo
Em que d'elle seriam certamente,
Que, pois, estavam quasi moribundas,
Postas a tractos de paixões immundas.

Mas, quasi contra o seio tendo aquella,
Que elle mais tinha tanto enamorado,
Cahe ferido d'um tiro, e ensanguentado
Levanta-se, clamando o nome d'ella:
Mas a ferida e o sangue derramado
Não lhe dão tempo de abraçar a bella,
Pois que tres vezes, maldizendo a sorte,
Padece miserando a certa morte.

Albano corre ao sitio, em que jazia
Inerte e morto o caro companheiro,
Que fugira da Europa, e aventureiro,
Mas como justo o povo o conhecia.
Falsa ideia! Que o rosto é o derradeiro
Que demonstra o fulgor de um'alma pia;
Que as acções de justiça, acções divinas,
E' que revelam almas crystallinas.

Alguns selvagens de Bueno escravos
Assistiam a scena, que indignados
Seus olhos eram, raios bem vibrados
Despedindo, e vingando os vis agravos;
Emquanto Paulo e Hortiz, ambos chegados,
Mostram-se aos indios altanados, brávos,
Em cujo peito a forte Natureza
Tinha gravado um'alma sempre acceza.

Mas do longinquo bosque, solitario,
Guayra, esposa de Anhangaiá, attenta
Para esse grupo, e a furia experimenta
De um jacaré possante e sanguinario.
Agora que a espingarda se apresenta
Descarregada, move-se em contrario,
Sobre a terra volvendo o seio afflicto,
Em cujo pó suffoca estranho grito.

Assassino! Murmura Hortiz, alçando
Bem firme a fina espada, que trazia:
— *Itú! Itú!* — Da selva repetia
Um indio escravo de prazer saltando:
Um bando de selvagens, aprendia
Tambem a portugueza lingua, achando
Ser falso aquelle sanguinario drama,
Pela vingança inadiavel clama.

Surpreso Albano, as pontas retorcendo
Da barba, que nos peitos lhe batia,
Com cynico desprezo agora ouvia
O que iam os selvagens respondendo:
E soube então Hortiz, que estremecia
Do estranho caso, o criminoso horrendo
Qual era, e como foi que o torpe frade
Fôra punido á voz da caridade.

Mas Paulo, preto livre, que provinha
De escravos paes, offende-se comtudo
Da açção nobre da india; e quasi mudo
O grupo inteiro o coração sostinha!
Elle no entanto volve um breve estudo
De vingança em seu peito, em q' mais tinha
Projectado esquecer a raça forte,
A quem devia condemnar á morte.

Por isso, e novamente os olhos crava
Nos indios, que bramiam, não da fome,
Que só o corpo ás vezes má consome,
Mas da afflicção da raça, que chorava;
E o chefe, a quem a morte agora some,
Atraz das filhas e da mãe escrava,
Nesse gelo em que dorme o verme tincto
Do sangue, que bebeu, cruel, faminto:

Num ai convulso á bôcca estende apenas
Um dos dedos, que exanime devora,
Que a fome já na morte é dura agora,
E sempre é justo o lenitivo ás penas;
E o filho, que alli chega, escuta embora
Com cynico sorrir tão negras scenas!
Era um quadro phantastico, medonho,
Que qualquer só julgara ser um sonho

Ora do riso lugubre, materno,
Anhangaiá sentia a farpa ardente,
Mas de novo sorria, que era ingente
O amôr, que lhe cavara aquelle inferno:
Ora movendo o corpo tristemente
Quasi a gritar de horrôr, voltava ao terno
Sentir d'um filho da nação guerreira,
Agora pasto vil da terra inteira.

A chamma que a fogueira alli disposta
Nutria viva, qual atroz serpente,
Enlaça pouco a pouco a mãe gemente,
E queima o pae já morto pela costa;
E ás tres irmãs, num gesto inconsciente,
Outra chamma, mais outra o seio tosta,
E terrivel, fatal mas sempre ardendo,
Vae seus membros mimosos desfazendo.

A tão medonho quadro Hortiz esconde
Entre as mãos ambas o semblante mudo;
Paulo sombrio encara ás vezes tudo,
Mas aos gritos das loucas não responde;
E o filho que, mais barbaro e sanhudo,
Não sabe o que dizer, passeia aonde
Jaz o objecto cadaver, que o consola,
D'aquelle que em seu sangue emfim se atola.

No entanto aquelles pobres, tristes filhos
Dos tupis, que a mortalha não tiveram,
Por mil vezes nas sombras se morderam
Da raiva, em que se ostentam mutuos brilhos;
E sendo irmãos, que Paulo e Hortiz houveram
Dos intimos sertões nos grandes trilhos,
Sabem sentir a magua da incerteza,
Que lhes ficou num resto de pobreza.

Agora inconsolaveis da amargura
Causada por tão grande sacrificio,
Davam gritos medonhos ante o officio
D'aquella gente barbara e tão dura!
Mas da ideia em que vive o torpe vicio,
Que se alimenta da malicia impura,
Longe estavam, nem quasi a entendiam,
Que outras paixões no peito lhes ferviam.

Ora, chegando após da ignobil scena,
Bartholomeu Bueno e o frade amigo,
Mandam lançar no mortuario abrigo
De Frei Cosme o cadaver, que não pena;
E, quasi enfurecido emfim comsigo,
O grande velho attende a lei serena
Do martyr que, na Cruz da pena atroz,
Seu puro sangue derramou por nós.

Então, fitando os mais, que não ousavam
Balbuciar siquer um só conceito,
Clamou bem alto: Ao coração perfeito
Tão ignobeis acções em tudo aggravam!
Eis aqui'stou! . . . E pondo um certo effeito
Nestas palavras taes, que attribulavam,
O motivo inquiriu num auto breve
D'aquelle horrôr, que a pena mal discreve.

Todos, e não o frade austero e puro,
Que chamava-se Jorge, estremeceram;
De Paulo os labios pallidos tremeram,
Pois não pesara o caso bem seguro:
Anhangaiá, a quem sempre convenceram
Do mal, que lhes fazia o frade impuro,
Que dormia na morte, assiste o enleio
De Albano, que já sente algum receio.

Mas Frei Jorge, inclinando a bella fronte,
Em que o pensar profundo se antevia,
Disse tristonho: — A crença que nos guia
E' mais que a luz, que nasce do horisonte;
E um Deus existe, um verbo de harmonia,
Um Poder que dimana de outra fonte,
Em Quem tudo repousa, em Quem se adora
A justiça mais clara que uma aurora.

Pois esse Deus, meus filhos, que sustenta
Nos desertos da terra o caminhante,
O qual nascendo vive um só instante,
E cahe morto na argilla, que o contenta;
Pois esse eterno Deus, que ao céu brilhante
O brilho de mil sóes tão justo augmenta,
Não vos inspira — ó candida esperança! —
A ideia má da estolida vingança!

Já não fazendo exóticos esgares,
Albano e Paulo, tremulos de medo,
Ficaram mais immoveis que um penedo,
No duro solo, que fumava aos ares:
No braseiro flammivomo bem cedo
Liam seus crimes negros, singulares:
E os turbulentos gestos, que faziam,
Mais a scena phantastica entretiam.

Pois bem! Não ha de ser por mim vingado,
Replica impaciente o pae d'aquella,
Por quem, humilde e meigo, o indio vela
Sempre de noite firme e apaixonado.
Anhangaiá! Não vês que o crime gela
Todo o meu sangue? Estás então cançado?
Traze-me pois a imbira, um azorrague,
Para que tanta vibora se esmague!

E, apontando o liberto que tremia,
Ouvindo a sua voz alta e profunda,
Arranca-lhe a camisa, a qual se inunda
Do abundante suor na gôttta fria.
Logo Anhangaiá, em raiva furibunda,
Todo agitado e rapido, se erguia
Com furia tal, o relho suspendendo,
Que o sangue logo salta ao rosto horrendo!

Os tristes cães de caça lhe lambiam
Nos pés, a cada golpe tão penoso,
Ondas de sangue rubro e copioso,
Que das carnes vermelhas lhe corriam:
Alguns selvagens, com sorrir teimoso,
C'os outros grande khoro alli faziam,
Pois gritando, e batendo alegres palmas,
Davam crua expansão ás torpes almas.

Piedade! Exclama o respeitoso frade,
A cruz do seio palido arrancando;
E, de novo, entre lagrimas arfando,
Repete em voz sentida: Ai! piedade!
O braço então, que estava se inundando
De tanto sangue, em bruta crueldade,
De subito parou; mas sem conforto
Paulo, arquejando, tomba semi-morto.

Albano retrahira o fero rosto,
Com demudada côr e voz tremente,
Cobarde, aniquilado, mas ardente
De surda raiva, de intimo desgosto;
E comsigo jurando impertinente
Vingar o insulto a Paulo, entrou disposto
Nas selvas, que o cercaram mais sombrias,
Pois cahiam dos céos as sombras frias.

E, se lembrando do fuzil, que tinha
Sobre o rochedo lugubre deixado,
Vae a busca-lo, mas desatinado
O não encontra, como si adivinha;
Porque com elle o amor desesperado
De Guayra os desejos vis sostinha,
Como sosteve ao frade, em cuja bôcca
Vinga o soffrer d'aquella morta e louca.

Cantava então sentida a rôla afflicta
Nas mangabeiras bravas, que pendiam
De fructasinhas bellas, em que viam
Os passarinhos a ração já feita:
Os canindés nas moutas se escondiam,
Chilreando gentis canção perfeita:
Perto porém saudosas, frescas aguas
Corriam, murmurando as doces maguas.

Chamava o sino da gentil capella,
Que Lelia sorridente erguera um dia,
A' distancia d'um tiro, a gente impia,
Que nos desertos sem doutrinas vela;
E a voz do sino triste, que se ouvia
D'Ave-Maria na hora mais singella,
Soava pelos cerros afastados,
Quaes gemidos soturnos, compassados.

Então Frei Jorge, que amparava o triste,
Em cujo rosto a palidez se pinta,
Erguendo a cruz do fero sangue tincta
De Paulo, que ás doçuras não resiste,
Com que se mostra um'alma alli distincta
De quem piedoso a sua dor assiste,
A Deus ergue uma supplica sincera
Para abrandar a tribu, que se altera.

Doce balsamo entorna brandamente,
Sobre as chagas do afflicto uma menina.
Filha de Hortiz, mimosa e peregrina
De belleza, que nasce alegremente.
Paulo respira, e escuta a voz divina
Da creança feliz, inda innocente,
Em cujas lindas faces graciosas
Brilhavam castas duas bellas rosas.

Bartholomeu Bueno inda assistia
A scena, que fizera-se mais terna,
E lançando-lhe a bençã, mas paterna
De avô querido, exulta de alegria.
A infancia, doce luz da lei superna,
Que Deus bondoso ao lar paterno envia,
E' sempre a flôr, que ostenta-se mais bella
Na vida, que se abriga á sombra d'ella.

Lia Hortiz uma pagina inspirada
Do Evangelho de Lucas, escutando
O verso grave, harmonioso e brando,
Que a Biblia encerra sempre apreciada:
Eis nisso o coração lhe está fallando
Com sua voz secreta e prolongada,
Como certo prenuncio de tristeza,
Filho tão só da pallida fraqueza.

Senhor! Exclama o genro um pouco triste
Ao velho, que chegara da campanha:
Não sei porque tristeza aqui me banha
O coração, que á magua não resiste,
Pois qual pedra de horrisona montanha
E' só essa afficção, que me desiste
De esperanças, que tinha alimentado
A bem de um solo uberrimo e admirado.

Volta-se ao grupo o frade, suspendendo
Um pouco a voz, em que sombrio falla:
Cuidado pois! si alguma acção se cala,
Que o sinto bem no coração tremendo. . .
Quem ahi ha — Bueno então da sala
Do acampamento exclama, a voz erguendo —
Que se indigne co'migo acerbamente,
Não seja posto á morte incontinenti?

Ide chamar aquelles, que me estranham,
Pois indios todos são, que os tenho posto
Entre ferros no valle sotoposto
A'quelles montes, que os ribeiros banham;
Vós, servos, que me ouvis, com q'disposto
Vive Hortiz, e no valle os meus se entranham,
Correi a vel-os, ide procural-os,
Que pois convem depressa aconselhal-os!

Pois, diz ainda o grande conselheiro,
Mais uma vez batendo a mão direita
Sobre os copos da espada, que perfeita
Conservava no cinto o dia inteiro:
Eu quero a gente barbara disfeita
Em prantos a meus pés, do que primeiro
Acreditar nuns homens, que me entregam
Talvez áquelles que as traições renegam.

Si sirvo á minha pátria moribunda
Nas mãos dos mercadores portuguezes,
E' que previno os asperos revezes
Em que a vida d'um inclyto se afunda;
E sou d'aquelles que em diversas vezes
Revelo á nossa geração fecunda,
Como si deve amar á patria terra,
Que prospero futuro e grande encerra.

Pois deixareis vós outros, q' esses nobres
Governadores, grandes conselheiros,
Sejam pasto fatal dos carniceiros
Falsarios, que se mostram sempre pobres?
Sim, que me queimam raios verdadeiros
O coração, que tu, meu peito encobres!
Sou filho emfim do solo americano:
Porque temer o jugo lusitano?

Alguns applausos fortes resoaram
Entre vivas á terra americana:
Hortiz, beijando a espada, a fronte ufana
E os olhos ergue, ardentes que ficaram:
Sua mulher se exalta, e soberana
Traz o estandarte honroso, que abraçaram:
A gente ao chefe agora bemdizia,
Pois todos batem palmas de alegria.

Nesse momento, á força derribados,
Os selvagens ao grupo se apresentam,
E as cadeias de ferro irosos tentam
Despedaçar, demais desesperados;
Mas vendo o frade alguns experimentam
Vagos tremores, subito arrancados:
Poucos no entanto rojam-se na terra;
Outros em cayapó repetem: guerra!

Um circulo formaram, mas confusos
Agora soltam gritos deshumanos;
Fazem-se horrendos bem ligeiros damnos,
Pondo em relevo seus ignobeis usos;
E alguns fitando os circulos de insanos
Indios cherentes, e acroás, diffusos,
Sons gutturaes arrancam: mas não sôa
A voz do principal, que treme a tóa.

Triste o pagé do maracá suspenso,
Que anunciado tinha a triste guerra,
Dos céos baixando os olhos para a terra
Traduz de todos o supplicio intenso;
Não tatuado estando, que se encerra
O estylo agora ao captiveiro immenso,
Nem de garridas pennas enfeitado,
Nem sobre a fronte o kanitar pousado:

Não responde ás palavras, que dizia
O frade austero, que seus males chora,
E pelos seus irmãos cuidadoso implora,
Emquanto a prole indigena o assobia.
Era um quadro, que mal a pena agora
Desenhar pode, ou muito mal copia:
Cerram os indios multiplas fileiras,
Como em defesa ás armas estrangeiras.

Rodeiando-os estava a todo instante
A comitiva, que o dragão respeita
D'essa tribu infeliz, que se sujeita
Ao ferro escravo, á espição constante:
Si o laço da amisade aqui se estreita
A tribu combatida, a tribu errante,
Aquellas tristes, miserandas almas,
Choram dos muritys as verdes palmas.

Ao ver emfim disposta a raça altiva,
Prole das glorias do Equador ardente,
Bueno, erguendo a fronte impaciente,
Perdôa a raça barbara e captiva;
E ao indio apinagé, que não consente
Ser em grilhões rojada a raça esquiva,
Ordena o chefe a pratica seguida:
E assim do escravo se desata a vida.

ARGUMENTO DO CANTO NONO

Projecta occultamente o desditoso Albano um horrivel plano de vingança. — Seu primeiro encontro com a india Guayra nas selvas. — O juramento de Albano. — Acquiesce promptamente a india aos crueis projectos do estrangeiro. — Vinga-se a india Guayra, fazendo repousar o coração de seus dolorosos ciumes. — O enterramento de Lelia, a assassinada. — **Dedicação** dos servos de Bartholomeu Bueno.

CANTO NONO

Aquele cego espirito maldoso,
Que de Albano inspirava a mente escura,
Influe sua alma cheia de amargura
Ao vingativo plano caprichoso:
Não o demove o somno, que a pintura
Do bem, ou de um conselho proveitoso,
A's vezes deixa ao cerebro animado
De algum fulgôr celeste, e celebrado.

Ora, a sybilla egypcia enganadora,
Que presidia o persico reinado
Do réi Cyro, algum tempo respeitado
Por sua ideia grande e animadora,
Não valeria o influxo do malvado
Sêr, cuja acção malefica, oppressora,
Sobre os nervos do infame corrompido
Ia lançando barbaro, e temido.

Não já o somno brando concilia,
Nem ledó está, nem com riqueza sonha,
Nem lhe amanhece n'alva mais risonha
Alegre e rubicundo um bello dia:
Sua expressão é grave e mais tristonha,
Que assim demonstra a indignação sombria,
Em quem somente o effeito da maldade
Bem assignala a stulta iniquidade.

Tal como o réo, sciente de seu crime,
Penetra mudo a sala, que o descobre,
Ouvindo aquelle tribunal que nobre
Sentença aguarda, que a verdade arrime,
Tal entra merencorio, vendo sobre
A cabeça o terror, que mais opprime,
Na floresta selvatica, esperando
Surja quem bem o odio traz nefando.

Não desconfia o indio, o destemido
Amante da extremosa virgem pura,
Fosse nas selvas, na intima espessura.
A esposa um plano havendo concebido;
Nem sua força cuida com segura
Confiança, nem sabe estar temido:
Todo á loucura da paixão profunda
Sua alma entrega: e grande amôr a inunda.

Mas eis, que de improvisó aquella errante
Esposa, que na grimpa dos penedos
Passara a triste vida, os seus rochedos
Trilhando, cheia de terror constante,
Aos joelhos de Albano os seus segredos,
Como alarmando a colera possante,
Expõe em prantos: misera tristeza!
Quasi influindo a propria natureza.

A india amante, e não amada, errando
De fragura em fragura, sem comtudo
Sua vida acabar, e o peito mudo
Antes mais firme á nova dôr sangrando
Espia o esposo, estuda-o nesse estudo,
Qual mãe zelosa os filhos attentando,
E chora vendo-o rir, vendo o mais bello
Preso noutra paixão, noutro disvello.

Já de subito a voz, com que soara
Toda a paixão no peito consternada,
Se extingue; e triste lagrima pesada
Pelas faces de novo perpassara...
Vale acaso a palmeira desraigada,
Vale talvez a palma que murchara,
Vale o tronco myrrhado, o vento incerto,
A luz triste, o céu negro, o mar deserto...

Pedi guarida á gruta, que se cava
Por natureza na montanha erguida,
E amôr á sombra, placidez á vida,
Em cujas bordas ha vulcana lava:
Se inflamma n'alma a lucta fraticida,
Lucta sombria, que o silencio agrava,
E que, ás vezes, envolve a crença inteira
Nas cinzas frias da paixão primeira.

Ubás frondentes, conchas primorosas,
Collares d'ouro, perolas, brilhantes,
Kanitares gentis, ócas distantes,
E a taba, que se estende em brancas rosas,
Awaso-voitoré, aguas brilhantes,
Onde as *coonris* escondem-se garbosas,
Mais felizes que a filha do guerreiro,
Que me vistes nascer hontem primeiro:

Illusão dos meus olhos, dos meus dias,
Primores vivos da manhã da vida,
Porção d'esta existencia aborrecida,
Mãe occulta das minhas alegrias,
Ai! de que serve a indigena perdida?
Nem selvas, vem de agrestes penedias
A voz das aves escutar procura,
E a viração que passa, e que murmura.

Quando assim consolando o seio afflicto
As maguãs confessava á tarde amena,
Ouve dos bosques uma voz terrena,
E com seu nome estrepitoso grito.
Eil-a que salta e se tornou serena:
Ou morrer, ou matar, estava escripto:
mas de subito Albano, o labio mudo,
Num gesto imitativo exprime tudo.

Mas diz-lhe: E's tu selvagem formosura,
A mãe das selvas, de Tupan senhora,
E a voz da filha de um guerreiro agora
Porque no pó revolve a face pura?
Trago-te a paz á dôr que te devora:
India gentil, si és filha da espessura,
Os labios move, volve-me este rosto,
Conta-me pois teu intimo desgosto!

Eu vi nas aguas da gentil lagôa
Passar a igarité, que o conduzia...
A tarde fresca, a tarde que morria,
Em scismas, doces enleiou-me a tôa. .
Awaiso-ewoitoré, canção de um dia,
Porque dentro do peito agora sôa?
Foi elle, eu vi, com suas longas pennas;
O' Anang! Disse em lagrimas serenas.

Anang! Eu sou da tribu, que não teme
Estranhas guerras, arcos de inimigos,
Que affronta rindo os asperos perigos,
Que na voz da cascata escuta e geme.
Mais tarde seus durissimos amigos,
Suspiros de terrôr, mal que me treme,
Deram-me a cópia do sangrento crime:
Anang eis foge, a solidão me opprime.

Um dia, o pae que amava, pede rindo
Ao meu Anang o kanitar luido;
E diz-lhe: Tu bem vês que sou nascido
Do gigante, que estreita o céo infindo:
Dá-me esta clava, segue-me vencido!
E diz Anang: Um cayapó sorrindo
Vence o deserto, que Tupan consome;
Si o arco ajusta, não succumbe á fome.

Guandy mostra-lhe um riso carinhoso
Para louvar de Anang o gesto vivo:
Ao ver d'aquelle olhar o fogo altivo
Eu então disse: Que gentil esposo!
Quero-o, porque não teme o tempo esquivo
De guerra ou maldição, que ruge iroso...
Anang não! eis vacilla — Anang amado!
Deixa-me e parte: eis de Guayra o estado!

Tu, diz Albano, que estimaste a crença
Do coração completa com ternura,
Tu, que sonhaste esplendida ventura
Naquella solidão tambem immensa,
Tu, que tinhas sonhado a gloria pura
D'um futuro, que a vida nos compensa,
Não sentes mais que sombras e terrores,
Exposta a vida a interminaveis dôres!

Momento doce foi, mas não sentido
Com doçura porquem te fez captiva,
Quando a vida, infeliz, inteira, ativa,
Dedicaste ao esposo, ao genio infido.
Pobre illusão! Si ainda existes viva,
Si o coração palpita enternecido,
Efeito é só da idade, em que mais brilha
O amôr, soberba e grande maravilha!

Sim, não temas!... Estranha sobre a terra
Da amante morde o coração inteiro!
A setta ao arco ajustarás primeiro,
Embebida em licôr, que a morte encerra...
Has de ouvir de algum bosque lisonjeiro
Por sua morte a inevitavel guerra,
E vel-o caminhando louco, incerto,
Sem vida e sem amôr 'nalgum deserto!

Destruirás os brancos, que o levaram
Com prazer ao deleite miserando,
Porque da amante misera arrancando
Sêu coração, seus sonhos lhe roubaram...
Mas Guayra, sorrindo e soluçando,
Já não podia mais: e além soaram
Sinistras vozes; mas agora forte
Um feio, um negro horrôr lhe pinta a morte.

Albano, mal profere aquella estranha
Expressão temeraria á propria vida,
E já sua alma em odio convertida
Tendo, lhe approva a concentrada sanha:
Um osculo na fronte entrestecida
Da india o monstro imprime, q'se banha
Na baba da vingança projectada:
E o punhal mostra á selva entrecerrada.

E diz: Si algum deserto me cercasse
Com rochedos de altura inconcebível,
E o furacão no pégo intraduzível
Horror, peor que a morte, fabricasse,
Não tolheriam impeto impossível
Do mal, que goso, embora me apertasse
Mão de ferreo gigante o fraco peito,
Sendo esse esforço inutil e imperfeito.

Do escarneo posto á baba horripilante
Me têm algozes rábidos, que vejo
Moverem-se, com ávido desejo,
Urdindo contra a minha sorte errante:
Phantasma solitario aqui negrejo
C'os meus suspiros o ether provocante
Despertando sem vida e sem ventura,
Peior que a tua livida amargura!

Nos braços teus o esposo recebeste
Ditosa, — fosse embora um só momento! —
Mas eu sómente em louco pensamento
Pude gosar o dom do amôr celeste!
Assim a flôr do virgem sentimento
Aos seus olhares igneos desfizeste...
Mover o labio o crime que te allego!
Viveres tu assim! Andar eu cego!

Sobre esta pedra eu juro certa morte
Áquelle, que me tem a paz negado,
E podes tu, indigena, o malvado
Abater a teus pés, cumprir teu norte;
Podes, alimentando o escuro fado,
Manter os raios da inclemente sorte,
No sangue d'ella embebedar teu sangue,
E o coração erguer do abysmo langue!

Mas de Albano a vingança era mais viva,
Mais violenta, ou forte qual um raio;
E quanto aquelle miserando ensaio
De elaborar o espirito lhe priva!
Qual negro fero do paiz malaio,
Que de matar o fraco não se esquiva,
Tal o cobarde mexicano, astuto,
Ia levar ao chefe o eterno luto.

Já as selvas deixa a entrestecida esposa
Do indio ingrato, e para o norte corre:
Já da innocente a vida não socorre
Braço possante; e a maldição, que pousa
Sobre a fronte infeliz, que pende e morre,
A invadir excellencias grandes ousa
De altivos corações, nunca offensôres,
Sós da amisade altissima crédôres.

Selvas, immudecei! Aves, deixae-a!
A vida, a branca vida extincta vôa
Na aza da brisa; a eternidade sôa:
Ondas, choraes na limpidez da praia!
Alma de virgem carinhosa e bôa,
Como um perfume santo, que desmaia,
Ao céu dirige o vôo, a Deus pedindo
Onde repouse o coração tão lindo!

A ensanguentada setta o seio fere,
E copioso sangue escorre ainda;
A campanha aberta vê-se, mas infinda
E' do noivado a vida, alguém refere
A habitação da soledade é linda
Quando um'alma piedosa á sombra adhere,
Quando alguns olhos sobre os restos choram
D'aquelles, por quem sempre os bons imploram.

O canindé, que esconde a cabecinha
Sob a folhagem da campina triste,
Não canta mais, nem solitario assiste
O pôr do sol, que a pena lhe adivinha:
Ave mimosa, em placidez resiste
A pena, que aos humanos espesinha:
Tudo em volta do exilio é só tristeza:
Bartholomeu Bueno e a natureza.

O campanario geme compassivo,
Marcando o repouso sobre o jazigo;
Cerca o exilio intermino perigo,
Mas Hortiz não descansa ardente e vivo:
Não sabe si terá d'aquelle amigo
Auxilio grande, que é leal e altivo:
O missionario triste alli murmura,
Que abençoada estava a sepultura.

Trazem capellas brancas, adornadas
De cravos rôxôs e mimosas flôres,
Os escravos; e os indios já cantores
Entôam tristes nenias compassadas:
Virgineo rosto cheio de pudôres
A morta volve ás regiões douradas:
Não parece que está na campa informe,
Si sonha ainda a vida, ou bem si dorme.

De prestes longos cirios mãos trementes
Trazem piedosos moços, que suspiram;
Outros a campa insonite revestiram
De novos ramos verdes e florentes:
Um, em quem os gemidos repetiram
Queixas doridas, prantos descontentes,
Da morta os pés em beijos ameigando,
Vae os soluços da alma suffocando.

Sob a ramagem das mangueiras bellas
Passeia o pae, transido de amargura;
Não mais o olhar volvendo á sepultura
Descansa sobre as humidas capellas:
Sua alma grande, verdadeira e pura,
A tudo estranha, em conclusões singellas
Devaneia queixosa, e tristemente,
Buscando onde jazer eternamente.

A' cerimonia triste o indio amante
Não se encontrando, Hortiz a causa indaga;
Mas a memoria o tracto não lhe afaga
De havel-o posto ás miñas de diamante:
Lá se esforçando estava, que se paga
Com sacrificios a loucura errante:
Quando voltasse Albano tel-o-ia
Firme, audaz ante si, qual se dizia.

Mas do coveiro a enxada, que trabalha
O pó funereo em sombras revolvendo,
A todos estremece, e está gemendo
Tambem na humente argilla, que se espalha:
Rasga os vestidos aspera perdendo
O sentimento a mãe, que se retalha
De tanta dôr o coração sublime,
Côm soffrer da natura o impune crime.

O silencio nocturno, contraposto
A' scena dolorosa, opprime tudo:
O languido crepusculo, e tão mudo
Umbroso céu, augmentam seu desgosto:
Contra o sepulcro a força é fraco escudo;
E quem á morte volverá seu rosto,
Aceso em furia grande, que não sinta
Outra scena maior, que o céu lhe pinta?

Perder-se um ente amado é com certeza
Dôr, que o tempo escurece, e não consome,
Si na alma do que soffre o doce nome
Fica de quem se vae da natureza:
Pois menos é sentir cruenta fome
O sêr, que perde um astro de belleza,
Oû dos tigres nas garras se volvendo
Sentir que o sangue todo está correndo.

Aureliano, o imperador sombrio,
Contra Zenobia a guerra sustentando
Na Asia, os leões horrendos lacerando,
Vingando serras, valles, bosque e rio,
A seus soldados manda que, o deixando
Em sua tenda, ou grande senhorio,
Só, em repouso, não lhe perturbassem
O somno, quando os olhos o occupassem.

Mas não temendo a pena, que assignada
Estava contra todos, temerario
Grego soldado assalta o solitario
Leito, onde estava a guarda reclinada.
Preso foi; mas de subito ao sicario
Rei se apresenta, que não teme nada,
Ao qual, sorrindo com sorriso brando,
Cedida a venia, falla venerando:

Concede-me, senhor, que humilde falle
A favor só dos meus leaes amigos,
Que não pune o inimigo os inimigos,
Inda que eterno odio a dôr exhale;
Porém, si é nos mais asperos perigos,
Que o coração naquelle, que se vale
Só de sua coragem bem famosa,
Mostrar deve amisade caridosa:

Eis aqui vos supplico de excellente
Espírito o perdão só por quem teme
O açoite, e de esperal-o triste geme,
Preso, ligado aos ferros da corrente:
A minha alma em pesar bem grande freme,
Que muitos são que têm castigo ardente:
Dae-lhe, senhor, fazei-me esta bondade,
A sempre doce e amiga liberdade.

Movido o rei de tanta cortezia,
De tão profundo affecto demonstrado,
Sentindo que lhe estava um grande brado
Na alma soando, e o coração vencia;
Que o amigo bom foi sempre perdoado
Si por outrem chorando o bem pedia;
Sendo licito, ou justo, o fido amigo
Expor-se ao mais certissimo perigo:

Louvando ao servo, embora destemido
Quebrantasse o preceito seu imposto,
Lhe mostra sorridente o bello rosto
De imperador, mas recto e ennobrecido:
Perdôa então, sem sombras de desgosto,
Em nome do soldado enternecido,
Os que penando o seu delicto estavam,
E que os açoites feros esperavam..

Pois, si a amisade converter-nos deve
Em verdadeiros, justos defensôres
De quem nos paga, com iguaes favôres,
O favor grande e o beneficio leve,
Unamo-nos, sejamos propulsôres
Das leis da gratidão, que a vida é breve;
Comquanto o bem na terra seja ouvido
Por bem poucos, de poucos entendido.

Perdôa então Bueno aos seus escravos
Criminosos, em nome da amisade,
Que tinha á morta, a feia iniquidade,
De todos desculpando alguns agravos:
Mais que o rei, que sentira a liberdade
Aos servos dada, aos seus soldados bravos,
O chefe exora ao rei dos altos mundos
Inda a favor dos servos moribundos.

Feio clamôr no entanto produzira
O crime horrendo, atroz e indesculpavel;
Mas não seria pouco deploravel
Pagasse o mal quem d'elle mais fugira:
Não obstante Albano o espirito irritavel
Mostra, apontando um indio, que elle vira
Descer ás minas, offegante e feio,
Inda uma flecha tendo contra o seio.

Outro sustenta ser a villania
Ao indio forasteiro só devida;
Outro aparentemente a dôr sentida
Prova soffrer do fado, que opprimia:
Só Anhangaia a scena estremecida
Nem misero nas selvas entendia,
Pois que, ignorando tudo, e sem ventura,
No trabalho remoto mais se apura.

Mas um como fatal presentimento
Lhe annunciando estava o acontecido;
Todo o seu sangue volve-se accendido
Num espontaneo e vago soffrimento:
O bosque em sombras via-se immergido,
Era um gemido o suspirar do vento,
Que, si a rainha da belleza estava
Sem vida, a selva inteira soluçava.

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO

Bartholomeu Bueno experimenta profundos pesares, e lamenta com verdadeira magua a perda de sua querida Lelia. – O que se passa entre Anhangáia e Albano ao pé da sepultura da inditosa virgem. – Guayra e Anhangáia.

CANTO DECIMO

No sul d'aquellas regiões cobertas
De extensas mattas, e crystaes polidos,
Viçosos leitos, prados esquecidos,
Abrem caminho ás ambições espertas;
E os seculos, que passam distrahidos,
Ouvem a voz das solidões desertas;
Mas num heróe audaz, q'imita o Gama,
Arde secreta e immorredoura chamma.

Amôr, patriotismo ideais grandes,
Ambição de porvir, que aos évos falla,
Tudo em verdade ás gerações propala
O estuario dos brasileos Andes.
Que peito mais que o seu na gloria embala,
Seculo nosso, a crença em que te expandes?
A que emprezas ingentes, e arriscadas,
Guia o propheta as gerações ousadas?

Á estrella, em cujo rutilante brilho
Se espêlha a face matinal da aurora,
O grande sem ventura ardente implora
Pela patria, que chora o grande filho.
Lá das selvas na extrema, enquanto exora
O frade impuro, de seu genio o trilho
Amplio, soberbo, luminoso e forte,
Abre surda campanha á negra morte.

Era elle, que estava alli detido,
Qual nos desertos do Oriente infindo
Moysés, que a sabia lei dictou, sentindo
Do tempo o frio algoz na alma embebido.
No amôr, que n'alma a gloria descobrindo
Produz o genio, que não cahe vencido,
Tantas horas reflecte, em que suspira,
Que, si fôra cantôr, quebrara a Lyra.

D'esses tempos ardentes, e inspirados,
Que restava-lhe pois? Que sentimentos?
Que ideias, que paixões, que pensamentos,
Como os seus olhos vivos e animados?
Phrases de turba vã soltas aos ventos,
Ideias sem jamais serem gravadas
Em aureos moldes, em canções mimosas,
Cousas são que não têm copias lustrosas.

E' lei do homem desejar grandeza;
E' tambem lei dos seculos a fama;
E, quando o nosso espirito se inflamma,
Protege-o todo a sabia natureza.
Bulcão soberbo, que a celeste chamma
Entre estampidos, n'agua não represa,
Dispede, é como quem conter não pode
A dôr, que em tristes lagrimas lhe acode.

Taes movimentos d'alma que affligiam
O chefe respeitoso a todo o bando,
Estão pelas entranhas o inspirando
Contra as diversas tribus, que o temiam:
Soerguendo o semblante venerando,
Que as occultas paixões bem reflectiam,
Assim como quem sente o que não teme,
Expõe seu pensamento em phrase estreme:

Si existe alguém, que sinta como eu sinto
Se mover a traição dolosamente,
Seja conciso é claro, que inclemente
Flue o tempo, não vago, mas distincto;
Saiba-se mostrar-se honrado e independente,
Que o triste quadro, que seguro eu pinto,
Eil-o á vista de todos, mas tão feio,
Que melhor discrever me fôra o alheio.

Porque mostrar-se um coração sincero
Para guardal-o em miseravel treva?
Porque lançar ao vento, que nos leva
O sorriso, a palavra que eu venero?
Dizer toda a verdade aqui releva
Por ser notado o crime de algum Nero,
Ou que melhor em copia se assignala;
E, quando o não exceda, ao certo o iguala.

Não foi, não foi talvez o meu destino,
Que dos meus braços arrancou tua alma,
Doce filha extremosa, amiga palma
Ao coração de um velho peregrino!
Mas triste emfim perdi, na doce calma
Da primavera tua, o puro ensino
Dos labios teus, encantadora e bella,
Que vejo além nos raios de uma estrella!

Pois que no mundo só existo agora,
De que me vale a desgraçada vida,
Senão para sentir, visão querida,
A pêrda que a minh'alma errante chora?
Dá-me em silencio a magua convertida
Na fé, na doce fé que um pae implora:
Sou como o cedro mudo, e reclinado
Pelo tufão, que o tem no chão lascado.

Eu dizia ás manhãs: ella não pensa
Noutro sentir mais forte, que a lembrança
Dos annos, em que tímida creança
Brincava, e ria na campina extensa..
Como era linda a sua loura trança!
Que dotes raros! Que b'ondade immensa!
Minha filha! Meu bem! Meu sol! Meu nume!
Onde acharei mais virginal perfume?

Assim dizendo, o rosto esconde, e chora
Entre soluços, qual creança, os dias
D'aquella, que em seu peito as alegrias
Primeiras e infantis lembrava agora.
E accrescentou: melhor que o pae sabias
O tempo, em que a estação voltando enflora,
A quadra, em que mais brilho ostentam flôres
Em que o céu é doçura, a vida amôres!

Mas foi... tão branca e morta!... Elle suspira
Taes palavras, que a voz se lhe embargara,
Recordando a expressão saudosa e cara,
Quando da morte a vida se lhe abrira.
Aos céos direita e bella se elevava
Alma de um anjo; e nunca amada Lyra
Cantou nome tão puro, em que a verdade
Fosse a voz de tão pallida saudade!

Nisso Albano estremece, ouvindo um grito,
Que se escapara da alma aniquilada
Do velho, afflicto pae; mas crê pesada
A lei do amôr ao coração maldito!
Estrangeiro voraz aperta a espada,
Que ao cinto conservava; e, tendo escripto
Co'a ponta um nome na formosa areia,
A' imagem do passado então se enleia.

Mas de seus olhos do carpir cançados
Não correriam lagrimas penosas...
Misero amôr! As prometidas rosas
Eram sombras dos tempos já passados...
Albano! Albano! As noites venturosas
São do sepulcro aos vermes esfaimados!
Olha a misera mãe de dôr perdida,
Chorando a triste e solitaria vida!

Não trazem mais viçosas esperanças
Os sonhos aureos dos primeiros annos;
Transmudaram-se em duros desenganos
Os doces risos de gentis creanças;
Nem vencem mais uns olhos soberanos,
Nem brilham, nem seduzem longas tranças,
Nem ais, nem coração palpita e ama:
Só triste e longo pranto a dôr derrama.

Eis que, chegado o indio fugitivo,
O indio, em cujo labio contrafeito
Sincera dôr se lia, que em seu peito
Logo assignala o misero captivo,
Fixa em Albano aquelle olhar direito
Qual uma setta. E, qual no céo estivo
Negras nuvens ás vezes se accumulam,
Quando os tufões bravios as açulam:

Do indio agora os fortes pensamentos
Em seu craneo, quaes cyclopes, ferviam:
Vagas reminiscencias, que o trahiam,
Apunhalam-no, apressam-lhe os tormentos:
Aos céos embalde os olhos se volviam
Pelo tropel de estranhos sentimentos:
Morta! Morta! — Essa voz no espaço geme;
E, quem nunca tremeu, delira e treme.

Alguns dos que sentavam se á direita
Do chefe, entregue á sua dôr possante,
Guardam longo silencio, mas de instante
Bartholomeu Bueno se endireita;
E, pondo os olhos seus no louco amante,
A quem para seu genro emfim rejeita,
Pede ao filho das selvas, que não tenha
Outra fé, outra lei que não convenha.

Mas logo o indio, á lingua portugueza
Pouco amestrado, os olhos volve, horrendo,
Fitando o mexicano — ou mesmo lendo
A manhosa e esportissima villeza —;
Nos peitos bate, a fronte soerguendo,
Como signal somente da incerteza:
Sim! Fizeram da terra patria escrava!
Perdoar é num indio acção ignava!

Tinha soado em seu medonho seio
Esse grito de dor, e de amargura,
Que deixara no bosque a sombra escura
D'um crime, cujo horrôr se mostra em cheio;
E sabe que seus paes na sepultura
Nem repousam agora: e d'onde veio
Sua alma ingrata, digam-no ferozes
Tigres dos bosques em humanas vozes!

Mas lhe brada uma voz. Ingrato filho,
Que deixaste morrer no captiveiro
Teu desditoso irmão, teu pae guerreiro,
E dos cobardes procuraste o trilho!
Tu, que expuzeste ao ferro traiçoeiro
A tribu amiga de invencivel brilho,
Errante e só, nas selvas despresado,
Porque volves as cinzas do passado?

Porque lastimas teu fatal destino?
Quem já te oppoz o sabre dos tyrannos?
Quem teceu desalmado os teus enganos?
Ou quem te fez um barbaro assassino?
De tua esposa os olhos soberanos
Não viram-te correr, quando menino,
Por entre os valles e o deserto annoso,
Ou já colhendo o bujuhy cheiroso?

Pois não te disse eu: que vale a gloria
De ser grande na lei christã moderna,
Si essa lei não é lei, pois torna eterna
Nossa vergonha indigna de memoria?
Mas antes foste ver quanta caverna
Lá se fechava, preparando a historia,
Na qual eu não quizera ler teu nome,
Nem da tribu vencida o vil renome!

Que são as glorias da arte da pintura
D'esse povo tyranno, em quem te acolhes,
Entre os quaes por senhora aquella escolhes,
Que em recompensa trouxe a desventura?
Que estás a imaginar? Antes desfolhes!
Rôxas flôres na minha sepultura,
Que assim ao menos tu, meu filho amado,
Serás menos afflictio, ou despresado!

Mas taes palavras antes affligiram
Do unico filho do infeliz guerreiro
O morto coração, no qual primeiro
O sentimento as maguas confundiram.
Era cruel o instante derradeiro!
Alguns risos dos labios lhe cahiram,
Qual de um volcão no incandéscente jogo
Rola o fio de lagrimas de fogo.

Nem tão profundo sôa no deserto
Dos tigres o rugir, vem mais temido
Das cascatas o horrisono bramido,
Quando saúda o pégo, que está perto,
Qual a sanha, o terrôr preconcebido
Naquella alma, que sente o abysmo certo,
Onde, vendo estampado o ignobil erro,
Abre a seus pés o intermino desterro.

Pae! Amigos! Delicias do deserto!
Ah! misero de mim, d'elles, de tudo!
(Clama esse escravo, da campanha o escudo;)
Então caminha com andar incerto...
Medita, anceia, ri, descahe sanhudo
Por sobre a sepultura, que está perto;
Morde as mãos, furioso os dentes cerra,
Salta fremente, bate os pés em terra.

Então Albano, que esperava o instante
De consumil-o, manso e manso falla,
Que em dois dias a campa não exhala
Do corpo a ignobil podridão cortante;
E aquella, cuja imagem se propala
Como sol de belleza deslumbrante,
Não respirava mais, nem roseas côres
Tinha da morte aos sepulcraes amôres.

Não trahindo nos gestos vergonhosos
O odio assustador de um'alma escura,
Albano segue, e o leva á sepultura,
Onde estavam seus sonhos venturosos;
E, como fosse a tarde amena e pura,
Eram os valles meigos e amorosos:
Em volta d'elles o deserto informe
Se estendia através da selva enorme.

Era nessa estação risonha e bella,
Em que o mutum no ipê sentido chora,
E o veado, que na agua se enamora,
Sagaz ao caçador nos montes vela;
Quando a campina verde, que se enflora,
Ostenta deleitosa a flôr singella,
Que em seus desertos ávida respira
O sol ardente, que no espaço gira.

Por isso em torno a sepultura fria
De Lelia, virgem flôr que alli murchara,
A brazilea natura alegre ampara
Seu somno, que semelha um bello dia:
Em dois metros se estende a terra avara
D'esse thesouro amado, que escondia:
Um sepulcro não era, e sim um ninho,
Onde cantava á tarde o passarinho.

Eis aqui, — disse a medo o cego Albano,
Com presuppuesto riso ás faces d'ella —
O derradeiro leito, em que a donzella
Reclima o seio casto, e soberano.
Isto dizendo, ao indio o sangue gela,
Que era seu esse amor ardente e insano;
E o tacape agitando agora forte
Áquelle, a quem convida á prompta morte:

Sobre o chão mortuario se apresenta
Mais sombrio que um Átila guerreiro:
Albano, sempre manso e traiçoeiro,
Aponta a espada, e o seu furor sustenta:
Mas uma flecha ao indio alli primeiro
Salta, adiando a lucta, que apascenta:
Era um signal de amigos, que assistiam
O pleito, em que elles dois se dividiam.

Dos bastos arvoredos, que ensombrevam
A alameda segura, surge ovante
A india, esposa do arrojado amante,
Em quem de Albano os olhos se empregavam,
E, como fosse mãe, salta adiante
Tão firme, que seus halitos queimavam;
E, mal sostenendo a lagrima sombria,
Ao desgraçado esposo assim dizia:

Malvado! Pois que assim me despresaste,
A mim, que sempre te adorei constante,
Que, seguia te ardente a cada instante,
A mim, que sempre injusto maltractaste,
Escuta a minha voz febricitante
Na dôr, que neste peito assim formaste,
Mas sabe que a matei, que fui terrivel!
Como a tua paixão vil, impossivel!

Na linguagem selvatica exprimia
Em taes termos a esposa a certa affronta,
E á muda sepultura o dêdo aponta,
Cuja lembrança o esposo apenas via:
E ao indio o coração mal desaffronta
Do peito a furia, que incessante ardia:
Batem-lhe os dentes, e os esgares vagos
São signaes de seus intimos estragos.

Olha, diz ella, eu muito amei teu rosto,
Quando primeiro a bôcca me beijaste,
Como faz a andorinha, que espreitaste
Naquella tarde, quando o sol foi posto;
Que ella beijava o par, como afagaste
Depois meu seio com suave gosto...
Eu dizia-te: esposo, eu sou teu dia;
Sou a luz que o teu rosto hoje alumia.

Mas, quanto doce foi, quanto mimoso,
Tudo nas trevas mergulhaste. *escravo*
D'outra paixão: si despresaste o bravo
Trahindo a taba e o principe famoso!
Malvado! Em teu remorso agreste, ignavo,
Passa a imagem do bravo desditoso;
Vejo-a pintada em teu semblante horrendo,
Que me está toda a vida estremecendo.

Albano, que a distancia se lembrava
De tão perfeita e rispida linguagem,
Fitava então a esposa, não selvagem
Quanto o indio infiel, que se humilhava.
Nos seios da inditosa, que a miragem
De tão funesto amôr se desenhava,
Oppresso o coração, desordenado,
Bate com ancia em colera inundado.

Ante a esposa inclemente o esposo teme
A historia certa dos seus negros dias,
Emquanto Albano atrozes ironias
Profere, ouvindo a voz que triste geme:
Em tudo mostra a scena de agonias
A taça amarga d'onde o fel se espreme:
Mas não podia a scena lancinante,
Tão triste assim continuar avante.

Disse elle emfim, não lagrimas vertendo,
Que nunca o pranto a voz lhe embaraçava:
Que importa o meu amôr si ella me amava,
Quando me estás somente aborrecendo?
Por ella á morte a minha patria brava,
E meus paes, meus irmãos, ao jugo horrendo,
Tudo, tudo entreguei: si fui maldito...
Foi esse o meu destino: estava escripto!

Porque pois lhe apagaste a luz da vida?
Porque murchaste do seu riso as flôres?
Quem lhe igualava em graça nos amôres,
A graça que na morte está perdida?
Murchas estão no seu semblante as côres...
E tu, mulher, que me tiraste a vida,
Irmãs das selvas, filha do deserto,
Não vês o abysmo que deixaste aberto?

E já não pode mais, que o peito afflicto
Arfando se esquecia em dôr tamanha;
Invencivel terrôr seu rosto banha,
E mudo jaz na rocha de granito:
Sua propria expressão nem triste estranha,
Nem d'alma o cruciante e acerbo grito;
E assim, sujeito á dôr que o devorava,
Os proprios seus cabellos arrancava.

Porém mudando a voz, que se extinguiu,
Suspira longamente, embora a pena
Do seu peito, que a colera envenena,
Fosse um signal da intima agonia.
Esposa minha, eu sei que não serena
Teu soffrer, que na voz te distinguia:
Permitte pois á est'alma desgraçada
Ver uma vez a morte abandonada!

Adeus!... Soluça a misera Guayra,
Que era este o seu nome: — ingrato esposo!
Adeus! Não sentirei mais doce goso
Nos labios teus em que o veneno gira!
O'lho os céos... ólho os bosques... mas não ousou.
Tirar-me a vida, que por ti suspira...
Choro, penetro sem querer nas grutas...
Fallo, chamo por ti, que não me escutas!

Mas Albano, que ouvia os vãos lamentos
D'aquella martyr, coração tão bello,
Ora olhava os seus pés, ora o cabelo,
Ora gosava louco os seus tormentos:
Ella porém, rendendo-se ao disvello
De tão fundos, e acerbos sentimentos,
Já não fitava a terra, que encerrava
O cadaver d'aquella, que odiava!

Então, volvendo os olhos tão singellos,
Que a dôr banhara de celeste pranto,
Ante a vista do esposo o verde manto
Deixa rolar sem pena dos cabellos;
E a cinta, que de pennas entretanto
E' feita, e cobre os seus quadris tão bellos,
Desata, quebra, e nos seus pés atira,
Como si fosse a cinta alguma lyra!

E, partindo mais rapida que o raio,
Entre soluços fortes e abafados,
Percorre assim diversos descampados,
Que florescia na estação de Maio.
Ahi repete o adeus em longos brados,
Entregue ao seu ternissimo desmaio:
Estes clamores tristes, que se ouviram,
Os echos nas quebradas repetiram.

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO PRIMEIRO

Cançado de longos soffrimentos, e achando-se no deserto sem munições sufficientes para resistir aos inesperados assaltos dos selvagens, Bartholomeu Bueno resolve partir para S. Paulo, cedendo ao intelligente indio Anhangaiá a direcção do acampamento e a fiscalisação das minas. — Depois de vinte dias de penosa marcha, através dos sertões, desanima-se; apparece-lhe então em sonhos o inclyto Christovão Colombo, o descobridor do Novo Mundo. — B. Bueno dá liberdade aos escravos que o acompanhavam. — O inesperado encontro dos viajantes com alguns desgraçados selvagens.

CANTO DECIMO PRIMEIRO

HENOSA é de quem ama a triste ausencia,
E atroz o instante em que nos separamos
D'aquelles, a quem mais d'alma presamos,
Dôr que não acha allivio na sciencia:
Aquelles por quem firmes trabalhamos,
Por quem damos nossa alma e consciencia,
Os nossos filhos, que no amôr se criam,
E que os pesares nossos alliviam:

Nossa velhice amparam da tristeza,
Do gêlo que escurece os tristes annos;
Mas cuidado, meus filhos, si os humanos
Peitos encerram intima villeza!
Quantos si tornam asperos tyrannos,
Porque negando estão a natureza!
Só a virtude é grande e venturosa;
Sê, minha filha, terna e virtuosa.

Logo Bueno, abençoando aquella,
A quem tão doces phrases dirigia,
No coração asperrima sentia
A setta da saudade, triste e bella.
Quão ternos laços a familia cria!
Que santas emoções, que luz singella
Sustenta o homem, que deixando os lares,
Vae transpôr do futuro os arduos mares!

Os que feridos da saudade viva
Na dolorosa scena se apresentam,
Os longos ais e o choro impedir tentam,
Mas força alli não têm, que a dôr captiva;
Si iguaes pesares logo experimentam
De que pessoa alguma não se priva!
Trocam se pois adeuses repetidos
Por entre mutuos e crueis gemidos.

As boleadas mulas, escarvando
A terra ardente, se apparelham breve:
Hortiz, por entre lagrimas, escreve
Em signal de lembrança; e, consolando
Attento e grave o indio, que se atreve
A estar entre seus braços estreitando
O velho chefe, n'um suspiro triste
Dá livre curso á dôr, que não resiste.

Lá na extrema dos céos o bello espaço
Mais brilhantismo ao meio dia ostenta,
E n'esse ardor, que a terra experimenta,
Já fende a comitiva um novo traço:
Os olhos de Bueno, a quem sustenta
A força d'alma o intimo embaraço,
Não mais se volvem, que mais dor não deve
Conter um coração, que mudo esteve.

Longos dias nas selvas, no deserto,
Ora dos valles colleando os rios,
Ora descendo os boqueirões sombrios,
Penetra a comitiva o inferno aberto:
A's vezes nas manhãs os ventos frios
Trazem do sul o temporal incerto:
A's vezes das florestas nas entranhas
Penetram, vendo a crista das montanhas.

Se lhes desenham grandes serranias:
Desde a serra Dourada, que se eleva
Ao noroeste, á serra em cuja treva
A Serra Negra, affronta as ventanias:
Ao longe a Sentinella, que se ceva
Na viva luz do sol, que aquece os dias:
E, coleando os vastos chapadões,
Ergue-se a serra além das Divisoas.

Por esses ermos, onde as vozes cavas
Das feras hirtas ao luar sereno,
Se ouviam, de algum intimo veneno
Accêsas, quaes si fossem fulvas lavas;
E o jacaré, por ser inda pequeno,
So perseguia as jacutingas bravas,
A' beira d'agua fresca a venenosa
Lingua mostrando á femea caprichosa:

Das araras o bando, que fugia
Aos caçadores, indios resolutos,
Gritos soltava nos penhascos brutos,
Onde o echo estridente os repetia.
Estas scenas, que os olhos nunca enxutos
De Hortiz gosavam no decorrer do dia,
Augmentavam com dura crueldade
O sentimento amargo da saudade.

Já trinta dias decorridos eram,
Quando, no escuro campo das pastagens,
Surge um bando de esqualidos selvagens
Ligados ás cadeias, que trouxeram:
Nas faces descoradas, que as bafagens
Do vento frio as côres desfizeram,
Se via bem gravado o sentimento
D'aquelle vil castigo, tão cruento!

Ao vel-os todos nus, que os seus cocares,
E outras vestes de penna se perderam,
Os nervos de Bueno estremeceram,
Sentindo de algum modo os seus pesares;
E Hortiz, volvendo os olhòs, que acolheram
Com pena os brutos, longe dos seus lares,
Logo os conhece, e diz ao que primeiro
Se lhe apparece um tanto traiçoeiro:

Onde estamos agora, que perdidos
Por estes cerrros lugubres andamos?
Ah! quem sois? — porque nunca vos ligamos
Com taes grilhões os pulsos doloridos! . . .
Na linguagem dos vossos nós fallamos;
Pois respondi-nos, cayapós queridos.
Que, si o caminho é longo, não é certo
Sós, possamos sahir de tal deserto.

Em resposta lhe conta o desgraçado,
Que o chefe cayapó trahido os tinha,
E que o ferro do pulso lhe provinha
De ser preso, e nas selvas conservado;
Que o deus que elles amavam não sostinha
Mais a tribu, nem chefe assassinado;
Que os deixassem morrer naquelles ermos,
Pois todos elles eram bem enfermos.

Já rodeiava um numero crescente
O animal, em que o moço enternecido
Montava, que Bueno prevenido
Chama em auxilio d'elle a sua gente;
Pois que do centro um clama enfurecido,
E corre algum perigo o moço ingente;
Mas varios tiros disparados calam
Os gritos, que alguns indios assignalam.

O sol, que se inclinava no poente,
O derradeiro raio despedia
Sobre a campina vasta, que entendia
Verde lençol de grama florescente.
Chama Bueno a tropa, que se via
Alli perdida quasi e inconsciente,
Para que se punisse o guia ingrato,
Indio, mas baptisado, e de algum tracto.

Pastam ao longe os animaes, sorvendo
As aguas d'um ribeiro crystallino;
O arrieiro, que segue o certo ensino
Das regiões do centro, está cosendo:
O guia, percebendo que o destino
Não lhe sorria mais, fugiu descendo
Pelas vertentes, onde a uváia cresce,
E a sucupira forte mais floresce.

Diversos gritos os penedos ferem
A um tempo, sôa o tiro, a gente corre:
Cahe no sangue banhado o que soccorre
O fugitivo, que os senhores querem;
Mas o guia escapando-se não morre,
Nem preso fica; e as selvas não proferem
Palavra, pela qual ao captiveiro
Torne cançado, triste e derradeiro.

Perdida emfim a ultima esperança,
Bartholomeu Bueno obriga á falla
O selvagem, que preso alli se cala,
E numa raiva surdo tudo alcança.
Traz Hortiz o seu pagem, que propala
Saber aonde fica a fonte mansa,
Na qual se avista a grande maravilha
D'uma gruta, que tem de pedra a filha.

Assim mais consolada a tropa ingente
Pelos tristes desertos, logo espera
A noite, que no manto occulta a fera,
Bravia tempestade, impaciente.
Sopra mais forte o vento, que exaspera
A selva escura, que se estende em frente:
Nos céos algumas nuvens correm feias
De electricos clarões agora cheias.

Os relampagos fortes se derramam
Da abobada celeste e o ar clareiam:
Alguns ribombos horridos ateiam
Coriscos vivos, que os crystaes inflamam:
Os cerros, parecendo que fraqueiam,
Nos echos pavorosos tudo chamam:
O rijo temporal rugindo sôa,
E a fama além do seu prodigio vôa.

Alta noite, no frio acampamento,
Já moderada sendo a tempestada,
Ao peso de tão alta infelicidade
Dorme Bueno um rapido momento.
Alguns porém vigiam, que a maldade
E' dos selvagens todo o acatamento,
Que vingativos são, quando enfurecem
Os corações, que as penas não esquecem.

Em sonhos apparece, grande e forte,
Colombo ao chefe agora adormecido:
Diz Bueno: Nas selvas sou perdido,
E já me fita a descarnada morte.
Tu, que foste um espirito subido,
Me ensina algum caminho d'outra sorte,
Que mitigue o penar do peregrino
Todo sujeito ás nuvens do destino.

Lhe falla então Colombo, alevantando
Brilhante o rosto, cheio de verdade:
O heróe carece de alta heroicidade,
Não de terrôr, nem gesto miserando.
Não sabes tu, que vim da humanidade
Européa, outras fontes procurando,
Nas quaes havia a esplendida riqueza
Da America, a maior da natureza?

Ora, dize-me pois, de que te canças
Nestes desertos bosques, onde amigo
Eu, que te quero, o teu destino sigo,
E te nutro de grandes esperanças?
Ergue altiva a cabeça, que o perigo
Está naquellas torpes alianças,
Com que mentido o louco missionario
Desmente as leis do martyr do Calvario!

Talhado para as luctas portentosas
D'alta sciencia, livre e illuminada,
Não te enfureça a plebe, que indignada
Se mostra já nas sombras verminosas,
Só acolhendo misera, atolada
No goso vão das carnes voluptuosas,
A riqueza, que vive um só momento,
Que a sciencia não tem do sentimento.

Mas quem és tu? que tens assim fallado
Com tal justeza, que a minh'alma agora
Os já passados dias não deplora,
E firme espera em Deus, amigo honrado?
Porém Colombo, vendo que elle exora
Áquelle, que nos céos está sentado,
Eu sou, lhe diz, o genovez profundo,
Descobridor do grande Novo Mundo:

Onde os Andes dividem varias terras,
O Brasil de inimigos defendendo;
Onde, nas aguas do oceano horrendo,
O Amasonas repete a voz das guerras,
Que o corpo do gigante, estremecendo
Faz gemer de terrôr as altas serras,
Em cujo cimo altissimo estandarte
Será bem respeitado em toda a parte

O solo, em que terceiro grande pisas,
Ha de ser d'uma terra proveitosa,
Cuja fama será tão portentosa
Quanto a d'aquelle povo que divisas.
A geração futura, esperançosa,
Já se prepara, emquanto esterilisas
Tua alma grande em unica tristeza,
Que na lucta é que vence a natureza.

A teus pés se deslisa fortemente
O Paraná soberbo, cujas aguas
murmurando, despenham-se das fraguas
Altas do abysmo, tepido e gemente:
Segue o rumo contrario, d'onde as maguas
Do rio Sucury tu tens á frente;
E certo irás fitando aquelles montes,
Que bordam os oppostos horisontes.

Já percorreste o norte com teus filhos,
E te abrigaste ás orlas da montanha,
Onde o rio Vermelho os valles banha,
Onde se ostentam da fortuna os brilhños.
Do escravo a surda colera se assanha:
São dos selvagens os perversos trilhos:
Nós houvemos a luz; demol-a toda:
Tenham escravos teus distincta roda.

Comtigo as regiões além desceram
Desde São Felix ao deserto fundo;
Viram tambem a parte d'esse mundo,
Na qual as brutas feras se esconderam;
Tudo passaram com sorrir jucundo,
Que os teus servos um leito mereceram;
Mas não convem deixal-os toda a vida
Na escravidão molesta, e corrompida.

Eis nisso acorda o consolado amigo
Do inspirado propheta, que sabia
De seu intimo engenho, no qual via
Todo esse estranho, e ultimo perigo.
Hortiz na sêcca palha adormecia,
Mas o pagem, guardando o fraco abrigo,
Afaga somnolento o cão tranquillo,
Que muito pouco percebeu d'aquillo.

Os escravos, que vinham pesarosos
D'aquellas afflicções do chefe altivo,
Mostram se fortes: o infeliz captivo
Passa trabalhos duros e penosos!
Todos sentam-se, olhando o redivivo
Senhor, que se escapara de horrosos
Laços, pelos medonhos descampados,
Onde fervem os indios insultados.

Bartholomeu Bueno, que admirava
Todo o serviço bom, e caprichoso,
Volta-se rindo ao pagem, que ancioso
Por tal signal de affecto suspirava.
O cão desperta, e salta duvidoso
Entre os seus donos; e melhor passava
Si o pagem lhe não desse, á mão pesada,
Uma segura e forte chicotada.

Sonhei, lhes diz o chefe contemplando
Attentamente o genro, que dormia,
Que achava-me na Côrte, d'onde ouvia
Uma trombêta enorme me acclamando:
E' este o rei! — O povo allí dizia —:
E' este o rei, que estamos esperando!
Eu contente as oitavas repartia
Do ouro, que a multidão surpresa via.

Eis Colombo me falla, já descendo
Das nuvens altas, que nos céos bordavam
Áquelle azul, no qual os anjos davam
Um concerto sublime o céu fazendo.
Ovi-lhe as phrases grandes, que abalavam
Todo o meu corpo; e o seu semblante vendo,
Lhe inquiri porque estava aqui perdido,
Nas falsas mostras do traidor vendido.

Tudo ensina-me o sabio, mas obriga
A nossa gente á santa christandade,
Pois assegura: O verbo da verdade
Anima áquelle, que a virtude abriga;
E Deus, a luz que rege a immensidade,
Ao innocente escravo não castiga:
Portanto áquelle servo obediente
Dá liberdade breve, e consciante.

Servos! . . . Exclama o homem quasi alçado
Em seu leito, que a palha só continha:
Sois livres, que o conselho me provinha
De lá dos céos, que o tenho conservado.
Agora o coração, que a dôr mantinha,
Salta no peito ao grande alevantado:
Seus escravos as mãos lhe estão beijando,
Outros os pés e as pernas abraçando.

Hortiz levanta a fronte, mas de manso,
Ouve a palavra insigne revelada:
O pagem pouco triste a feia escada
Sente deixar tão breve, e com descanso:
Todos os servos folgam, mas errada
A perdição do pagem perde avanço:
Em sua mente, que as paixões ateiam,
Mil planos, mil projectos se encadeiam.

O dia vem rompendo os mantos varios
Dos horisontes do nascente, e brilha
Com fulgurante, e bella maravilha,
Naquelles altos montes, solitarios.
Lembra-se o chefe da querida filha,
Que deixara sem pena entre sicarios:
Agora mudo está no que delira.
Sentindo que no seio a dôr suspira.

Todos os servos trazem das campinas
Formosos ramos, e diversas flôres
Singellas, que vicejam quaes amôres,
Em capellas gentis e peregrinas.
O sol, que tinge d'ouro e d'outras côres
Dos montes as vertentes crystallinas,
O pittoresco valle aquece agora,
Que o rocio das relvas enamora.

Bartholomeu Bueno assiste a festa
Dos negros, cujos olhos mais ardentes
Patenteiam ventura, quaes frementes
Hymnos soando na calmosa sesta:
Em tudo longos osculos, trementes,
Imprimem ebrios de prazer: (si resta
Licor picante, que a tristeza em flôres
Muda fugaz! em canticos de amôres!)

Sobre os joelhos do senhor derramam
Os presentes, que trazem satisfeitos,
Em quanto alguns rapazes contrafeitos,
Libertos, d'essa gratidão se inflamam;
Mas os negros, batendo sôbre os peitos,
O nome do seu chefe alli proclamam:
De novo mil palavras de alegria
O principal da festa repetia.

Hortiz a todos falla brandamente.
Pois o velho nem sabe si agradece
A' sua gente forte, que estremece
De tanto amôr por elle certamente;
E, fitando-os, a vista se escurece
Da lagrima, que aponta docemente:
Beijam-lhe as mãos os negros, se afastando
Para o trabalho, que os está chamando.

Como Deus sabe, — exclama emfim, sorrindo
Bartholomeu Bueno, — á magua dura
Misturar de repente a graça pura
Da recompensa, e do deleite infindo!
E, curvando os joelhos, com segura
Esperança, agradece o premio lindo:
Alguns amigos, que tal scena viam
Tambem as mesmas phrases repetiam.

Mas os indios, que andavam algemados,
Exanimos cahiam sobre a terra;
Não era o vivo horror da feia guerra,
Que os derribava agora tão cançados;
Nem tão pouco a pedreira, que da serra
Esmagasse alguns membros desnudados:
Abrindo alguns a bôcca suspiravam,
Outros os olhos logo arregalavam.

Colhidos pela morte inevitavel
Os mais exhaustos iam se estorcendo
Nas afflicções horriveis, convertendo
O semblante num gesto inconsolavel.
Hortiz o triste caso percebendo
Corre a salvar-os com sorriso amavel:
Tardia ideia teve, que os vencidos
Indios sem força tombam denegridos.

Manda Bueno então que se entregassem
Os corrompidos corpos á fogueira:
Arde a chamma voraz, que traiçoeira
Sobe, antes que os ventos a soprassem:
A carne crepitando aos ares cheira
Antes que a cinza os ossos abafassem:
Assim faziam elles, quando vivos,
Quando matavam brutos os captivos.

Sôa a celeuma da partida. A terra
O seio vasto, em que se agita o mundo,
Envolve num crepusculo jucundo,
E desde o valle á solitaria serra.
Guia o Senhor ao viajor profundo,
E o braço lhe sustenta após a guerra,
Qual a um sabio na inclyta contenda,
Ou a Moysés na biblica legenda.

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO SEGUNDO

Prosegue B. Bueno a caprichosa viagem pelo deserto. — A cachoeira bellissima de Guayra. — Parallelo do Brazil com a Europa. — Aparecem nos valles alguns indios acroás armados, mas reconhecendo B. Bueno, julgando-o o Anhanguêra (seu pae) curvam-se e o festejam com dança e outras manifestações ruidosas de alegria. — O indio Fernandes.

CANTO DECIMO SEGUNDO

DUAS vezes a lua ao céu risonho
Mostrara o cheio rosto, luminoso,
E o ar dos cerros, fresco e deleitoso,
Tornara os dias em tranquillo sonho;
Mas nos valles o clima caprichoso
Mudara aquelles bens em céu tristonho,
Emquanto o Paraná corria brando
Por entre os baixos valles murmurando.

A doença, os desgostos que enfraquecem,
Todos os males que o deserto encerra,
Eram pois da miseria a feia guerra,
Eram damnos que o animo arrefecem;
Mas o chefe, que tinha a patria terra
Deixado por trabalhos, que ennobrecem,
Ia animando aos mais esmorecidos
Em tão crueis trabalhos consumidos.

As paludosas febres tristes scenas
Pintaram, com tal força desmedida,
Que, si alguém escapou na incerta vida,
Angustias n'alma tinha não serenas.
Já na mortalha gélida, pendida
O pagem traz a fronte, que envenenas,
Licôr mortal da campa, derramado
Num triste coração já quebrantado!

Myelites, gastrites ulcerosas,
A vida emfim de muitos acabaram,
De quem os paes e amigos se apartaram
Com expressões do intimo chorosas;
Ás terras patrias fertéis não tornaram,
Nem viram mais as fontes amorosas
Da vida, em que risonha e doce aurora
Mais ilumina o bem por quem se chora.

Seis companheiros unicos faziam
Todo o labôr do dia, acostumados
Aos afanosos tempos, e inclinados
Ás caçadas selvagens, que comiam.
Alguns indios dos mansos maltractados,
Taciturnos os rostos escondiam
Nas mãos ás vezes, desejando a morte,
Que escravos sêrem já d'aquella sorte.

Um dia, emquanto a comitiva pausa
Ao pé de uma alta serra verdejante,
Descobre Hortiz a lymphá murmurante
Do grande rio, além, que não repousa;
E, descendo a ribeira, salta ovante,
Que vira a poucas leguas grande cousa;
E, clamando com subita alegria,
Disse ao risonho sogro a quem seguia:

Si eu fôra algum pintor, mas d'alto engenho,
Tão sublime espectaculo traçara
Na tela d'ouro, em que Miguel sonhara
Aquelle céo tão santo, em que conventho:
Aqui melhor sua alma se exaltara,
Nos legando um bellissimo desenho,
Mas sem pintura de algum anjo errante
Do ethereo globo, vivo e coruscante.

Este céo, que mil raios despedindo
Em volta de horisontes dilatados,
Doira as florestas, a campina, os prados,
Onde a vegetação brotou sorrindo,
Não tem rival nos climas regelados,
Nem da Grecia eternal no seio lindo,
Onde Homero, aclarando eterno dia,
Fel-a rainha de immortal poesia.

Mas os olhares de Bueno, incertos,
Não perscrutavam rórdidas paysagens,
Nem lhes trasiam tão gentis miragens
Inspirações, que brilham nos desertos;
E aquellas grandes e ideaes imagens,
Que eram signaes de terremotos certos,
Em cujos loqueirões estava agora
Mais bella a natureza que uma aurora.

Aos olhos de seu genro se desfazem
No concerto das intimas bellezas
Da selva, em cujas virginaes devezas
Cantando as aves no cantar se aprazem;
E as suaves, argenteas asperezas
Dos valles um concerto amigo fazem:
Mimosa brisa, mitigando os ares,
Dos verdes buritys move os cocares.

Em torrentes soberbas, crystalinas,
As aguas murmurasas deslisavam,
Reflectindo os mil raios, que abrasavam
As vicejantes, e gentis campinas;
Os ramos das perobas se inclinavam
Na encosta das pedreiras diamantinas:
Nas margens tudo são belleza e flores:
Sobem do fundo os humidos vapôres.

Assim a pura lympha, serpeando
No estreito collo do florido seio,
Corria qual regato em doce enleio,
Como a brisa nas selvas murmurando:
Embaixo o fundo e largo abysmo em cheio
Recebe o enorme turbilhão, roncando:
Fervem, rugindo ás horridas triagas,
Quaes fossem do oceano accezas vagas.

Hortiz, volvendo o rosto iluminado
Ao vivo aspecto da natura insana,
Em cujo gôlfo horrisono espadana
O abysmo em turvo liquido agitado,
Erguendo agora a fronte soberana
Fita o sol no horisonte alevantado,
A cujo brilho intenso e tão fecundo
Geme e suspira o monstro furibundo.

Era brilhante a lucida miragem
Das gôttas d'ouro nos ardentes ares,
Bem como a espuma dos desertos mares,
Quando sopra mais cálida bafagem:
São as rochas graniticas altares,
Parece o cerro d'ouro algu'a imagem:
A brisa, que entre as vagas doce treme,
É como um orgam, que no templo geme.

A tão altivos, grandes pensamentos,
Bueno e seus amigos animosos,
Mirando o genio dos sertões fogosos,
Entregavam-se a vivos sentimentos.
Que abysmos! Que esplendores grandiosos
Viam de sobre o cerro sempre attentos!
Naquella scena, irmã da immensidade,
Que eterna, que divina magestade!

Agora as aves forasteiras vinham
Beber d'aquellas gôttas purpurinas,
E as feras afastadas das campinas
Seguro abrigo nesse abrigo tinham;
Os escamosos monstros ás matinas
Surgem do fundo ardente em que se aninham;
As êmas, e outras aves pernalongas,
Fogem ao silvo atroz das arapongas.

De quando em quando os troncos arrastados
De arvoredos gigantes vão passando
No concerto das vagas, onde o bando
Ferve das aves nos soturnos lados:
O sol, que nasce e eleva-se brilhando,
Saúdam negros indios espantados,
Todos nós, arrancando estranhos gritos,
Como si fossem lugubres precitos.

Perde-se a vista fraca e desmaiada
No fim d'aquelle cinto, que se eleva
Além do abysmo, que s'engolfa em treva,
Bebendo em cima a luz toda animada;
E é bello ver-se o sucury, que ceva
Toda a furia na rocha ensanguentada,
Quando o tigre das selvas o acompanha
Na lucta, em cujo sangue o sol se banha.

Do dia a viva luz, que scintillava
Sobre os amenos prados, vicejantes,
Pelas montanhas altas e distantes,
Circulo d'ouro com lavôr traçava;
Mas tambem era bello, em taes instantes,
Ver-se a tarde expirar da noite escrava,
Naquelles bellos ermos repetindo
Da Guayra gigante o khôro infindo.

Mas a terra brasileira é sempre bella,
Quer seja noite, quer scintille o dia,
Si o concêrto de esplendida harmonia
Não tem igual nos céos nenhuma estrella!
Nella é mais doce o canto da poesia,
Tem mais graça o riso da donzella,
E se espalha no lago a linda aurora,
Cujas faces o sol sempre enamora.

Porque, si lá na Europa o sol brilhante
Mil castellos dourados illumina,
Si a lua desmaiada um verso ensina
Do cantor inspirado á musa errante,
Entre nós essa auréola divina,
Que se torna ao poente do levante,
Não só riquezas da arte aquece ingente,
Mas tambem da natura a flora ardente.

Lá se levantam numerosas serras,
Si estão bordando a Hespanha os Pyrinéos;
Os medonhos Uraes, em brancos véos,
Do occidente da Russia amparam terras;
Os Alpes longos, encarando os céos,
Ouviram tantos annos brutas guerras;
São da Italia famosa os Apeninos,
Onde os versos de Tasso estão divinos.

Mas quantas vezes o pastôr cançado,
Perdido e só no pincaro dos montes,
Procura o crystallino mel das fontes,
E é tudo em volta um gêlo abandonado!
Quantas vezes tambem, si os horisontes
Brilham da luz do sol no céu dourado,
O caçador não gosa um ar jucundo,
Que é a riqueza então do Novo mundo?

Em'meio emfim das bellas cachoeiras,
Onde se banha o cervo distrahido,
Perde-se a vista no painel lusido
Das mais soberbas, altas cordilheiras.
Por certo o Paraiso estremecido,
Si leaes são as Biblias lisonjeiras,
Si é verdade esse cantico da historia,
Foi no Brasil tão grande em sua gloria!

Tres bacias enormes comprehendem
Fluviaes o terreno diamantino;
E, quanto mais se estende o céu divino,
Tanto mais suas aguas lá se estendem:
No revoltoso mar o rei supino
Com suas aguas, que os desertos fendem,
Em tormentoso circulo acompanha
Do mar as vagas, em que o sol de banha.

Mas, além do Amasonas portentoso,
Que acolhe em si desoito tributarios,
Grandes rios que banham climas varios,
E são do americano abrigo airoso,
Ha veias em seus valles tumultuarios,
Onde nas aguas brilha o céu formoso:
Ao Tocantins, a esplendida bacia,
O Araguaya gigante o sceptro allia,

O Paraná, que ingente se deslisa
De norte a sul, em magestosas quedas,
Murmura refluindo as varzeas ledas,
Onde a garbosa seriêma a pisa;
Qual si lembrasse uns canticos dos Weddas,
No deserto onde o beija a mansa brisa,
Seu dorido gemer ao céo se eleva,
Triste e profundo quando sahe da treva.

Não contente das terras brasileiras,
Que doce banha com gentil belleza,
Affronta as regiões da natureza,
Colleando as soberbas cordilheiras;
E, tendo a terra toda ás aguas presa,
Vae colleando as regiões fronteiras,
Onde choram atlanticas ondinas
Nas afastadas plagas argentinas.

Da Sipotuba a cataracta enorme
De cento e trinta e dois metros de altura,
Em linha vertical derrama pura
A lympha colossal, que nunca dorme;
Porquanto, ou seja dia, ou noite escura,
Ronca nas pedras viva e desconforme,
Presã na terra, soluçando um grito,
Qual si fôra algum monstro de granito.

Outra mais bella, porque tem nos seios
As quedas bem gentis dos dois amôres,
Nas suas vagas humidos vapores
Exhala, se elevando em mais enleios;
Bordando estão seu riso eternas flôres:
Grandes penedos de semblantes feios
Os aljofares lindos enamoram,
Que entre as sombras da noite ás vezes choram.

Tu, natureza ardente, alli soubeste
Encher de vida o coração profundo
Do gigante immortal do Novo Mundo,
Em cujos braços tua gloria houveste!
Alli suspira sempre o céu jucundo;
Alli de rosas a manhã se veste;
As rôlas cantam, brinca o passarinho,
E' fresca a viração, mais doce o ninho.

Mas a provincia, que no seio ardente
Afaga a pura lympha do Araguaya,
Que no presente seculo se ensaia
Com sua voz febril, e impaciente;
Que, tendo a seu nordeste a grande raia
Do Pyauhy, se mostra independente;
Que tambem sonha, ao lado da Bahia,
Naquelle grande e renascente dia:

Essa illustre princeza das montanhas,
Que tantas aureas minas tem guardadas,
Em quem nas grandes serras inclinadas,
Tu, astro, rei da luz, melhor te banhas;
Com quem as almas fortes e elevadas
Glorias almejam que, Universo, estranhas;
Em que tambem d'aquella por quem choro
Ausente, canto a geração que adoro:

Essa famosa terra, promettida
A' futura nação da patria nova,
Na qual o peito brasileiro approva
A santa liberdade, que o convida;
Na qual tambem a geração renova
Esse thesouro emfim da propria vida,
Em que Deus, com seu halito divino,
Fez brilhar algum raio diamantino:

Essa inspirada terra, onde primeiro
Bartholomeu Bueno entrou, mostrando
A cruz do martyr, que expirou luctando
Em nome do Evangelho derradeiro;
Na qual sereno a taba alevantando
Dos selvagens, outr'ora ao globo inteiro
Mostrou seus feitos de inclyta victoria,
Que inda enriquecem nossa patria historia:

E' essa que além vês no mappa ingente
Da poderosa terra americana,
De si contente, bella e sempre ufana,
Que espera do porvir o sol nascente:
E' essa que além vês mais soberana
Do centro do Brasil na zona ardente,
Unida a sete irmãs, que lhe invejaram
Os thesouros, que nella os reis acharam.

O painel, que bellissimo encerrava
O bosque, os valles, a campina e os prados,
E os rios doces, longos e invejados,
E do horisonte o azul, que deslumbrava,
Brilha nesses desertos encantados,
Onde a Bueno o espirito exaltava,
Porque todo o riquissimo terreno
Gloria será de um povo não pequeno!

Eis que porém algumas rijas settas
Sobre as cabeças d'uns alli cahiam,
Como signal dos indios, que assistiam
O acampamento nas soidões secretas:
Alguns indios dos mansos, que sabiam
D'aquellas novas regiões as metas,
Logo os parentes seus reconheceram
Em poucos, que adiante appareceram.

E vendo então Bueno que o destino
Fatal o perseguia, atroz e duro,
E não sendo comtudo bem seguro
Do trilho, em que se achava peregrino,
Logo o fuzil prepara; mas o escuro
Grupo, soltando um grito breve e fino,
Cahe a seus pés; e algumas indias choram,
Que humildes grande protecção imploram.

De subito Bueno, ou fosse um caso
De sobrehumana inspiração descida
A defender suprema a propria vida,
Ou do destino incerto o certo praso,
Lembrou-se d'aquella alma, que atrevida
Dera um cerco ao deserto em campo raso,
Onde a victoria fôra, não da lança,
Mas d'arma que de longe um alvo alcança.

Contara-lhe seu pae, que, quando escrava
Fisera a tribu dos Croás, deixara
Entre elles no deserto a crença rara
De que seus rios todos abrasava;
E que, portanto, a chamma que ateiara
Na taça, que entre os dedos conservava,
Obrigaria a tribu, e a terra idosa,
A' escravidão eterna, ou lastimosa.

Desanimados todos, que a coragem
Faltara-lhes num trance tão dorido,
Quebram as settas, e o tacape erguido
Deixam fincado em meio da folhagem;
E os enduapes, e o cocar lusido,
Tudo lhes são horrisona bagagem:
Uns de terror ao fogo saltam, gemem,
Outros de frio medo em terra tremem.

Por isso alguns attónitos, correndo
Em roda da pequena comitiva,
Nessa linguagem tão vibrante e viva,
Anhanguêra! Anhanguêra! iam dizendo.
Uma indigena velha, mas altiva
Abraça o filho, que ficara horrendo:
Outra no entanto o bravo desconhece,
Que este o real não era, ao que parece.

Mas Hortiz, que fallava claramente
A lingua d'elles, que aos tupis ouvia,
Em praticas mais certas discorria,
Lhes augmentando o medo inconsciente;
Mas um só indio manso, que trasia
Bueno, o chefe, rindo abertamente,
Quer murmurar, sentindo a injuria certa,
Da qual seu bravo coração desperta.

Receia emfim de tudo, e volta o rosto,
Onde uma fria lagrima deslisa,
Que o solo patrio, que humilhado pisa,
E' que sente-lhe o peso do desgosto!
Ao longe Hortiz um acroá divisa,
Que surge da campanha ao sol já posto:
Era o chefe da tribu, a quem faltava
Ta-ú-ary, seu filho, e a raça escrava.

Este, a quem certo dia um missionario
Posera o nome de Fernandes, vinha
Vestido, e certo garbo agora tinha,
Como senhôr do bosque solitario:
Ao ver Bueno, grita: "Patria minha!"
Que assim disia aquelle, que o sicario
Genio incutira a um vaso d'aguardente,
Em prol da patria nova e florescente.

Todos os mais selvagens o acclamando,
Batem c'os pés em terra, em que se lançam,
E os servos de Bueno juntos dansam
Para agradal-os, gritos arrancando;
Os indios mansos guaranys se enrançam
As mãos, horrendos gestos combinando;
E tudo, emfim, parece em tal abrigo,
Um Pandemonio vivo por castigo.

A noite os recebera, e brando seio
Reclina-lhes piedosa, mas contente,
Emquanto a luz da lua transparente
No rosto de Bueno bate em cheio;
E ouvindo Hortiz a trova, alegremente,
Dos servos, á tristeza fica alheio,
Como si fosse um rei naquelles mundos,
Onde se abriam boqueirões profundos.

E, nessa festa portentosa e varia,
Tambem a natureza esperta inflamma
Seu grande coração, que a voz derrama
Do firmamento á terra solitaria.
Mas uma voz de novo alli proclama
Da scena em meio á sombra imaginaria:
Anhanguêra! Anhanguêra! Emquanto fria
A noite vela a solidão sombria . . .

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO TERCEIRO

Bartholomeu Bueno, rodeado dos índios acroás e de alguns mansos da tribo goyá, vela algum tempo. — Ao adormecer, sonha e, de novo, aparece-lhe Christovão Colombo, que, reanimando-o com doçura, prediz-lhe o futuro, revelando extraordinários acontecimentos com relação aos destinos políticos de Goyaz.

CANTO DECIMO TERCEIRO

Já mui alta ia a noite, desdobrando
Dos sóes o argenteo manto luminoso,
Emquanto a comitiva ao doce pouso
Entregava-se alegre, descansando.
Dos selvagens o bando numeroso,
Mudo, soía ser de um genio brando,
Que estava resguardando o acampamento:
No entanto o chefe se mostrava attento.

Immerso em funda scisma, sempre triste
Bartholomeu Bueno, a quem saudosa
De Lélia a imagem pura e graciosa
Move a lembrança, que a saudade assiste,
Lastimava a incerteza caprichosa
De seu destino, que em gual-o insiste;
E, enumerando os males já passados,
Exhala alguns suspiros maguados.

A patria, que esperava-o rico e forte,
Vae recebê-lo pobre e sem ventura,
E á familia, na intima espessura
Abandonado, chora de outra sorte;
Que, enquanto pisa a terrea sepultura
Dos bravos indios, só espera a morte:
Adeus, meus filhos! diz consigo afflicto,
Adeus, é meu destino, o vejo escripto!

O passado, que acerbo o transformara
Em um guerreiro ousado e destemido,
Era agora afflictissimo gemido,
Pois num scismar pungente o recordara:
Um rio, em que julgara-se perdido,
Da Perdição pozera a letra rara:
Faltaram logo provisões, e a fome
A' qual não basta seu terrivel nome:

Enfraquecera a quantos rejeitassem
Bravias caças, que a molestia feia
Das chagas torna o corpo, que se alheia
A's hervas venenosas, que brotassem.
A' terra, que abundante e sempre cheia
Era de fructos raros, não buscassem
Onde a cabeça reclinar, nem cedo
A sombra do mais florido arvoredo:

Que em seu seio as serpentes, agitando
A cauda venenosa, asylo tinham,
E as feras indomaveis logo vinham
Onde beber do sangue inda saltando;
E nella algumas aves, que mantinham
Os ovos côr de rosa, em leite brando
Nem já pousavam, que o cruel destino
Assim tornara a vida ao peregrino.

Estas queixas subiam, mas das bordas
Do coração pungido, ao qual trouxera
A noite incertas afflicções, e a fera
Tristeza na alma lhe estalara as cordas:
Elle via ante si, sem que o quizera,
O chefe alimentando as brutas hordas,
Em cujas mãos fiava-se, attendendo
Só o presente, e errante padecendo.

Mas o somno, que os olhos entreabertos
Já lh'os cerrava, pertinaz e fundo,
Pinta-lhe em breve aquelle grande mundo,
Onde os astros se mostram descobertos,
E o sabio, que gosou viver fecundo,
Derrama a vida aos corações desertos,
Nos quaes somente a lei se representa
Como uma força, que a rasão sustenta.

E sonha o chefe, apenas descansado
Das luctas vivas d'alma, quando preza
Inteiramente á cega natureza,
De que o corpo revive iluminado;
Porquanto representa-se a fraqueza
Num órgão para o goso apropriado,
Que ephemero se tem, do qual se pena
A geração miserrima e terrena!

Eis de novo, um espirito brilhante
D'entre as nuvens lhe falla, sustentando
Aquelle riso poderoso, ou dando
Mais uma ardente graça ao seu semblante.
Bartholomeu Bueno está pensando
Quem seja aquelle genio scintilante,
Que em vez de carne humana um'alma pura
Sustentava de insigne formosura.

Quem era, que dos labios delicados
Derramava torrentes de harmonia,
Que um concerto finissimo fazia
Naquelles mundos sempre illuminados?
Uma capa, que a seda inda excedia
Em riqueza, dos hombros levantados
Descia em frocos, e ao clarão da estrella
Tornava aquella forma inda mais bella.

A'quelle, a quem se curva o mar profundo,
E o furacão respeita, que o conhece,
Quando a vaga nos mares se enfurece,
Ameaçando sossobrar o mundo,
Ouvi de novo aquella voz, que desce
A me inspirar o espirito fecundo,
Ao qual já consagrada foi na historia
De seus esforços a invencivel gloria.

Quem foi, portanto, o espirito clemente
Que te guiou nas sombras, quando incerto
Era o teu passo, e o temporal mais perto
Gemia sobre a selva asperamente?
Pois sabe que o escurissimo deserto
Si tem tornado o teu abrigo ingente,
No qual teu nome existirá gravado
Para signal do tempo assignalado.

E aquelles que envergonham-se da vida
Devotada a tão grandes sacrificios,
Que a fronte pousam nos ignobeis vicios
Da geração corrupta, e fermentida,
Urdem ascosos, negros maleficios
Contra a lei do progresso estremecida,
Mas cedo irão da terra aos seus tormentos,
Onde vingados são os pensamentos.

Que patria é esta audaz, immorredoura,
A cujo abrigo passas, quando altivo
Teu coração se mostra, não captivo
Da corrupção da idade improductora?
Por ti sereno velo, e por ti vivo,
Que tens um'alma grande e creadora;
E quanto obraste, ardente de verdade,
E' pura aspiração da humanidade.

No entanto fraco te fizeste, em meio
Da jornada penosa, em que já trilhas,
Ora escutando as altas maravilhas
Dos céos, ou já da terra o fertil seio;
E as vivas glorias da natura, filhas
Do Supremo Architeto, em grande enleio
Tua alma trazem, que opulenta existe
Na crença, que ao trabalho sempre assiste.

Esforça o coração, dá força á ideia,
Alma, entre as almas, elevada e nobre!
O manto da virtude ao genio cobre
Aquella chamma, que a sciencia ateia;
E como a luz da aurora é que descobre
O abysmo, que outro abysmo patenteia,
A fonte da esperança accende n'alma
Outra esperança, que a tristeza acalma.

Emfim, movendo a força da virtude
Em teu soberbo genio a ideia invicta,
Ergue a cabeça á geração maldita,
Na qual as crenças sustentar não pude.
Teu alto genio o meu vigor incita
A certos sons vibrar, que esse alaúde
Nol-o concede o céo, que mais ardente
Cante as rudes batalhas do presente.

Longe eu vejo o futuro, e perto a vida:
Negreja a maldição, negreja o crime;
O braço insultador do estulto exprime
A mente falsa, ingrata e fementida:
A' qualquer forte, que a verdade anime,
O espectáculo negro ao mal convida:
Não fulge um raio de inclyta nobreza,
Nem já se escuta a universal grandeza.

Assim, aquelles que ao terreno inculto
Os olhos volvem, conservando altivos
Negros, os quaes a lei tornou captivos,
Não gosarão do sempiterno indulto;
E os corações dos servos semi-vivos
Palpitarão, soffrendo o fero insulto,
Clamando ao céo piedoso humanidade,
Como signal de altissima igualdade.

Mas por castigo da ambição tonante,
Seus filhos, que serão d'aqui senhores,
Vivendo quaes incertos lavradores,
Não terão mais abrigo assim constante;
E seus escravos, unicos traidores,
Lhes roubando acharão lavor brilhante,
Mas por novo castigo irão vencidos,
Semi-nus, despresados e esquecidos.

Ao que sorrindo em sonho o grande ouvia
A triste predição, que lhe augmentava
Os thesouros que tinha, em cuja lava
Sua alma arrebatada se entretia.
Aqui, — replica o heroe que imaginava —,
Pois ha de a vida ser assim sombria?
Culpa é da sorte, culpa é do destino,
Que outra lei não reforma o ser divino.

Mas Colombo, de espirito elevado,
Nega ao destino a lei, que rege a vida,
Pois, diz elle sorrindo, a acção lusida
E' bem signal de um coração formado;
E aquelle que á materia a luz convida
Da justa fé, que tem um Deus provado,
Si torna ao mundo, á habitação terrena,
Recebe o galardão da fé serena.

Comtudo agora aquella raça escura,
Que, como escrava ás solidões trouxeste,
Entre algozes crueis não a tiveste,
Nem por tua alma nobre a tens segura:
Por isso, attenta a luz que te reveste,
Me envia o céo a ti, ó alma pura!
Por isso, attento o bem que já tens feito,
A' nova dôr não ficarás sujeito.

Na historia o nome teu lerão um dia
Teus dignos filhos, teu rebento forte,
Que não serás o exemplo de Mavorte,
Mas o exemplo da força e da harmonia;
D'essa força, que enfrenta a negra morte,
Que em Galileu sublime se antevia,
Da qual bem poucos notam-lhe a grandeza,
Julgando-a ser ficção da natureza.

Mas um virá que, em breve sendo acceito,
Se arrogará teu emulo, e sanhudo
Vendo altivo o teu genio, o gesto mudo,
A's honras vans aquecerá seu peito;
Mas após Silva, um conde em cujo estudo
Descobre-se um talento emfim perfeito,
Das leis formando a salutar justiça,
Combaterá sincero a grei sedição.

Outrem posse dará, com tal justeza
A' certa Villa amiga e florescente,
Que logo será inclyta, pendente
Só do poder, que sahe da natureza;
E villa de Goyaz, por mais assente,
Será chamada, e bôa na inteireza,
Tendo á frente Bueno, o que sustenhas,
O leal Dom Luiz de Mascarenhas.

Este acceitando o grande curso eterno
Do progresso das gentes, á esperanza
Do estandarte, que a luz dos astros lança,
Renovará um paço mais superno;
E o povo, sendo ainda bêm creança,
Dará graças ao Deus no lar paterno,
Comtigo, que immortal serás na Historia,
Obras fasendo dignas de memoria.

Gentis povoações que dão renome
A Dom Luiz bem cedo respeitado,
Natividade e Conceição, a um lado,
Exaltarão de pressa aquelle nome;
Porque, formando um nucleo apreciado
Com Cavalcanti, não sujeito á fome,
Na abundancia virão seus filhos grandes,
Dignos da terra de tão altos Andes.

Além de explorações mui raras, tanto
Fará na terra seu talento altivo,
Que, embora pobre de riqueza, vivo
De glorias causará bem vivo espanto:
Que o ouro cega, e bruto é seu captivo,
Porque traz os brazões num aureo manto,
Porque, comquanto seja independente,
Tem no cambio sua alma inconsciente.

Mas no teu livro da existencia eu leio
Que então a terra deixarás sereno,
Nessa idade em que a vida é já veneno,
Que só consome o coração em meio;
Que assim será, confirma o Nazareno,
Que só para a verdade ao mundo veio;
Porquanto a carne, do sepulchro a preza,
Deve um tôrpe tributo á Natureza.

Deus é Deus; tudo mais o mechanismo
Da obra sua, que encerra a eternidade,
Máo grado a corrupção da humanidade,
E as doutrinas fataes do scepticismo.
O azul, que forma a pura immensidade,
Que é o ether de immenso brilhantismo,
Que tão doce consola, influe, inspira,
Quantas grandezas inclytas respira!

Pois que ouvido me tens, humilde e puro,
A certa narração, que Deus me ensina;
Embora a vida arrastes peregrina
Entre os selvagens, num sertão mais duro,
Embora cave o tempo a vil ruina
Do teu viver sem gosos no futuro
Sim, ser-te-á dado um galardão mais forte,
Onde não passa e nem descansa a morte.

Tens descendentes, ávidos de fama,
Luctarão com perigos desmedidos,
E Bocarro será, como os perdidos
Entre os selvagens, a quem torpes chama,
Negado com seus deuses desmentidos,
Pois que dos templos se desmente o drama:
Lá estão nos valles altanados, sós,
Os destemidos monstros cayapós.

Será depois Goyaz, num bello dia,
Por alvará da côrte portugueza,
Ostentando feliz toda a riqueza,
Uma grande e gentil capitania.
Por ser do humano a misera fraqueza,
A triste escravidão, que o povo cria,
Se estenderá d'além d'aquelles véos,
Onde nascem os cerros Pyrinéos.

Muitos serão nas terras desejadas
Anões ambiciosos, homens cheios
De baixos pensamentos, que os receios
Farão crescer das gentes maltractadas:
Dous irmãos Brants com ávidos meneios
Descerão da miseria as vis escadas:
Triste será de certo a Bobadella
Da vã riqueza a natural parcella.

O brilho crescerá da crença humana
Naquelle que, depois de alguma gloria,
Dando ao trabalho a palma da victoria,
Erguer audaz a geração goyana;
Que, emfim, dos raios feitos por memoria,
Entre provincias grandes, doce e lhana
A terra alli será, com que bem sonha
O já chamado Marcos de Noronha.

Duro e Formigas, attestando o culto
De certa ideia nobre e vencedora,
Surgirão a seu brado: e mais senhora
Além a Côrte move eterno indulto:
Que um genio assim de um'alma creadora
Merece as honras do governo adulto:
Por isso pois, com muita galhardia,
Bom Vice Rei será lá da Bahia.

Grandes minas virão crear-lhe a palma
De um governo tão sabio, quão possante,
Que a cinco mil oitavas mais prestante
O lucro subirá: serena calma!
A tribu fera de Acroás ao guante
Do exercito, que accende ao indio um'alma,
Será submisso ao Alvaro Botelho:
Quanto é fatal um bellico aparelho!

Um prenderá dous padres fugitivos;
Outro mais forte syndico notavel,
Fará prender tambem por tempo estavel
Certo contractador por factos vivos:
Triste soffre Atonguia, o moço affavel
Nos modos, mas tão vil quaes os captivos:
Thomé, servindo na real fasenda,
Seus proprios bens expõe á triste venda.

Emquanto para longe é desterrado
Um Pereira inditoso, a sorte bella
Mudará da provincia a triste estrella,
Pois a fome alguem morre abandonado:
Mas o alto destino, em que se assella
Tanto pensar correcto, e illuminado,
Ao Barão, que é mais alto que Golconde,
Da-lhe o titulo nobre de Visconde.

Outros se assentarão diversas vezes
Em cadeiras de estôfa, e sêda pura;
Outros farão morrer de fome dura
Os indios máos e os fracos portuguezes;
Outros tambem, negando a fé segura,
Maltractarão os inclytos Menezes;
Mossamedes, brilhando emquanto vivo,
A fome não trará nenhum captivo.

Lá onde as aguas do Araguaya bellas
Correm, banhando as regiões desertas,
As tribus carajás da lucta incertas
Logo serão associações singellas;
Mas serão, como em guerras sempre abertas,
Novo incendio das terras, porque nellas
Só vencerão principios do Evangelho,
Que isso dizes tambem, amigo velho!

Obras d'um arteficio bem distincto
Serão feitas no solo, em que se ostenta
Da regia grei possante a luz, que alenta
Da capital goyana o eterno cinto.
A selvagem nação, que se alimenta
De verde gariroba, em que não minto,
Que o sangue alheio bebe, e dorme nua,
Exposta a qualquer lei, que em bens influa:

Essa que sahe d'aquelles grandes cerros,
Onde repousa o monstro de granito,
Cuja fronte inclinada ao povo afflicto,
Como que dorme a enumerar seus erros;
Que virá ser do rio, que Bonito
Se chamará nos humidos desterrros,
Sem patrimonio, esqualida, gemente,
Captiva alli será, e eternamente.

Pois que trabalho ingente de cultura
Não dará doce luz ao máo selvagem,
Que anomalo conceito sem passagem
Lhe torna mais cruel a sorte dura:
Frades virão, em lugubre romagem,
Se arrogando o poder da crença pura,
Quaes lôbos, como diz a lei divina,
Devorando a fraqueza crystallina.

Somente Aquelle, que no immenso habita,
A quem fallar não pode um triste humano,
Sabe a razão de seu castigo insano,
Que assim julga qualquer que bem reflecta:
Sente-se o verbo franco e soberano
Do apostolo do amôr, que os céos imita,
Pensando, não nas cousas d'este mundo,
mas nas d'aquelle azul, que é mais profundo.

No entanto os homens todos divididos
Viverão n'esta zona, em que se espelha
Todo o celeste azul, que se apparelha
De rubins puros e crystaes polidos.
O segrêdo alli guarda a terna abelha,
Cuidosa de seus favos aquecidos,
Não como o rei, que ostenta o falso brilho
D'um saber, que se ensina a qualquer filho.

Que esses reis portuguezes já passados
Dominadoras d'este solo ingente,
Na escravidão terrivel não sómente
Lucros houveram grandes e elevados:
Comtudo a geração futura ardente
Verá seus filhos nobres desprezados,
Que assim se cumpre a lettra magestosa
Da eterna liberdade esperançosa!

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO QUARTO

Continúa C. Colombo, em nome de sua alliança com o progresso americano, a consolar Bartholomeu Bueno. — Assaltam alguns tigres o acampamento. — Chegada de B. Bueno á capital de S. Paulo. — O governador Rodrigo Cesar de Menezes. — Desconfiança de alguns indios escravos. — Promessa do governador ao descobridor de Goyaz. — Projectos de João Leite da Silva Hortiz, genio de B. Bueno.

CANTO DECIMO QUARTO

Ama alegria immensa agora brilha
No semblante do chefe, sempre atento
Ao nobre e arrebatado pensamento,
Que mais parece insigne maravilha.
Prosegue pois Colombo, o regio assento
Deixando vago; e lembra a grande filha
Da America, a primeira no Universo,
A' qual se estende immorredouro verso.

Luz do porvir! Esplendida eminencia!
Exclama o grande heróe: Quanto é risonha
A meiga aurora, em que minh'alma sonha
Nas glorias da futura independencia!
Do abutre a furia — a corrupção medonha —
Quer abafar a voz da consciencia:
Ao despotismo já scintilla a espada;
Ingente acorda a geração ousada!

Desperta gloriosa, ardente e nobre,
Ouvindo os echos do Ypiranga ingente,
Fitando o patrio sol, o sol nascente,
E o céu risonho, que o futuro encobre:
Um Dom Pedro virá, que mais ardente
Transforme em ouro eterno o abrigo pobre,
No qual abertamente accende a guerra,
Em novos echos acordando a terra.

E bem! goyano solo, em cujo abrigo
Os portuguezes o sepulchro viram
Da insólita ambição, na qual sentiram
O verdadeiro, é horrifico perigo,
Os braços não cruzaste, que se abriram
A repellir a audacia do inimigo,
Como a Bahia, nunca derradeira,
Tambem na historia patria brasileira!

Vencidos, e aviltados grandemente
Pelo terrôr das armas, muitas vezes
Serão portanto aquelles portuguezes,
Que protestarem contra a gloria ardente;
E os indios, que apparelham mil revéses
A'quella acerba geração, na frente
Exultarão, com grandes alegrias,
Ao nome altivo do inclemente Dias!

Regende o solo dos goyanos, certo
Virá de longe um filho estremecido,
Que o thesouro tornando mais lusido
De um governo prudente, e muito esperto,
O povo acolherá, que destemido
Seu genio á toda ideia eu vejo aberto;
Que será, no começo ao bello drama,
Um presidente honrado, o Lopes Gama!

Outros darão mais brilho áquella vida,
Que a liberdade plantará famosa;
E aquelle, em cuja fama portentosa
A gloria do trabalho é mais lusida,
No Araguaya a unidade poderosa
Fará da tribu barbara e vencida,
C'o povo no futuro genio dado
D'este paiz tão alto, e sublimado!

Pois esse heróe, de quem o brilho novo
Exalto com palavras verdadeiras,
Será naquellas regiões fronteiras,
O verdadeiro pae d'um grande povo;
Que das navegações entre as primeiras
Fará brotar justissimo renovo,
Cuja ideia, animando as altas zonas,
P'rahyba aos pés terá, e as Amasonas.

Pois d'esse heróe, tão alto e assingnalado,
Cujoo nome será padrão de gloria
De um tempo, que depois será na Historia
D'essa provincia o signoo sublimado,
Para que fique eterno na memoria
D'este goyano povo, e respeitado,
O nome inscrevo, ou gloria renascente:
O' Couto Magalhães, sempre excellente!

Outro virá tambem, que engrandecendo
As leis no ninho patrio valeroso,
Defenderá com animo assombroso
O solo, em que o progresso está mantendo;
Mas esse heróe, não menos glorioso
A invicta prole animará, trasendo
De sul a norte a esplendida esperanza,
Da qual o brilho estremecido alcança.

De Felix de Bulhões famoso nome
Na politica altiva respeitado,
Qual um brazão se vê, que decantado
Na lyra, a qual o tempo não consome,
Será d'aquelle, que bem celebrado,
Virá gosar de altissimo renome,
Ás musas dado, em cujo eterno abrigo
Eu, que te fallo, acordarei contigo.

Eis desperta-se o inclyto Bueno;
Os olhos volve em torno á cabeceira
Do leito, em que na palha derradeira
Assim dormira com dormir sereno:
Na mente enfim repassa a historia inteira
Do povo, a quem julgara se pequeno,
Esperando voltar áquella terra,
Onde gloria, familia, e tudo encerra.

Eil-o que parte em grande comitiva:
Animo forte e inabalavel crença
Traçando estão altissima sentença
A todos, com que sempre a gloria viva.
Fernandes marcha em frente sem detença,
Pois de apparatus bellicos se priva,
E quer apenas dar uma alta prova
De sua justa lealdade, e nova.

Que os indios a não tinham, bem sabia
Bartholomeu Bueno; mas os taes
Conversos d'essa tribu de acroás
Logo mostravam toda a hipocrisia.
Porém o pae de Tanary, que a paz
Respeitava, e das armas se temia,
Sempre seguira firme, e obediente
A' voz do novo An'guêra intermittente.

Uma tarde, em que estavam distrahidos
No acampamento, uns lendo, outros fumando,
Outros em longas scismas abysmãdo
Os corações maguados e opprimidos,
E o chefe, o nobre chefe, enumerando
Os já medonhos tempos decorridos,
Com aquelle semblante sempre forte,
Já tantas vezes proximo da morte:

Cinco raivosos tigres se apresentam
Saltando á toda a preza, que encontravam;
Os cães bravios saltam, que acoutavam
As feras, que do gado se alimentam;
E, travando investida, se arrojavam
Contra os mais fortes, que o terror sustentam:
Os tiros varios sôam, tudo estruge,
E o tigre mais possante salta e ruge.

Alguns mais investindo, mas temidos
Dos destros cães, rugiam tão ferozes
Como leões, os golpes mais atrozes
Contra alguns atirando, enraivecidos:
Eis acorda Bueno áquellas vozes
Tres homens d'estas luctas entendidos;
E, juntos se arremettem contra as feras,
Como se fossem rubidas crateras.

O quadro é negro. Grita, se estorcendo
Contra as garras d'um tigre, Hortiz banhado
No proprio sangue; e o pulso alevantado
Ia o punhal com força arremettendo...
Mas Bueno, d'um salto assignalado,
Cahe sobre os dous, a fera combatendo;
E, qual um novo raio, entrou Fernandes,
Que o mais feroz prostrara d'entre os grandes.

O tão lusido couro, que os vestia,
Posto ao sol endurece, e conservado
O tem Bueno, vendo Hortiz vingado
D'aquella ferocissima ousadia.
O braço esquerdo ainda ensanguentado
Mostra do chefe a estranha valentia,
Porque, desprevenido e idoso, era
Não capaz de luctar com qualquer fera.

Mas, em chegando alguns selvagens, sente
Cheiro de sangue um d'elles, e espreitando
O mortuario campo, vae sugando
Primeiro o sangue sobre a relva ardente;
Outros dous sobre as carnes enterrando
Estão as unhas e o feroce dente:
Volta Bueno o rosto áquella scena
De qualquer condição, mas não terrena.

Já sobrevindo a noite alguns descansam
Nas humidas cabanas, que os resguardam
Do gelado sereno; e alli não tardam
Outros voltar, que na sangueira dansam:
Os cães as guarnições diversas guardam:
Sonoros cantos que alguns indios lançam
Dos corações, despertam tristemente
Da noite o frio manto, refulgente.

Nos pincaros dos cerros afastados
Das estrellas o manto estende agora
Mais fria e triste a noite; o rio chora
Por entre os baixos valles, socegados.
Alta noite, rompendo a lua fóra,
Os cerros e os desertos alvejados,
Os valles e as tão floridas campinas
Vestem-se de roupagens diamantinas.

Mas, ao somno cedendo e já pousada
A grande comitiva, o chefe em sonhos
Ouve estampidos horridos, medonhos,
Pois a abobada toda está gelada;
Os mundos erguem uivos tão tristonhos,
Rouqueja o espaço pela etherea escada,
Que seus membros inertes se estremecem
Depois que as negras scenas apparecem.

Fogem no abysmo horrisonos cometas
De longa cauda, em chammas furibundas;
E das cavernas lugubres, immundas,
Sôam com força estridulas trombetas;
Algumas vozes asperas, profundas,
Na orchestra dos altissimos planetas,
Erguem os mundos; e, no feio abysmo,
Surge e resurge o enorme cataclysmo.

E, no painel de sombras escurissimo,
Qual um astro brilhante se apresenta
Uma figura sem rival, que tenta
Despedaçar o véo terribilissimo:
Do sol o raio forte experimenta,
E fende pois o abysmo sempre altissimo,
E do mortal acolhe mais piedosa
A voz, que solta a bôcca temerosa.

Um khoro brilhantissimo o recebe
Em seu seio, no azul de espaço infindo;
Outro khoro lhe está constante rindo,
E um suave licôr de rosas bebe;
E aquelle abysmo, agora assim tão lindo,
Em suas puras emoções o embebe:
Deus apparece na alta magestade:
E' toda um riso, um hymno a immensidade.

Harbas eolias cantam seus louvores
Áquelle, que entre os astros fulge eterno;
Ouve Bueno um hymno, mas paterno
Signal é sempre de immortaes dulçores.
Quão differente é pois o sol galerno
Do abysmo terreo em seus crueis horrores!
Mundos! Astros! Altissima riqueza!
De que materia é vossa natureza?

Os eleitos espiritos dominam
As esferas externas, onde vagam
Os fracos seres, que no sangue alagam
De irmãos a vida, que ao terror destinam:
Os infinitos raios se propagam
Dos eleitos espiritos, que ensinam
Aquelles baixos, e humilhados mundos,
Onde a materia tem golfões profundos.

Mas logo um sêr brilhante apparecia
Ante Bueno attónito; e suspira
Tres vezes este, ouvindo a eterna lyra,
Da qual gosava esplendida harmonia.
Ao novo instante o espirito me inspira
Grande conselho: Eu sou teu grande guia:
Quero inundar-te aqui da luz divina,
Em premio da existencia peregrina.

E, ouvindo aquellas expressões tão altas
Desperta-se do somno delectavel
Bartholomeu Bueno; e um riso affavel
Dos labios seus compensa antigas faltas
De Hortiz seu genro: e a crença memoravel,
Com que, diz elle, filho, aqui me exaltas,
É hoje o premio da alliança nova:
Dá que não seja a derradeira prova.

Já lhe refere o sonho, o grande sonho,
Que tão feliz sonhara, porque tinha
Muito alegre o semblante: e se adivinha
Quem traz aquelle espirito risonho!
Dos céos por certo a graça lhe provinha,
Mas não do mundo cáldo e tristonho;
E, com seguro animo, ao deserto
Marcham, que o patrio ninho estava perto.

Já a cidade avistam, que mais bella
A natural riqueza ostenta ao mundo,
Em cujo seio uberrimo e jucundo.
Talvez mais certa a liberdade vela;
Onde um bardo, talvez o mais fecundo
Do patrio sul, fitando a estranha estrella
D'essa gloria immortal, passou cantando
Do berço ainda áquelle azul tão brando!

Tal qual o peregrino, que, cançado
Da penosa jornada, o abrigo avista,
Onde irá repousar, já vendo a crista
Risonha do seu monte celebrado,
Chorando de prazer, porque lhe assista
Vivaz recordação do ninho amado,
Sacode o pó das vestes, se abraçando
C'os paes, que afflictos o estão chamando:

Assim na cõrte de São Paulo unidos
Entraram, quinze sóes sendo passados:
E os mimos do deserto assinalados
Levam alguns dos mais favorecidos:
Bartholomeu Bueno e os seus soldados
O genro, e trinta e dous indios vencidos,
Sobem alguns degraus da excelsa escada,
Sendo ahi a viagem terminada.

Eis o governador, que tantas vezes
Lhes predissera innumeradas desgraças,
Vendo dos índios as altivas raças,
E as chagas, que escondiam seus revéses,
Disse ao inclyto chefe: Aqui me abraças
O mesmo amigo, o intimo Menezes:
E assim, de algumas lágrimas banhado,
Abraça o velho amigo respeitado.

Aqui tendes aquelles filhos grandes,
Disse afinal Bueno, que primeiros
Se curvaram áquelle, que aos guerreiros
Fallou do cimo dos goyanos Andes;
Que, respeitando agora os brasileiros,
Querem seguir as crenças de Fernandes;
E, apontando ao domestico selvagem,
Mostra-o a todos, que era o grande pagem.

A um signal de Bueno, os mais bravios
Se ajoelharam calmos, respeitosos,
Beijando o solo, e os braços musculosos
Crusam depois, soltando uns assobios:
Tres cayapós escravos, desgostosos,
Com seus olhares rapidos, sombrios,
A scena assistem, fallam-se baixinho,
Notando os inimigos seus visinhos.

Mas um d'elles comsigo jura ardente
A tribu defender, voltando breve
A's tabas, onde An'gaia não prescreve
Regra, e doutrina agora conducente;
E comsigo murmura: Ah! quem se atreve,
Quando eu tiver uma arma d'essa gente,
E adestrar no combate os meus guerreiros,
A trucidar-nos no estreito primeiros?

Mas Bueno nas fallas proseguia,
Ora contando os casos desastrosos,
Ora os combates feios, trabalhosos,
Contra a guerreira tribu, que o trahia:
Já o governador com respeitosos
Gestos distingue o genro, que o seguia,
Em quem percebe um raro combatente
Pela patria brasileira sempre ardente.

E, de novo abraçando os dous amigos,
Promette auxiliá-los, tendo-os breve
Senhores do paiz, no qual se escreve
Com fogo ardente aos brutos inimigos;
Onde, quem mais affronta á tribu deve,
Ha de infligir ainda alguns castigos,
Plantando a cruz no alto das montanhas.
E a fé levando ás regiões estranhas.

Palavras de conforto, amaveis, puras,
Ouviu-as ledo o chefe ao grande amigo:
Tinha vencido o asperrimo perigo
Seu coração nas regiões escuras:
Lá ficava amantissimo jazigo
Cerrado apenas por tristezas duras:
O amor de um lado, e d'outro, sem q'ô cresse,
A fama do porvir, que merecesse.

Contrarios ventos da fortuna incerta
Seus inspirados planos respeitaram,
È os trabalhos, que tanto o prepararam,
Sempre ante o rosto a morte descoberta,
Em Hercules um homem transformaram:
Lei de cima talvez com que se acerta!
Certo rumor de alguma voz divina,
Que ao cego, quanto ao sabio, a vida ensina!

Nosso jugo é bem doce, quando ouvimos
Altas phrases de amavel cortezia,
Em premio áquella acerrima agonia
Que pela patria a trabalhar sentimos.
Trabalhe sempre o genio, noite e dia,
Nas obras em que o metro permittimos,
E a terra, que lhe deu primeiro o berço,
Ha de entre glorias receber-lhe o verso.

Taes considerações, tal crença cara,
Sabias leis de verdade e acção primeira,
Sublime têm uma alma verdadeira:
Do chefe o genro logo se exaltara:
Dormir não poude aquella noite inteira,
Que mais activo o sangue trabalhara,
E, na insomnia suave e deleitosa,
Prevê sorrir-lhe agora um céu de rosa.

Já lhe desenha a mente algum castello,
Onde brilha asiatica fortuna;
Doce brisa maritima lhe enfuna;
Asas de um brigue sobre mar tão bello!
Mil estandartes leva a linda escuna
Pelas aguas do gôlfo, em que singello
Descanta agora o terno marinheiro,
Disendo á patria o seu adeus primeiro.

Alli pinta risonha a quadra amiga,
Em que da esposa os beijos matadôres
Sente nas faces, como ardentes flôres,
Cujo perfume o coração mitiga.
Em sua alma cantando estão amôres
De affectos tantos a sagrada liga!
E, enlevado no azul da phantasia,
Hortiz espreita o alvorecer do dia.

Mas a mente do esposo é sempre cheia
De phantasticos sonhos, quando ausente
Lhe bate o coração no seio ardente,
E a alma um quadro de saudades creia;
Quando ante os olhos a manhã fulgente
De mais belleza e canticos se arreia,
Trasendo só á mente essa lembrança
Da familia, a mais intima esperança.

É só no seio d'ella, em que nossa alma
Das afflicções da vida bem repousa,
Em que, deixando a mortuaria lousa
Da amigos, abraçando-a já se acalma,
Em que tambem nos beijos d'uma esposa
De mais santa affeição recebe a palma,
Onde o materno olhar é mais sublime,
Que o verso um tal prazer jamais exprime.

Nella funda-se a força, que domina
As grandes leis da crente humanidade,
Cuja fronte só crê na liberdade,
Que é vida, e nunca lugubre ruina:
Logo o pendôr maior da sociedade
Á tyrannia estólida se inclina:
Os homens, filhos da verdade pura,
São o braço da grande architectura.

Ditosa geração!... Si no teu seio
A patria justa o coração repousa,
Erguendo um brado puro, que mais ousa
Ao do futuro bem louvar tão cheio;
Si na lapide fria, ou viva lousa,
Bueno a fronte inclina em doce enleio,
Foi só, bem sabes, por servir-te a gloria,
Louros deixando dignos de memoria!

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO QUINTO

Dispõe-se Bartholomeu Bueno a voltar para os sertões de Goyaz. — Approva o governador Rodrigo Cesar de Menezes essa nova utilissima viagem. — Breves noticias sobre a historia do Brasil nos tempos coloniaes. — Chegada da comitiva á serra da Mantiqueira. — Propõe B. Bueno aos seus companheiros (Padre Antonio d'Oliveira Gaio e engenheiro Manuel Barros) diversos problemas de philosophia e historia para melhor mitigarem os rigôres de tão dilatada viagem. — Opiniões sobre antiguidades.

CANTO DECIMO QUINTO

Nocturnas sombras vão se esparecendo
Da madrugada ás purpurinas côres,
Sobre as altas montanhas os negrôres
Em fino orvalho os ares desfazendo;
Quando em palacio alguns gentis senhores
A comitiva applaudem, concedendo
Menezes, do elevado e nobre assento,
Tornar o chefe ao seu louvado intento.

No entanto d'uns a mente corruptora
Só a malicia engendra, que seguia;
Mas Bueno, a quem Deus favorecia
De um'alma grande, de seus dons senhora,
Só a propria razão julgando ouvia,
Como Albuquerque á sombra assustadora
Da guerra sobre Olinda sustentada,
Quando viu do hollandez a grande armada.

A um tempo a natureza, que o convida,
E o genro de saudades trespassado,
Logo após o presente conquistado,
Quasi entre louros alcançada a vida,
Lhe excitam mais o espirito educado
Na força da vontade apercebida:
Era soado o instante, em que devia
Christã fazer a humanidade impia.

Difere o grande e bom governador
A petição do chefe, que esperava
Lhe fosse concedida a zona escrava,
Por ser o seu real descobridor,
Barros, que para o campo se aprestava
Com varios aparelhos de lavôr,
Em tudo sente apenas a incerteza
De não caber-lhe a nova natureza.

Sobre o fastigio vê-se reclinado
O moço heróe da prole prestimosa,
Que na aldeia goyana a lei ditosa
Já constitue com animo inspirado:
Albano sonha a guerra caprichosa
Com Paulo attento ao despresivel fado:
Os indios carijós, promptos a tudo,
O rosto velam com aspecto mudo.

Nisso cuidava o chefe porventura
Das novas, fortes armas entendido,
Ou já se pondo á sombra do partido
Da paz, que entre selvagens pouco dura:
Bem como o tempo todo escurecido
Na anuviada universal pintura,
Assim tambem os animos se viam
Tristes, que as longas penas affligiam.

O contumaz espirito, que presa
A soberana lei da autoridade,
Era em Bueno a força, que a verdade
Só defendia: assim a historia resa.
Seu rosto, que traduz a magestade
Da alma, que todo o esforço nobre pesa,
Logo inspirava estranha sympathia,
Dando a sentir a todos a ousadia.

Mal soffria seu animo brilhante
A invectiva da armada insidiosa,
Que, em seus dias, á treva dolorosa
Lançou de Guanabara a grei possante.
Era a franceza esquadra numerosa
Para ser destruida a todo instante:
Duguay Trouin a Carlos por vingança
Põe na peleja audaz toda esperança.

Castro cobarde a prestimosa terra
Toda entregue por muita cobardia:
Triste resgate augmenta a villania
Sem o sangue custar de alguma guerra:
Seiscentos e dez mil crusados via
Duguay, que mais fazendas desenterra,
Já não valendo os bravos, que chegaram
Cheios de horror, que tudo reprovaram.

Igual acção commette, deshonrando
Minas altiva, o misero Silverio,
Servil que maculou todo hemispherio,
Da liberdade o manto espedaçando;
Mas no estrellado alcaçar, onde ethereo
Throno conserva o martyr venerando,
O olhar divino attende a fé sublime
Negada ao mundo por tão negro crime.

Mas o inclyto chefe, em quem repousa
Da terra descoberta a propria vida,
Longa paz e esperança estremecida
A sustentar com muitos filhos ousa:
Com quanto a gente barbara e perdida,
Que prefere igaçaba a qualquer lousa,
Mais inclinada fosse á dura guerra,
Só em sangue banhando a patria terra.

Em parte a doce inclinação provada
Em mil projectos altos e assombrosos,
Bartholomeu Bueno aos mais famosos
Tira a palma da gloria assignalada:
De Hannibal tendo os olhos magestosos,
Mas de Xerxes a ideia sempre ousada,
Já de Alexandre os raios da bravura,
Já de Osorio gigante a mão segura:

Quando esses para as armas caminhavam
Cheios de amôr da patria verdadeiro,
Quando em Felippe Camarão primeiro
Com sua esposa as glorias se buscavam,
Por bem servir ao solo brasileiro,
Onde hollandezas armas se esforçavam,
Bartholomeu Bueno nada teme,
E, como o heróe de Homero, em gloria freme.

Louva o governo ao inclyto Fernandes
Vieira e André, com seus leaes amigos,
A gloria do combate e os mil perigos
Já passados, tão asperos, tão grandes!
Toda a sanhosa raiva de inimigos
E' pouca emfim para aviltar os Andes,
Altivos, quando em prol da liberdade,
Humildes, respeitando a humanidade.

De brio pertinaz o mais completo
Era Barros, no qual o chefe tinha
Não só amigo, mas a luz que vinha
Confortar o desterro: inda indirecto
Sendo posto, comtudo se adivinha
Para o commum exilio o esforço recto,
Com que o mais abatido se alevanta:
Exemplo é grande que melhor se canta.

O mais disposto havendo, em que fiava
Toda a jornada immensa e trabalhosa,
Em cortejo, Bueno e a grei famosa
Partiram, demandando a terra brava.
O céu vestia aquella côr de rosa,
Que na estação dos fructos encantava:
Os ares doces, bons, mas pouco frios,
Serras, valles, desertos e alvos rios.

Ledo o tempo corria brandamente,
E a Mantiqueira serra apparecia:
Já trinta vezes a manhã nascia,
Outras tantas o sol ardentemente:
Nessa estação mimosa, que sorria,
A alma cantando estava docemente:
Da comitiva alguns rapazes riam
Saboreando os casos, que diziam.

As destrahidas noites se passavam
Sem um signal de pena, ou de tristeza,
O pagém tendo as minas com certeza
Sonhando, com que muitos se alegravam:
No Duro as grutas cheias de grandeza
Com artisticas formas o esperavam:
Eis o chefe, que ha tempos meditando
Andava, altivos planos combinando:

Propõe diversas, inclytas questões
Ao padre Antonio Gaio, que entendia
Ser a materia a forma, que escondia
Aquella essencia, o foco das paixões;
Porquanto, quando Sócrates morria
Perante aquellas feias multidões
Já bebendo a cicuta que envenena,
Já sorrindo com riso de açucena:

Para os athenienses, que odiavam
Suas sabias licções, e a luz traziam
Da lei, moral divina aos que mentiam,
Emquanto as leis do Estado profanavam,
Eram seus grandes sonhos que sorriam,
Eram seus pensamentos que exultavam,
Mas não effeito da materia impura,
Que se desfaz na extrema sepultura.

Eu, quanto a mim, começa pensativo
O grande chefe, a todos respeitavel,
Em Protógenes sinto o irrecusavel
Genio das artes sempre redivivo;
E aquelle forte espirito adoravel
Da poetisa de Lesbos, e o captivo
Coração todo accezo em pura chamma
Para cantar da natureza o drama:

E o grego illustre Pindaro, que tinha
Na lyra doces notas da harmonia,
Ora ao grande esculptor, que o precedia,
Praxiteles, roubando as graças vinha,
Ou senão d'um Demócrito, que ria
Do abderita, que as graças lhe sostinha,
Ou de Hippócrates sabio a medicina,
Que a mocidade estudiosa ensina:

Que é senão tudo a mente, que assignala
As leis eternas da alma, quando sôa
No coração a vida, e a gloria vôa
Da virtude excellente, que ella exhala?
Pois si a fama de Apélles tudo atrôa,
Quem contra o effeito de seus quadros falla,
Ou do eximio Aristóteles, profundo,
O genio negará, que assombra o mundo?

E si as estrellas vejo, que scintillam
Na tela do infinito, quando o manto
O crepusculo estende, porque santo
O solio está das nuvens que desfilam;
A todos, quanto a mim, produz espanto,
Não os raios do céu, nem os que anilam
Sobre a terra suspensa eternos mares,
Mas a virtude que os sostem nos ares.

Dê-me o céu toda a força á mente austera
Para louvar dos grandes a grandeza;
Dê-me tambem serena profundeza
De alta sciencia, que a verdade gera;
E seja sempre doce a natureza
Para quem seu auctor melhor venera:
Como aquelle afamado Constantino
Segue o suave labarum divino

O signo portentoso em vendo puro
Nos braços de uma cruz apparecida,
A Deus entrega humilde aquella vida,
Que ia banhar-se no combate escuro;
Assim minha alma saiba estremecida
Nos bens do eterno e estival futuro,
Descansar compassiva, emquanto sente:
Um coração bater no seio ardente

Descobre o telescópio o céu profundo,
Mas não descobre aquelle que o sustenta:
Herschell medita no poder, que assenta
Sobre esse abysmo altissimo e fecundo:
Tudo a seus olhos ávidos augmenta
A pequenez do nosso opaco mundo:
Galaxia de myriadas se estende
Onde a sciencia sua gloria offende.

Lalande, si discute os astros novos,
Que maravilham toda a immensidade,
De Ptolomeu negando a potestade
Com verdadeiras, e distinctas provas,
Exemplo dando á forte humanidade,
Heróes indo acordar em suas covas,
Tanto não fez na patria da sciencia
Quanto Platão, sondando a consciencia

Mas, vós, que tendes tudo me attendido
Com respeito, que tanto me penhora,
Vistes o sol bordando a branca aurora,
E ser da noite em breve esmorecido;
Tambem sentistes a saudade agora
No coração formando algum gemido,
Toda ilusão da vida já passada
Lembrando á mente, certa e amargurada.

Pois, quando em sonhos escutei sorrindo
Aquelle sabio genio, que sentira
Minha amarga tristeza, ou me seguira,
Aos olhos meus o espaço descobrindo;
Vi com certeza a forma o revestindo
No celeste painel, brilhante e lindo.
Aquella forma etherea, porém cheia
Das côres vivas de que o céu se arreia.

Vi transformado o mundo das estrellas
Em sons, que toda est'alma acalentavam,
E os justos sêres ao meu rosto davam
Das excellencias suas graças bellas:
Porque meus olhos ambos se cerravam?
Perante as suas formas tão singellas?
Porque mudos os labios me tremiam,
E todo o sêr, e as fibras se partiam?

Mas logo aquelle espirito me ordena
A liberdade conceder ao bando
De escravos, que me estava assegurando
Todo o trabalho bruto, que mais pena:
Sorriu-se pois, o verbo sustentando
Com razões taes, que um pouco me serena
O coração no peito, o qual vencido
Foi do direito grande discutido.

Mas a indigena raça, que me toma
Por seu funesto An'guêra, se apresenta
Contra a minha bondade, que contenta
A raça, que o sigillo tem de Roma.
Toda a romana lei, que se sustenta
Para a nefanda acção, que triste assoma
Em toda Europa, e America subida,
Negando a liberdade á nossa vida:

Pretende Hortiz, meu genro, que se faça
Cumprir, julgando sua força, e move
A opinião zelosa; e mal promove
Com seu erro a tristeza áquella raça:
Propõe no entanto, para que se approve,
Dos negros só a sorte se desfaça:
Pouco fallou, que todos o accusavam,
E a seu rosto as blasphemias murmuravam.

Tal desintelligencia me consome
Por longos dias todo o coração:
Contra a pensada e firme prevenção
Oppõe a sorte a miseranda fome.
Nada o demove; o intento é sem razão:
Antes porém que o mal secreto assome,
Eu disse: em pouco vale a minha espada;
Mas não a fuero ver por ti manchada.

Portanto a opinião teimosa, amigo,
Suspende agora, murmurei sorrindo;
Mas de improviso estavam-nos medindo
Cinco feras: que misero castigo!
A cauda enroscam, movem-se rugindo,
Mais estreitando o nosso fraco abrigo:
Uma das cinco ruge, mas tão forte,
Que só fazia receiar-se a morte.

A'quelle, padre, que alli vês sentado,
Deveu primeiro a vida o moço ingrato:
Negra fera se vê que o leve fato
Já lacerando o colhe ensanguentado:
Os gritos vãos alarmam todo o matto,
Mas Hortiz defendido está torvado:
Só essa scena, exemplo magestoso,
Torna-o depois tristonho e vergonhoso.

Mas só assim a liberdade approva
Aos negros de improviso concedida:
Um d'elles para tel-a expoz a vida,
Outro o sangue lhe aquece, que renova:
Não ficará sua alma arrependida
Da acção contraria, que aviltava a cova
De quem por mim sonhara o grande dia,
Que a terra americana estremecia?

O especioso pensamento, occulto
No espirito sagaz, bem promettia
Ser negado, que o tempo descobria
Por si seu alto esforço a tanto insulto:
Agora vê que o bem lhe concedia
ao testo coração solemne indulto:
Por tudo se arrepende, está tristonho,
Julgando o caso inconcebível sonho.

A' luz do côto a Biblia folheando
Sosinho, entrestecido, emfim suspira;
Mas de David propheta a meiga lyra
Nos psalms ideaes lhe está fallando:
Um pensamento nobre, um thema ouvira,
Que o coração desperta consolando:
Por isso dorme, e seu dormir jucundo
Lhe está representando o ethereo mundo.

Tudo approva sincero o genro, ouvindo
O chefe, que entretinha o grupo amigo,
Ao qual a ideia do fatal perigo
O temor grande estava produzindo:
Um ha que sonha o misero jasigo
No ventre horrendo, a scena concluindo:
O padre se estremece, e tem por certo
Cedo morrer nas sombras do deserto.

Mas o forte engenheiro, que a verdade
Só da sciencia louva, em que descansa,
Lhe influe soberba e viva confiança
No coração, que teme a soledade.
Bueno os sonhos pinta da esperança,
Doce consolação da humanidade:
O céu mostra-se a todos favoravel,
O tempo claro, o estio incomparavel.

As ramagens das arvores singellas
Á luz da lua pallida se agitam
Das auras aos suspiros, que palpitam
Por entre as selvas mais gentis e bellas,
Nem Zeuxis, nem Praxiteles imitam
Da aurora as rosas brancas e amarellas,
Nem Lysippos, nem Angelos concebem
Quadros, nos quaes os anjos glorias bebem.

Conceda-me o poder, que rege os mundos,
Longa vida e suprema autoridade,
Prosegue o chefe, e aquella magestade
Com que Solon fallava aos reis profundos;
Conceda-me a palavra da verdade,
Sentenças grandes, pensamentos fundos;
E a tudo, em prol da terra prometida,
Farei sentir o bem, que doura a vida.

Sabio contexto os genios reproduzem
Das leis geraes do solio constellado;
Mas bem conheço o verbo assignalado,
Cujó fulgor os fracos não traduzem:
Sei que os raios divinos do estrellado
Alcáçar bons espiritos conduzem:
Com seu poder os genios assignalam
Grandezas, que mil seculos propalam.

Espavoridos fujam, despresando
Esse fulgor divino, que consola,
Neguem os máos a verdadeira eschola,
Vão outros seus enganó sustentando,
Que eu saberei mover a grande mola,
Da humanidade as glorias celebrando,
A todos repetindo o verbo ousado
Do excelso autor da Iliada estimado.

Na trajectoria enorme a viva escala
Dos seres renovada eu vejo eterna;
Nega-se a chamma ao boqueirão qu'infurna,
A chamma que o tormento insano exhala:
A lei da universal razão superna
A humanidade em seu fulgor embala,
Ambito ingente posto ao sabio feito,
Alvo que visa a essencia do direito.

Compete-vos agora a sabia ideia
Iluminar, amigos verdadeiros,
Com sublimes conceitos, que primeiros
Darão calor aos cantos da epopeia:
Que altivos sabios nunca derradeiros
Não louvarão das obras doce estreia:
Pois ide por diante illuminando
O que na mente vossa está bulhando.

Pois, quanto a mim, respeito a intelligencia
Prompta a legar á patria laureis novos,
Bem como sabem premiar os povos
A victoria da altissima sciencia:
Semelham livros bons a bons renovos,
Brilhando á luz somente da evidencia,
Protesto feito á lei, que degenera
O amôr, a doce luz da primavera.

Na dôr constante o espirito se apura,
Na successão da vida se engrandece,
Pelas virtudes grandes se ennobrece,
Deixando sem pesar a terra impura:
Deus, que a virtude humana não esquece,
Nem seus filhos abysma na espessura,
O premio guarda ao coração piedoso,
Sendo um principio certo e luminoso.

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO SEXTO

Prosegue Bartholomeu Bueno a sua viagem para Goyaz. — Vista da serra dos Crystaes, e a apparição maravilhosa de um genio protector do Brasil. — Predições sublimes d'esse genio ao destemido paulista. — Duvida o engenheiro Manuel Barros da realidade d'essa visão divina. — Considerações philosophicas sobre o futuro. — Planos politicos de B. Bueno.

CANTO DECIMO SEXTO

Já dos Crystaes a grande serrania
A comitiva magestosa pisa,
E o rio claro e longo se divisa,
Que de Bueno o nome alli teria:
Ser esta agora a patria se ajuiza,
Que sempre alegre o chefe recebia:
Toda a terra suave leito estende
A quem seus brios immortaes defende.

Presta a viçosa relva da campina
Aos animaes, que nitrem descansados,
Os rios longos, doces e invejados,
A luz da aurora casta e diamantina:
Presta os ares constantes, renovados,
A fructa sasonada, a flôr divina,
Qual mãe bondosa os filhos estreitando
Ao coração, que estava-os esperando.

Qual mãe querida a terra se offerece
No seu vergel de coralinas rosas,
As maguas disfarçando, que, penosas
O seio ferem, que a tristeza aquece:
A esperança, entre as flôres mais formosas
Que a luz do dia, as almas enternece:
Bartholomeu Bueno attento estuda
O mappa, que no calculo se escuda.

O mappa em branca folha assetinada
Desenha Barros, espreitando a terra:
A agulha o duro obstaculo descerra
A' luz do sol bem firme collocada:
toda a virtude da sciencia encerra
Aquella obra tão certa e delicada,
Pela qual tudo vê, sem grande pena,
Barros na linha vertical, serena.

Tal brilho o sol nascendo produzia
Sobre as penhas de rocha crystallina,
Que uma soberba graça, e peregrina
Belleza sobre os ares reflectia:
A chuva da manhã, suave e fina,
Em pingos d'ouro em cima reluzia:
Phantasticas, reaes architecturas,
Eram suas altissimas figuras.

A' semelhança de uma grande pinha
A serra dos Crystaes alli ficava,
De cuja base um rio rebentava,
Que ao Parnahyba deslizando vinha;
O apice frondente ao norte dava
Para a grande lagôa, que o sostinha,
Com seus batracios varios borbulhando,
E os cri-crís sobre os cerros desfilando.

Eis apparece na mais alta serra
Uma visão brilhante e graciosa,
Tal como aquella apparição formosa
Ao domador da tenebrosa guerra;
E qual seja esta estatua primorosa
Mal Bueno reflecte sobre a terra:
Encantada princeza ou deusa antiga,
Que o mundo occulta e a liberdade abriga:

Deusa, mas do deserto solitario,
Deusa do amôr, ou anjo da esperanza,
De Sara a estatua fôra da vingança
Naquelle vasto seio extraordinario,
Si de crystal brilhante a linda trança
Não lhe vestisse a espadua, o deus sicario
Das paixões fundas revolvendo a chamma,
Onde de amante a vida em ais derrama.

Deusa, mostrando uns olhos côr de fogo,
Dous pomos lindos no corado seio,
Entrecerrados labios, casto enleio
Todo o semblante enfeitando logo;
E aquelle riso, em puro devaneio,
Das paixões excitando o estranho jogo,
Larga fronte scismando a idade cara,
As mãos de neve, de elegancia rara.

Visão real não era, e nem podia
Ser aos olhos dos sabios caminhanes,
Vestida assim de perolas brilhantes,
Que entre nuvens á terra é que descia;
E o manto sobre os hombros gottejantes
De orvalho, que ao fulgôr do sol luzia,
Todo a tremer em suas formas bellas,
Como bordado num milhar de estrellas:

A' fórma aérea o gosto inda ajuntava
Das antigas feições da Guido nua,
Quando na Grecia, ao clarear da lua,
O deus do amôr um beijo lhe furtava:
Qual um anjo divino além fluctua,
Ou sobre o solo ás vezes se librava:
Era de certo a fada, ou mãe da terra
Brasilea, que a riqueza altiva encerra.

Barros o rosto sente congelado,
E as mãos, e todo o corpo lhe tremiam,
Que nunca aos olhos seus os anjos riam
Como essa estranha deusa, ou sonho amado.
Bueno e Hortiz, que sempre discutiam
Sobre esses grandes casos do passado,
Tal como aquelle que a Moysés nos montes
Surgia em fundos, negros horisontes:

Aos seus ordenam que esperassem, tanto
Que aos pés da alta visão fossem prostrados;
E os passos movem, mas desembargados
Não foram, redobrando o grande espanto:
Tremem joelhos, labios descerrados,
Vestidos ardem, se espedaça o manto
Que Hortiz sobre a cabeça lança a medo
Para não ver as scenas do rochedo.

Eis uma nuvem, clara como o dia,
Dos céos descida de repente ao mundo,
Vela toda a campanha com profundo
Clamor, que todo o espaço estremecia:
Um raio fende o globo furibundo
Com força, que os ouvidos aturdia:
A estatua se biparte, e voz ardente
Em grandes termos sôa claramente:

E diz: Si aquella patria d'onde puro
Descendo, é tambem vossa patria amiga,
Não fareis guerra á geração, que abriga
Ao selvagem, que soffre em ninho escuro;
Que a geração da terra, a quem castiga
Todo o presente, e a sombra do futuro,
Vos deve receber, humilde e certa,
Na zona ardente agora descoberta.

Bravos sois vós, que tendes ensinado
A todos minha lei justa e divina,
A geração banhando peregrina
Nesse Jordão de glórias constellado:
A soledade espera a estranha sina
Do bem, que sahe do espirito inspirado,
Do bem, que os reis antigos despresaram,
Que nas paixões seus feitos desbotaram.

De cima d'estas asperas montanhas
Vos mostro agora o solo soberano,
Onde o centro do estado sempre ufano
Vereis, com mais virtudes do que manhas:
Solo será por titulo goyano
Sobre tão verdes, inclytas campanhas,
A ideia edificando, e toda a historia
Honrando sempre á porvindoura gloria.

Eis vos affirmo, e conto que sereis
D'esse torrão gentis governadores,
Não sob as ordens de crueis senhores,
Nem no pensar de enfatuados reis:
Combatereis os indios, que os favores
Não sabem respeitar das sabias leis,
Nem têm abrigo certo, ou fé divina,
Que civilise a terra peregrina.

Eu vos dedico a minha força d'alma,
Altiua protecção que Deus me ordena,
Mas vos intimo d'essa lei serena
Do Evangelho, que colhe a eterna palma;
Porquanto a grande gloria, que se acena
Ao patrio ninho, que a virtude acalma,
Não vem de mim, mas toda sahe da vida,
Que inspira-me a verdade engrandecida.

Eu sou quem fez a lei da liberdade
Pela qual velo, e lucto com grandeza;
Quando eu nasci, nasceu a natureza,
E com ella é que vive a humanidade;
Porque si o genio é grande, e tem firmeza,
Toda essa luz surgiu da immensidade:
Vós, que me ouvis, parti com desgraçados
Os vossos bens, e affectos extremados.

Eu tenho-vos nas sombras dirigido
Com paciencia, esforço e amenidade,
Já vos guiando em feia escuridade,
Já vos guardando o somno garantido:
Co'a minha não pequena caridade
Vos tenho algum futuro concedido:
Pois ide avante, illuminando o mundo,
O engenho revelar do sêr profundo.

Para mostrar-vos quanto é falsa e varia
A superflua vaidade, a vã riqueza,
Na estatua que fingira a natureza
Nesta montanha altiva e solitaria,
Eu me expuz com verdade, com certeza
Vos inspirando ideia extraordinaria:
Tal é do humano a inutil vaidade,
Sombra e visão, loucura e iniquidade.

Grande é a patria vossa, grande terra
Pelo Atlantico mar cingida e bella,
Vivendo á guarda de excellente estrella,
Sonhando os sonhos da futura guerra;
Mas esses ledos sonhos, em que vela
A frente, que segredos mil encerra,
Não serão do terrôr das armas brancas,
Porém das leis das almas sempre francas.

Das almas puras são, que as ennobrecem
Por trabalhos forçados, e lusidos,
Obras legando a maximos partidos,
Que de Solon a fama não esquecem:
Pois tambem vós sereis engrandecidos
Em vossos pensamentos, que estremecem
Os reis, ouvindo os feitos que contarem
Os versos, que taes glorias celebrarem.

Defendei, pois, o altissimo estandarte
De vossa patria, emquanto é concedida
Tão dilatada, quanto justa vida,
Que por tão sabios feitos se reparte;
Porque de vós depende a sempre erguida
Brasilea fama, pura em toda a parte,
Que assombrará, num seculo futuro,
O europeu grandioso e o globo escuro.

Sabios virão dos mundos invisiveis,
Que exaltarão com factos grandiosos
Os tempos, em que tristes, ou chorosos,
Os deuses cairão por impossiveis;
Que esses falsos preceitos, numerosos,
São á mente illustrada inexequiveis;
Si Deus é quem somente cria e impera,
Quem faz a luz, que traz a primavera.

Pois até quando aos homens com brandura
Eu fallarei, mostrando-me piedoso,
Em sonhos, em visões o sol ditoso
Annunciando em cálida espessura?
Até quando o meu halito famoso
Ha de apagar a iniquidade escura
No coração do filho malfasejo,
Ou no do pae adúltero e sem pejo?

Eis o sangue dos miseros na terra
Ha de correr nos seculos visinhos,
Os crimes se mudando em vis espinhos,
O doce leito em pedregosa serra;
Não saberá o infante que carinhos
Lhe serão dados ao bramir da guerra:
Sombras enviarão tormentos grandes
Da base ao cume dos altivos Andes.

Mas a espada será disposta apenas
Para os malvados da passada vida;
A sombra exultará da lei fingida
Com execrandas máculas terrenas.
Cegos do mundo! Humanidade infida!
As esperanças candidas e amenas
Manchaes com a saliva, que o brilhante
da espada da justiça embaça ovante!

Eu vos tenho apertado em duros ferros
Por seculos remotos, sanguinarios,
E os vossos deuses vão, crueis sicarios,
Propulsores fataes de horriveis erros,
Despedaçado aos templos solitarios,
Vos expondo a vilissimos destertos:
Mas o bem, que indiscretos despresastes,
Que com escarneo á face me negastes:

Esse bem, que nasceu da luz serena
Do amôr, da vida altissima e sagrada,
Tendes no lôdo á sombra reprovada
Recalcado: miseria que bem pena!
Porquanto a lei suprema assim manchada
Tornou-se fel, ou baba que envenena:
Eu vol-o disse: a morte é negra e feia;
E que espera quem tira a vida alheia?

Mas vosso braço arnei com poderio,
Com furor grande e não sonhada gloria,
Para que toda horrisona victoria
Sobre os selvagens do espaçoso rio,
Alcanceis, illustrando a vossa historia,
Mais alargando o eterno senhorio
Da fé, que tem plantado esteio forte,
Para o qual é bem fraca a propria morte.

Honrae-me emfim com actos verdadeiros,
Com sublimados feitos, que illustraram
Esses heróes, que os gregos respeitaram,
Quaes fossem deuses os heróes primeiros;
Mas, si as minhas palavras vos tocaram,
Na historia não sereis os derradeiros,
Porém aquelles que o subido assento
Occuparão com sabio ajuntamento.

Vossa é a terra ingente, que diviso
D'esse elevado comoro, que brilha
Primeiro da invencivel maravilha
Da natureza, que com força piso:
Sois pae, não nego, de dilecta filha,
Que me vencido tem com seu sorriso:
Guardae portanto a esplendida memoria
De quem sabe escutar a vossa gloria.

Assim disendo, harmoniosos hymnos
Pela amplidão celeste iam soando,
Amenos, quaes suspiros palpitando,
Os corações movendo mais divinos;
Mas a visão de subito passando
Ao seio azul dos mundos peregrinos,
Qual sonho se desfez que tão amenas,
Eram aquellas expressões serenas.

Comtudo sobre a terra mergulhados
Os rostos os humanos conservavam:
Bueno e Hortiz ainda se esforçavam
Por bem sentir os grandiosos brados:
Mil sonhos seus projectos deslumbravam,
Mil venturas de amôr os tristes fados:
Tremia o coração de ouvir tão grandes
Sonhos, as fibras animando aos Andes.

Essa imagem de pedra, que ficara
Na mente logo desenhada e viva,
Parecera a visão da idade esquiva
Soturna, em que Demósthenes sonhara:
Toda a ideia suprema, ou rediviva
Ao pensamento certo, que a deixara,
Se renova intensissima, accendendo
Poder, que o mundo inteiro está vencendo.

Sobre a terra os joelhos inda tendo
Bartholomeu Bueno exora ardente
Ao Deus, cujo poder omnisciente
Os astros vivos guarda, o céo regendo:
Fugaz redomoinho á treva ingente
Revolve, em luz o espaço convertendo,
Bem como o carro do propheta santo
Subindo ao solio do estrellado manto.

Mas já diversos moços rodeavam
Os tres, ouvindo o caso que passara:
Doce perfume angelico, ficara,
E nuvens sobre o monte se inclinavam:
Logo o engenheiro ri-se, que estimara
Negar os céos, que os anjos enviavam,
Por certo orgulho fatuo, que o mantinha:
Mas ao chefe o presagio bem convinha.

Toda a terra a seus pés se curvaria
Ao mais suave olhar, ou brando aceno,
Plantada a cruz no virginal terreno,
D'onde o futuro inteiro brotaria;
Faria paz aos grandes e ao pequeno,
Protegendo o trabalho, em que viria
A ser da patria o indio feito amigo,
A todos offertando um ledó abrigo.

Já suas leis na mente predispondo
O código futuro estabelece,
Qual dos hebreus o chefe, que estremece
De amor profundo, austeridade impondo;
Mas a base, em que o genio fortalece
Todo o plano, que estava alli compondo,
Aos gregos sabios copiar procura,
De Pittaco sonhando a idade pura.

Todo o seu rosto brilha veneravel
Ante aquelles, que o tinham por amigo;
Remove todo asperrimo perigo
Com um sorriso limpido, invejavel;
E talhando o futuro, eterno abrigo
Á geração nascente, e memoravel,
Sabe que suas leis serão honradas
Com palmas, e victorias celebradas.

Protesta contra a lei nefanda e vil
Dos romanos do antigo e triste imperio,
Quando reinava o imperador Tiberio,
E um Caligula bruto, e senhoril;
Reflecte longo tempo, olhando o ethereo
Abysmo, que lhe dá todo o Brasil,
Como signal de sempiterna gloria
Para lhe honrar a altissima memoria.

Unge de oleo, cujo aroma fino
Toda a fronte lhe banha com doçura,
Os cabellos e a barba branca e pura
Apara, a todos ordenando o ensino.
Assim alegre á cálida espessura
O rosto volve audaz o peregrino,
Abençoando a patria, que o recebe,
Onde sua alma inspirações concebe.

Fundar immenso nucleo sobre a terra,
Que concedida fôra áquella idade,
Se determina, e sabia autoridade
Todo o seu genio move em que se encerra:
Bem lhe faria aquella austeridade
Sobre os campos da altiva e certa guerra:
Os indios tomaria ao deus punido
Do escuro abysmo, ou principe cahido.

O systema de leis nunca oppressoras
Propõe, dispondo o codigo, movido
D'aquelle ingente ardor, ennobrecido,
Que dá vida a sciencias protectoras;
E mais que o sabio antigo empedernido
De coração, com sombras conductoras,
Um templo edificar intenta breve,
Onde o trabalho seja o que se escreve.

Reflecte nas ruínas esquecidas
Da Persia, da Idumeia e de Carthago,
Sente da Arabia o miserando estrago,
De Mahomet julgando as leis perdidas;
Um temor vivo, um sentimento vago,
E algumas emoções bem produzidas
Demovem-no do intento caprichoso
De um plano conceder religioso.

Nada impõe, nem com asperos tormentos
Pretende as leis no solo conquistado
Estatuir, com animo exaltado,
Nem com altivos, duros sentimentos:
O coração de ha muito acostumado
A só louvar serenos pensamentos,
O plano caro estuda, em que palpita,
O grande plano que sua alma excita.

Assim, fundar escholas excellentes,
Exemplos dando ás multidões perfeitas,
E' seu projecto ardente, quanto acceitas
Forem as leis e as regras conducentes:
Que as portas da verdade são estreitas,
O disse o grande martyr, com videntes
Phrases ao povo barbaro, affirmando
O que estava em sua alma borbulhando.

O genial governo, que engrandece
Os homens, e as ideias generosas,
Pelo crysol das luctas magestosas
Se reformando todo se ennobrece:
Mudem-se as leis crueis e caprichosas,
Que na moral um povo se enriquece,
Posto de parte o fel da iniquidade,
Por ser essa a mais pura autoridade.

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO SETIMO

Chega afinal Bartholomeu Bueno, seguido de numerosa comitiva, ao seu antigo aldeamento. — Reune-se a familia ao pé da sepultura de Lelia. — A esposa de Hortiz expõe o triste episodio da imprevista morte de sua irmã. — Apresentação do padre Antonio Gaio e do engenheiro Barros. — Hortiz indignado contra o miseravel procedimento de Paulo, mata-o com uma estocada. — E' Albano em seguida arrebatado ao bosque pelo indio, que vingase cruelmente, estrangulando-o. — Anhangaiá é surpreendido por uma sucuryuba, que enlaça-o, estalando-lhe os ossos. — Guayra e Anhangaiá.

CANTO DECIMO SETIMO

DOCE é rever o ninho sempre amigo,
Onde noss'alma inteira se alimenta
D'aquella fé, que o espirito sustenta,
Primeira fonte e verdadeiro abrigo.
Esse prazer, que um triste experimenta,
Remove logo acerrimo perigo,
De branca luz enchendo o seio terno
De quem viu longe o tecto seu paterno.

Emquanto muda jaz a natureza,
Aos olhos de Bueno a terra brilha
Sorrindo alegremente; e maravilha
É toda a rir, qual inclyta princeza.
Aquella terra em que repousa a filha,
Que o passado recorda com certeza,
Viçosa agora aos olhos seus indica
Os thesouros que tem, que a fasem rica!

A'leas de algumas arvores frondosas
Com sasonados fructos o esperavam:
Alli torrentes limpidas manavam,
Alli sorriam bogarins e rosas
Graciosos pimpolhos rebentavam
Por entre as flores meigas e amorosas:
Volvolos cantores entre os ramos
Gorgeiam ternamente em seus reclamos.

Com tão doce emoção Bueno em terra
Os pés descansa alegre, e já suspira,
Não dos trabalhos que passara, e vira,
Mas de ver que se agita escura guerra;
E o indio amigo, certo, o prevenira
De que Guayra desce a longa serra,
Aos javahés e ás tribus forasteiras,
Clamando contra as gentes estrangeiras.

Mas aquelle supremo esforço, nobre
Sentir de um'alma grande, o enfurecia,
Que a seus olhos agora a selva abria
O abysmo, que a selvagem tribu encobre:
Um sorriso sardónico accendia
Seu coração mais aspero que o cobre,
Quando á guerra acordava-se, enleiado
No horror do sangue e do fuzil armado.

Incultos indios eram, mas espertos,
E destros, que as espadas repelliam;
Mas os canhões de bronze, que trasiam
Os soldados tão promptos, quanto certos,
Num volver d'olhos tudo inundariam
Em feio sangue, em boqueirões desertos:
As bombas voariam, quaes nos mares,
Em ziguezagues atroando os ares.

Mas estas reflexões logo emmudecem
No cerebro d'esse inclyto guerreiro:
Sorrindo o ninho seu mais prasenteiro,
Sua alma e coração seus ais esquecem:
Pulsa-lhe o seio ardente ao lar primeiro,
Quando seus filhos os outeiros descem:
Hortiz abraça a esposa ternamente,
Entre sorriso e prantos, juntamente.

Junto aos formosos buritys, que enleiam
A collina, que o sol de manso beija,
A frondosa mangueira em flôr viceja,
No cajueiro os passaros gorgeiam:
Junto ao ribeiro lindo que serpeja,
Estão patis selvagens, que rodeiam
Amarantaceas plantas, e ambaibas
Gigantescas, orlando as verdes ribas.

No redil vasto o manso gado pouosa,
Nitrem os animaes além no prado,
E sobre o cerro inhospito e pisado,
Fiel mateiro, impavido, repouosa.
A grama ao verde campo aprimorado
A ovelha triste, com seus filhos ousa
Levemente roçar, balindo terna
Com a doçura da attração materna.

Sorria então a tarde amena e bella,
Quaes sóem ser as tardes brasileiras,
E já do sol as tinctas derradeiras
Eram na selva placida e singella.
Na alma do herôe, que as illusões primeiras
Do amor da filha, jovial donzella,
Inda chora, sem vida e sem ventura,
Sincera e viva dôr assim murmura:

Não ver-te mais, estrella mais amada,
Brilhante luz da minha triste vida!
Aqui vejo a mangueira mais florida
Por tuas mãos angelicas plantada!
Aqui o cravo e a terna margarida
Com seus primores lembram-te, invejada
Rosa entre as rosas, mais formosa e pura
Que a luz da estrella, que no céu fulgura!

Já se ajoelha aquelle enorme crente,
Em cujos pés a urze do caminho
Sangrava ainda, — nunca tão sosinho
Qual se julgava immovel e tremente!
Como era doce embora aquelle ninho!
Que passado de amôr se erguia ardente!
Affectos se entreabrindo á sepultura...
Na terra... a flôr, nos céos... um'alma pura!

Acerbos, melancholicos gemidos
Do coração de muitos circumstantes
Os ares despertando estão constantes,
Tambem nas duras maguas sempre unidos.
Eis a esposa de Hortiz, que alguns instantes
Gelida esteve áquelles ais doridos,
Sentada á sombra d'um paty selvagem,
Assim falla, evocando a eterna imagem:

Bem te lembrás, querido pae, e amigo
De quem te deve toda esta existencia,
Que para honrar á alvissima innocencia
D'aquella, que aqui jaz no eterno abrigo,
Anhangaiá inditoso, a quem sciencia
Da vida foi a luz, que ardeu comsigo,
Voltando um dia aos nossos ternos lares,
Depois da scena em meio dos palmares:

Uma ave grande aos hombros carregava,
Inda as azas batendo, que era viva:
A anhuma, agora pelo amor captiva,
Aos carinhos de Lélia se humilhava...
E o indio exclama: “Lélia!... Rediviva
Tua avesinha eu vejo, que finava...”
E tu sorrias, pae, como eu sorria
Do amôr, que ao indio aquella flôr prendia.

A’ tarde, quando o sol num céu de rosas
Ia pousando a fronte scintillante,
A anhuma verde-negra, terna amante,
Desferia no val canções ditosas:
Num vôo certo, ao burity distante,
Entre as nevoas da noite, tão mimosas
Notas de amôr, e candida harmonia,
Exhalava, saudando o fim do dia.

Depois em nova, e aligeira descida,
Vinha pousar no collo da senhora,
Cujas feições tão lindas enamora,
Tambem do amôr por ella estremeçada;
E a cabeça inclinando, triste embora,
No seio d’ella — alvorecer da vida —
Dormia ao céu d’um intimo carinho,
Melhor gosando o estremeçado ninho!

Mas um dia, imprevista e tristemente,
Aquella ave não torna ao seio d’ella;
A’ sombra da palmeira fresca e bella
Como chorosa canta amargamente!
Queixosa, á margem do ribeiro, vela,
Mudando os tons do canto de repente:
D’essa tristonha scena alguém pondera
Ser causa o ter passado a primavera.

Mas Hortiz, que na Biblia se entretinha
Na vespera, a reler passagens puras
Do Evangelho, estremece, ouvindo escuras
Visões no peito, que o ideal continha;
E o coração preságo ás desventuras
Certa fatalidade lhe adivinha:
Embalde ri-se, embalde a ideia esquece;
Sua alma pouco a pouco se entristece.

Não tremeste, meu pae, que um'alma grande,
Affeita ás afflicções, affeita ás penas,
Como a que tens, bem como as açucenas,
O justo brilho peregrina expande...
No entanto as horas placidas e amenas
Eram findas! porque, por mais que abrande
O consolo a desgraça escura e forte,
Nada consola ao pae d'um anjo a morte!

Lélia! Lélia! — Clamava o indio, vendo
A triste anhumas ao longo da corrente
Do plácido ribeiro, em voz gemente
Algum funesto caso predisendo —:
Tua ave chora assim tão tristemente!
Tua ave está nos palmeiras gemendo!
Lélia! Lélia! Não vês a tarde... o dia...
Que voz é esta cheia de harmonia?

Ella em suave gesto, em mudo pranto,
Pendia a fronte primorosa e triste...
A' dôr d'um anjo quem no mundo assiste
Que não chore ao fitar-lhe o rosto santo?
Meu coração de irmã jamais resiste
A' aquella scena: e a noite em negro manto
Envolvia-nos triste, sempre incerta,
Nesta paragem humida e deserta!

Hartos bosques o valle entrecerrando
Vibora enorme, rigida, nutriam,
Emquanto os dias limpidos corriam,
E o tempo triste e mudo ia passando.
Albano e Paulo, miseros, trahiam
A quem lhes dava um coração tão brando!
Anhangaiá a floresta em vão percorre
A ver aquella, que por elle morre...

Mas a esposa selvagem, que a existencia
Roubara ao frade miserando e ingrato,
Na mente se conjura, em arduo tracto,
Cruel signal de fera inconsciencia;
E, occulta sempre no recesso matto,
Zelava o odio em tanta impaciencia,
Que um dia, quando Lélia assoma á porta,
Um grito solta, e cabe na relva, morta.

D'uma aguçada setta a flôr da vida
Ferida se desfolha: e o gottejante
Sangue da chaga, viva e penetrante,
Banhava a relva d'elle humedecida.
Tresentos servos a maldita errante
Perseguem, quando mais enfurecida
Na brenha negra penetrou, deixando
Um indio sobre a terra inda arquejando.

Fundo silencio renovara a scena:
Bartholomeu Bueno e seus amigos,
Livres talvez de horrificos perigos,
E da malvada taça que envenena,
Da ingratidão dos indios inimigos
Em quem a furia nunca mais serena,
A' filha tristemente emfim contara
Os trabalhos penosos, que passara.

Trazia triste Hortiz, que ao longe fôra,
Ao bosque ouvir o genio verdadeiro,
Aquelle grande e masculino engenheiro
Paulista, e um padre á gente devedora:
Todo o concurso pouza derradeiro
A' sombra da palmeira protectora:
O padre Antônio Caio ao chefe estende
A mão, que este lhe beija, e logo o entende.

Mas o engenheiro Barros, que não tinha
Outro sentir senão manter seu posto,
A' triste scena o indifferente rosto
Voltara, que á sciencia mais convinha.
Louco! A sciencia é menos que o desgosto,
Que a dor é tudo n'alma que adivinha:
Sabio é quem sabe refreiar seus vicios,
Posta a materia a extremos sacrificios.

Por isso aquelle cerebro indomavel,
Dado ao positivismo sempre duro,
Julga um calculo ser todo o futuro
Da natureza ardente, e inabalavel.
O mundo é verme, que no espaço escuro
Rasteja, preso ás leis do inescrutavel;
No entanto o ser, que um'alma tem lusida,
É sempre a sucessão da eterna vida.

Hortiz, que abrija o carcere, em q'estavam
Presos Albano e Paulo, entre correntes,
Ao velho sogro, em vozes complacentes,
Roga a favor dos brutos, que penavam.
Anhangaiá, que as selvas inclementes
Deixara, ao ver que muitos o esperavam,
Disse a Bueno: Eu venho revelar-te,
Pae, quem deseja aos indios entregar-te!

E saudando os estranhos, que o rodeiam
Sorpresa da visita repentina,
Denunciou de Albano a vil, ferina
Vingança, e os planos que as traições ateiam.
Que á tribu dos tupis, que se destina
A auxiliá-lo, os carajás se hobreiam,
Guiando Tanary, de um alto assento,
Na grande ilha o medonho alojamento.

A' vista emfim de Albano o indio jura.
Ser justa a accusação, que lhe fazia,
Como a floresta em sanha atroz ardia,
Onde a tribu guerreira está segura;
E que o nefando tracto, que encobria
O preso a todos, quanto a raça impura,
Era avançado e grande, tão certo
Quanto o golpe de um braço traiçoeiro.

Assim dizendo, o indio se apresenta
A castigá-lo justo, mas terrivel,
Por ser o caso um crime indefinivel,
Que a furia concentrada em tudo augmenta:
Fitava-o, não sem colera invisivel,
Porque Guayra, de traição sedenta,
A seu brado ergueria a tribu insana
Contra alliança tão sagrada e humana!

Mas Albano sorria, emquanto as fallas
Precipites, ouvindo attentamente,
Bartholomeu Bueno, e toda a gente,
E alguns visinhos servos das senzalas,
Premeditando o facto em raiva ardente
Indignavam-se, trocando as justas galas
Da prospera chegada em bem tyranno
Desgosto a revolver o seio humano.

Posto em anginhos Paulo, abertamente,
Expõe desanimado o plano inteiro;
E logo Albano afirma verdadeiro
Ser de Frei Jorge — o docil penitente —
O matador infame, o algoz certo,
Cujo punhal do santo sangue humente
Inda trasia á cinta, e que esperava
Pôr termo á propria vida, que odiava.

Perversos! Si o destino assim prepara
O futuro de indignos companheiros,
Eu vos entrego, vis aventureiros,
A's mãos de quem se agita em furia rara!
Sim! Não sereis tambem os derradeiros,
Que entre libertos a matilha ignara
Contra a vida attentou de quem pregava
Só a favôr da cruz, em que esperava!

Mas ia avante, quando de repente
Hortiz vibrando a espada, fere em cheio
O coração de Paulo, solto em meio
Da área em que estava a élite inclemente.
Anhangáia no entanto aperta ao seio!
O mexicano; — e mais subitamente
A's selvas o arrebatá, prelibando
A vingança, que estava o suffocando.

Naquella pedra... misero! juraste
A existencia apagar de quem me amava;
Inda a esposa d'um indio se vingava
Por ti, maldito, que a traição buscaste!
Mais vil ainda que essa raça escrava,
A quem teus planos torpes confiaste,
A'quelle ardente sol, que te alumia,
O adeus extremo, desgraçado, envia!

E só nas selvas, quando a sombra incerta
Do crepusculo triste o céu risonho
Ia velando, o indio alli medonho
O pescoço de Albano horrendo aperta;
E ja nas espiraes d'um negro sonho
Mostra um abysmo a solidão deserta:
No coração do vil os brancos dentes
Ferrava o indio, em convusões ingentes.

Gôtta a gôtta lhe suga o sangue, ouvindo
Surdamente gemer o moribundo;
Mas o pendor do valle é tão profundo!
E o proprio abysmo estava embaixo rindo!
Eis nisso enorme sucury do immundo
Charco levanta a cauda, o rei medindo
Das selvas, cuja força a lucta insana
Augmenta aquella forma sobrehumana.

A preza emfim defende o indio enorme;
Salta a serpente agora enraivedecida;
Mas enlaçado, o indio a propria vida
Defende em fero assombro desconforme;
E da arôeira ao tronco justa, unida,
A cobra femea que instantanea dorme,
Como pesando a lucta, desce em terra,
E em novo laço recrudescer a guerra.

Mas o punhal, mil vezes bem vibrado,
Cahe sobre a dura escama, gottejante;
E o braço musculoso o penetrante
Golpe renova a um tempo arrebatado.
Nos labios do selvagem, que incessante
Ruge entre dentes, em suor banhado,
De vez em quando um grito moribundo
Ia acordar o pégo, além, profundo.

Os ossos, um a um, na cauda forte
Da vibora escamosa inda estalando,
Esse terror tão alto, e miserando,
Redobram, conchegando a propria morte.
A lingua, fina e aspera, insultando
A bronzea pelle ao misero consorte,
A sánie verte após ao tronco adusto.
Do indio rei, asperrimo e robusto

Mas aquella inditosa e triste esposa,
Que ao coração do indio mal vivia,
A fera scena, intraduzivel, cria
Ser do destino causa, que outra cousa;
E assim da selva rapida corria
A sustentar a lucta, em que mais ousa
O coração de amante, e sempre raro,
A defender o bem, que lhe é tão caro!

E, n'um relance, a vibora espedaça
Aos golpes d'aquella arma, rija e forte,
Que tantas vezes a salvou da morte,
Que tantas vezes o inimigo enlaça;
E, semelhante a um raio de Mavorte,
Que um circulo de fogo em torno traça,
Dos olhos seus brilhantes viva chamma
Por sobre o esposo ingrato alli derrama.

Comtudo o indio semi-nú sostinha
Banhado em sangue o ferro gottejante;
Mas na medonha scena aquelle instante
O subito sentir do bem provinha,
Embora ao peito afflicto o agonisante
A dôr das chagas na alma a dôr continha:
Como que a mente afflicta emfim delira;
E, quasi em prantos, murmurou: Guayra!

Mas a esposa amorosa a propria vida
Nem sentia lhe arder no grato seio,
Que aquelle novo e arrebatado enleio
Prosta sua alma em chamma convertida:
Um turbilhão de lagrimas lhe veio
Aos olhos, onde a palpebra dorida
Da longa, e triste insomnia acostumada,
Estava ardendo um pouco entrecerrada.

Era o silencio agora o companheiro
Do esposo, em cujo rosto ensanguentado
A imagem do terror num longo brado
Um juramento erguia derradeiro:
E o bosque á meia sombra inda inclinado,
E o véo nocturno ao prado alviçareiro,
Traziam-lhes a imagem da esperança
N'aquella dôr sombria, que não cança.

O' coração ingrato!... A esposa exclama:
A quem a vida inteira hei consagrado,
Traidor constante, agora desgraçado,
Porque pisas da patria a doce grama?
Eis que devia, vendo-te enlaçado
A'serpente hedionda, a escura fama
Do teu crime ao deserto... E mais não falla;
E um gemido profundo o seio exhala...

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO OITAVO

Guandirá, chefe dos indios tupinambás, ouvindo atroarem os cerros, desce pelo rio Araguaya até a ilha de Bananal, onde convoca os indios, por ocasião da nova fusão das diversas tribus dispersas pelos bosques, predispondo-os a um ataque decisivo contra os estrangeiros invasores. — Falla de Guandirá aos selvagens confederados. — Como cacique, manifesta sua opinião contraria ás predições faticidas do gigante *Yédra*, ou principe mysterioso dos indios. — Aparta-se Tanary das cercanias do Duro. — Novos clamores do gigante dos cerros. — Apreciações philosophicas sobre o resultado das impressões, que os indios experimentam, em sua decisão á guerra.

CANTO DECIMO OITAVO

TROAVA o cerro: e a voz d'aquelle forte
Gigante, que entre lagrimas vivia,
De plaino em plaino mais repercutia
Em favôr do desterro, a bem da morte:
Que a cordilheira enorme, que o vestia,
O grito assustador levando ao norte,
Predestinada ao tumulto tremendo
Seu coração cançado está mantendo.

Eis Guandirá que, ha tempos esquecido
Nas selvas mudas, se dispunha á guerra,
Curvando a fronte negra sobre a terra
Logo entende o miserrimo gemido:
Que aquella voz o fado escuro encerra
Da tribu cayapó contra o partido,
E a raça inteira em sombras mergulhava
Misera e nua, e para sempre escrava.

Já divididos pelos bosques, feios
Semblantes vergonhosos occultaram
Os indios filhos, que em terror formaram
Da vingança atrocissimos enleios;
Mas essas poucas forças se esgotaram
Dos outros aos vilissimos receios,
Que muito fôra conquistar a palma
A'quelle heróe, que tudo havia d'alma!

A convocar a tribu se destina
O chefe embora a voz profunda ouvisse
Do gigante: si a guerra emfim partisse
Como Alexandre o gordio nó da sina!
Bem cedo parte: e aquelle que encobrisse
No seio ideia de traição mali'na,
A's feras entregado, á feia clava
Seria, que aviltar a prole brava!

Bem como o lobo os filhos conchegando
Para a defeza heroica, e já disposto,
Ostenta sobranceiro o ferreo posto,
Do tigre a furia impavido insultando;
Assim o chefe, erguendo o rosto,
Ampara a tribu, as gerações vingando,
Guerreiro, que relembra o Prometheu,
Não contra o solo armado, contra o céo!

Singra as aguas do esplendido Araguaya
Nessa estação dos fructos e das flôres;
Na ubá, que parte aligera, os primôres
Do floreo mundo vê brincando á praia:
A's vezes canta, e o canto as rôxas côres
Desenha d'alma, e o desespero ensaia:
Quem espinhos sentir do ingrato fado
É que sabe o que passa um desgraçado.

Mas convinha tornar ás armas vivas
Dos medonhos combates, que faziam
Tremar de horror os bosques, que tremiam,
E as tribus acroás tambem captivas.
Que valiam traidores, que seguiam
De Anhangáia as torpezas, quando altivas
Tabas ainda em alma se elevavam
Contra os brancos audazes, que os matavam?

Já tinha visto aquella pouca terra,
Onde o guerreiro grande edificara
Pyrenopolis bella, que o sonhara
Propicio rei, sustentador de guerra;
E Barra, em que d'aldeia, que formara,
Tornou patria feliz, aos pés da serra,
Que o rio doce banha, mas vermelho,
Em sonhos repetindo a voz do velho.

Mas ver com que prestigio se exaltando
Vinha o povo estrangeiro aquellas minas
De ouro, de rochas de crystal, mas finas
Na qualidade, insignias celebrando,
Era um como tormento, em que divinas
Lagrimas todo o rosto iam banhando,
Que não podia mais no seio ardente
Sustentar esse escarneo e magoa ingente

Um seculo esgotara inteiro a taba
Em luctas intestinas, mas sombrias,
Que ás selvas grandes luctuosos dias,
Em dôr suprema que a ventura acaba,
Dedicaram funestas, quaes harpías
Lançando em proprio solo escura baba:
Era horrivel de ver um monstro erguido
Seus filhos lacerando, enraivecido.

Pois, enquanto a furôres se entregavam
Todos, irmãos dos bosques portentosos,
Os estrangeiros fortes, gloriosos,
As entranhas das rochas violavam:
Templos soberbos, raros, magestosos,
No brasileo torrão, que ameaçavam,
Erguiam sós, e aquella força estranha
Vinha roubar aos genios da montanha.

Com força, que os heróes da antiguidade
Nunca tiveram, nem contar sabiam,
Seus labios mil vinganças proferiam
Do semblante mantendo a magestade.
Rei das selvas, si escravos o assistiam
Humildes á suprema autoridade,
Convinha ás armas convocal-os cedo:
E estava ahi da tribu o grande medo.

Comtudo aquella ideia, em que se tinha
O espirito guerreiro conservado,
Da geração indigena ao malvado
Plano, reitera a força, que o sostinha;
E todo unido agora, mas pousado
Nas cercanias da ilha mais visinha,
Por Guandirá suspira: a gloria cega;
Mas vil é quem seu raio esconde e nega.

Porém o rei, que a extrema lealdade
Louvava aos seus da tribu tão famosa,
A ilha avista amiga e magestosa,
Em que terá da guerra a potestade:
Para vingar a geração saudosa,
Morta ás leis da fatal necessidade,
Inda as supremas regiões mantinham
Filhos que de outras leis as forças tinham.

Já da gruta phantastica do cerro,
Que de Mocambo o nome traz altivo,
Tanary vem, que traz o redivivo
Coração, cuja fé dá-lhe o desterro;
E não cobarde, vem á sombra esquivo
Do combate, em que sente o ignavo erro
Reproduzido e triste, agora ousado
Caminha, o engano tendo respeitado.

Os indios, que aliados se propunham
A defender com força a patria vida,
Ao chefe respeitoso a acção lusida,
E corações sinceros lhe çompunham;
Mas Guandirá, que a frente leva erguida
A tudo quanto as mãos seus filhos punham,
Assim dispoz, batendo o pé direito
No solo, em que vivia livre e acceito:

Tupan me tire a vida, ou me extermine
Toda essa força gloriosa e nobre,
Si o gigante de pedra, que se encobre
De negras nuvens, porque o raio o mine,
Não voz de bronzeo peito, mas de pobre
Espírito, que o mal a tudo ensine,
Nos tem, com miseravel despotismo,
Lançado para sermos só do abysmo!

Prediz-nos perdição, nos prediz morte:
Eil-o soberbo, fero e agigantado,
Nas entranhas formando estranho brado
Contra das tribus a sonhada sorte!
Mas eu, com meu tacape, e sustentado
Por vós, em quem bemdigo ardor tão forte,
Direi ás selvas; não tereis escravos
Em meus guerreiros, poucos, porém bravos!

Eu só, si a vossa força me faltasse,
O fogo ás selvas horrído lançara,
Que assistir a villeza, em que ficara
Tudo, si aquella sombra me aviltasse:
Meu sangue todo exanime gelara
No coração, que a magua me obrigasse:
Mas eu confio em vós, nos vossos brios,
Nas armas sãs em prol dos nossos rios.

Mas eu confio em vós, que juntamente
Já pugnastes com animo accendido,
A favor de outro solo, qué perdido
Foi na traição do barbaro inclemente:
O chefe em cinzas dorme escurecido;
A esposa sua está na cinza ardente;
Os filhos jazem: só a selva escuta
Do gigante sanhudo a ferrea lucha!

Si já talhado foi no ethereo assento
O nosso fim, guerreiros denodados,
Erguei aos cerros grandiosos brados,
Animae com valor o pensamento:
Os odios foram, são agora errados,
E a paz nos firma um grande sentimento:
Eu por mim deixarei o véo da guerra
Depois de haver deixado a luz da terra.

Além d'aquelle servo engrandecido,
Eu tenho-vos por nobres e animosos,
E os chacribás, que bramem poderosos,
Tornam as leis do grupo enriquecido.
Si os temembós vacillam temerosos
Do terror do combate enfurecido,
Vós me dareis batalhas grandes logo
Sobre as estranhas armas côr do fogo.

Ao que respondem com palavras d'alma
Os principaes das tribus que o temiam:
As armas entre os filhos dividiam
Os velhos, já sonhando amiga palma:
Promessas de victoria se diziam
Com furia acceza, que serena calma
Fôra somente o alarma da fraqueza,
Quando ao mal não supera a natureza.

Pelos desertos pressuroso vinha
Tanary, que deixara a grande cova
Das feras, onde o Duro se renova,
E o rio Alves doce que o mantinha:
De bem grande furor sua alma prova
O mal, que o coração logo adivinha:
Inda repete a voz do rei nefario
Posto nas serras, grande e solitario.

Já desde o sul o anhelito fecundo
Fôra soando até buscal-o errante;
E aquelle grito, enorme e lacerante
De horrôr enchia o pélagô do mundo:
Signal de morte foi, que vacillante
O passo move o genio moribundo:
Porque seria enfim perdida a guerra?
Porque seria escrava a grande terra?

Porque nos longos sorvedouros, feios,
Gigantes mostrariam furia viva?
Porque depois a força inteira, altiva,
Das tabas estremece entre receios?
Porque Guayra misera se esquivava,
Não maldizendo os tumulos alheios,
E quando, com sorrisos de creança,
Falla a verdade, extingue-se a esperança?

Taes emoções nos olhos seus brilhantes
Denunciando estavam toda a sorte:
No fado ignobil, que escutara, o norte
Era talhado aos genios irritantes:
Que o pó funereo da inclemente morte
Envolveria cedo os reis possantes,
E todo o bosque altivo, o cerro, e tudo,
Ficando em trevas o gigante mudo.

Que as armas, que esse monstro sustentara
Por tão compridos annos, se partiam,
Quando as estranhas armas repetiam
No fogo ardente a grita, que soara:
As bombas igneas para o céu subiam;
Do canhão forte o echo se escutara:
Tupan descera ás nuvens que, cahidas
Em chammas, convertiam muitas vidas.

A cada passo a relva delicada
Soava; todo o solo estava impuro;
E o sangue bravo ao genio do futuro
Já não mantinha a crença respeitada:
O da miseria sec'lo prematuro
Trasia a nuvem treda, carregada,
Contra os grandes guerreiros, destemidos,
Nos selvagens abysmos, escondidos.

Mas, quando assim cuidava, de repente
A ilha portentosa descortina,
Que descuidosa da futura sina
Nada temia, rindo algrememente:
A taba sobre a encosta peregrina
Edificada estava abertamente:
Os indios todos nus se embriagavam
Com licôres ardentes, que extremavam.

As vis rivalidades, tudo quanto
Fazer podia a inveja lastimosa
D'uns contra os outros na estação ditosa,
Em que a selva sorveu celeste pranto,
E a noite sempre fresca e deleitosa
Estende côr de rosa o ethereo manto,
Tudo tinham por glorias esquecido:
E o chefe applaudem logo recebido.

Os poucos fugitivos, que internados
Eram pelas florestas, tudo viam
Com tristeza e terrôr, que bem sabiam
Serem todos á morte arrebatados:
Alguns até de horrôr mais longe criam
Suas tabas em cerros bem pesados,
Onde só tigres habitassem tredos,
Por amigos havendo alguns rochedos.

Ouviram fortemente o clamor vario
Do monstro intemerato, que o respeito
Infundira ao deserto, em cujo peito
Soava sempre o grito extraordinario:
O abysmo aos pés, um sec'lo por seu leito,
Mas existindo inerme, ou solitario,
Que toda a tribu pallida e raivosa,
Votara grande horrôr á lei famosa.

Por encantado o tinham estrangeiras
Almas creadas na européa terra,
Si principe cruel, dictando a guerra,
Só defendia horríficas bandeiras:
Seu espirito enorme o abysmo encerra
De infinitas grandezas, verdadeiras,
Qual soberbo vulcão, mesmo apagado,
O incendio guarda só, e acautelado.

Nem Alvares Cabral vendo a Bahia
Na extensa praia, que o oceáno lava,
Atlante domador da tribu escrava,
Em cuja força d'arma o céu tremia,
Naquella immensa costa sempre brava,
Que além de Ilhéos o termino estendia,
Viu jamais um gigante assim tão bello,
A força inteira havendo no escabello!

Só aquella gigantea mão de ferro,
Que tinha os fados concentrado altivos,
E aquelles olhos, como os raios, vivos,
A aclararem da patria o vão desterro,
E em roda seis mil filhos, não captivos
De estranhas armas, escutando o berro
Das entranhas da ingente serrania,
Que era sua alma, que clamar sabia:

E os suspiros horrisonos, troantes,
Em força iguaes ao halito dos ventos,
Como em tropel volvendo os pensamentos
Em prol dos filhos do paiz possantes,
Multiplicavam arduos movimentos
Por entre as serras e os syphões gigantes,
Symbolicas ideias produzindo
Só em favor do solo patrio, lindo.

Synchronos cantos a amplidão profunda
Despertavam, suprema ideia erguendo,
D'onde Bueno, ás vezes concebendo
Um brando verso n'alma tão jucunda,
Tirava eolio som, mas nunca horrendo,
Nem d'uma acção tão alta e furibunda,
Que, quanto a lyra harmoniosa encerra,
Era somente o amor á patria terra.

Já o sobr'olho medonho retorcendo
Ia o monstro das serras alterosas,
Vendo as bellicas armas, estrondosas,
Do paulista immortal e o campo horrendo:
As grutas fundas logo tenebrosas
Iam tambem de furia estremecendo:
Florestas, valles, donairosos rios,
De tão grande terrôr estão sombrios.

As aves num só bando forasteiras
Gritos de dôr nos ares derramavam,
Como signal das maguas, que passavam,
Das afflicções, das penas derradeiras:
Por toda a parte estranhos sons formavam
As inclinadas, tristes cordilheiras:
Taes scenas, que os abysmos produziam,
Os indios nus selvagens constrangiam.

Mas o poder d'um alto rei profundo,
Que tudo manda, e rege a natureza,
Novo golpe nas obras da impureza
Dava com força, illuminando o mundo:
Faria vir a luz, mas da certeza,
Que produz a sciencia ao povo immundo,
Que o sangue ardente dos iguaes bebia:
Barbara prole irmã da tyrannia!

O Evangelho, que a lei moral divina
Do Christo, apregoada ao globo inteiro,
Não só vencera aquelle ardor guerreiro
Dos carijós, mas inda a crença indi'na,
E, por ser da verdade o céo primeiro,
Amparava a existencia peregrina,
Havia de internar-se a todo o instante
Nas regiões do sul da tribu errante.

Já se escutava a santa prophécia
Do verdadeiro verbo, promettido,
Quando o selvagem bosque, escurecido,
As armas para as guerras conduzia:
O chefe estava sempre enfurecido
Da ideia atroz, que a mente enlouquecia:
As indias mães nas sombras anciavam
Com dôr, que as serras todas abalavam.

Qual Scipião, que á furia da peleja
Inda ajuntava os brios de guerreiro,
C'o o pé ferindo o solo, que primeiro
Do sangue do miserrimo, negreja;
Guandirá, sustentando inda altaneiro
Fulgor no rosto, á selva que viceja,
Dirige o marcio jogo: a força approva
Da tribu carajá, fremente e nova.

Do marcio ensaio, ou jogo, a vilania
Fasia rir, senão cruel piedade,
Que mais podia a força da maldade,
Que a paterna defeza, que se erguia.
Já Tanary, saudando a potestade
D'esse rigor de guerra, que o valia,
Se offerece a guiar o rei temido
Dos Javahés, e o másculo partido.

O pandemonio estranho se agglomera
No meio da area, que o luar clareia:
Dos animaes bravios negra ceia
Provam os indios da montanha fera:
No cerebro, que ardente devaneia,
Plano audaz, que as angustias lhe modera,
Concebe Tanary, disposto embora
A tribu defender supremo, agora.

Imaginava a terra, em que tristonho
Vivera tantos annos, defendida,
Em glorias reclinada, á luz da vida
Sonhando no futuro ingente sonho;
Todas as tabas, na alliança fida,
Longe das guerras do trovão medonho;
E aquella doce e pura phantasia
Em sua alma exaltada a luz fasia.

Mas debalde esse anhe-lo tão formoso
Vivia á luz da sã realidade!
Longo tempo a suprema divindade
Tinha pesado o mal do.criminoso!
Soara enorme, além na escuridade,
Todo o clamor funesto e perigoso;
E tudo, céos e terra, entre suspiros,
Só esperavam da campanha os tiros.

Quiz a tribu acroá fosse partida
A campanha em tres alas poderosas,
Mas os carajahis com valerosas
Razões destroem tudo em prol da vida:
São grandes em fileiras tenebrosas
Na ilha á força enorme convertida:
Chambioás valentes tudo aguardam:
Só os do sul cay'pós á guerra tardam.

Conter a furia a todos, nem brilhante
Podia o monstro, o val estremecendo,
Com seu funesto grito, em que gemendo
Já parecia barbaro, e constante:
Toda'esperança estava convertendo
Numa tristeza longa e penetrante:
Estava escripto: o sangue correria
Da tribu exposta a lutuoso dia.

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO NONO

Esperam os indios aliados pela india Guayra. — Encontro de Guayra com seu pae Guandirá, o principal dos tupinambás. — Prisão de Anhangáia e seu martyrio. — Destruição pelo fogo da floresta, que orlava a serra dos Javahés. — Combate renhido entre os indios e Bartholomeu Bueno. — Guayra salva o indio Anhangáia de uma morte certa e dolorosa. — Continuação do combate á margem do magestoso Araguaya.

CANTO DECIMO NONO

A margem do Araguaya, que murmura
Soberbo, os valles colleando, aguarda
A tribu o instante em que, talvez, não tarda
De se tornar Guayra da espessura.
Do crepusculo triste a sombra parda
Se estende além da humida planura:
Os indios, em morosa vozeria,
A india esperam cheios de alegria.

Mas a filha do inclyto guerreiro
Dos bravios tupis na selva ingloria,
Mil planos tece á proxima victoria,
Urdindo firme o ataque derradeiro.
Comtudo o céo, que da goyana historia
Protege o heroe, completo brasileiro,
Do trilho do terror a acção sombria
Inteiramente á indigena desvia:

Porque, chegando aquem da leda margem
Do opulento gigante, que serpeja,
De Guandirá soberbo a face beija,
Deixando logo a humida paragem.
Que nuvem treda sobre a fronte adeja
Do guerreiro, que ostenta escura imagem?
Porque vacilla agora, emquanto sôa
A voz da filha, que a seus braços vôa?

Porque subitamente, em ira acceza,
Seu coração benevolo se assanha?
Porque sua alma com terrôr se banha
Tendo a selvagem nos seus braços presa?
Porque lança um olhar, que move a entranha,
De amargura num gesto de braveza?
Que inesperada, ou subita mudança,
Em negra côr desfaz toda esperanza?

É que a mente revolve aquella ideia,
Em que o passado se desfez num crime;
É que o sorriso de Guayra exprime
Do sangue de seus paes a horrenda ceia;
É que em seu peito o irradiar sublime
Da coragem outro impeto franqueia;
E que os valentes acroás guerreiros
São vingativos, nunca traiçoeiros!

E que, julgando fosse a liberdade
Novo penhor d'aquella, que elle abraça,
Antes no sangue da selvagem raça
Guayra afoga a interna atrocidade;
É que amorosa força lhe embaraça
O coração inteiro; e a mocidade
Nem sabe mais que ouvir a voz ditosa
De quem lhe accende uma paixão fogosa!

Em ti a inteira e firme confiança,
Murmurava-lhe o pae, depuz um dia,
Que eras a minha unica alegria,
da tribu sempre altissima esperança:
Eis teu esposo, em quem a tribu cria
O promotor mais certo da alliança,
A' sanha do estrangeiro tudo entrega,
E humilde as crenças de Tupan renega,

Vi da floresta o fumo que, subindo
Aos ares, revelava a vil tortura
A' que se expoz a taba, quando escura
Descia a noite, as solidões vestindo;
E vi do esposo barbaro a impostura,
E a pó funereo os ossos reduzindo
Dos proprios paes e irmãos, que se entregavam
A's chammass, que seus membros desmanchavam.

No entanto, ingrata filha, o seio puro
Tu reclinaste ao fero traiçoeiro!
E o coração no affecto prasenteiro,
Todo entregaste ao vendaval futuro!
Mas o tacape ao braço d'um guerreiro
Ha de vingar Jaurú no filho impuro!
E com terrivel, fero sentimento,
A filha obriga ao firme juramento.

Eis aqui 'stão os acroás bravios,
E alguns tupis insanos de vingança;
E espero, filha, a explicita alliança
Dos labios teus em prol dos nossos rios:
Um braço vingador guarda esperança
De abater inimigos senhorios:
Trase-me aquelle, que o cocar materno
Em sangue mergulhou d'um odio eterno!

Já os índios, que estavam derramados
Pelos vizinhos bosques apparecem:
Da india esposa os seios se enfurecem,
Notando tão contrarios aliados:
E sabe, enfim, que os odios não se esquecem
Estes selvagens firmes e altanados:
E pelo esposo, embora ingrato e duro,
Embalde um plano forma alli seguro.

Tanary, cujo rosto ennegrecido
Raios de ardente colera expellia,
Provando quanto a esposa estremecia
Pelo inclemente esposo, corrompido,
Propõe a Guandirá, que reflectia,
Ficasse a india presa; e que o perdido
Nas selvas, como fosse maltractado
D'um firme ataque, bravo e assignalado:

D'uma sombria lucta co'a serpente,
Que o lacerava, os ossos lhe estalando,
Estava só, nas chagas derramando
Licôr suave da estrangeira gente:
Que, emquanto o dia fosse descambando
Para as bandas escuras do occidente,
Partissem trinta bravos companheiros
Contra o mastin dos cayapós guerreiros.

Contra aquelle, que tinha as mãos dos bravos
Ligado com asperrimas cadeias,
E acções tão execrandas, quanto feias,
Posto em pratica vil em taes escravos;
Contra Anhangaiá audaz, a quem franqueias,
Guayra, que nos deste amargos travos,
Toda a victoria, e sempre, emquanto abrigas
Á sombra tua as gentes inimigas!

Mas a india formosa, em cujo rosto
Divisava-se a lucta mais renhida,
Que n'alma aquella desgraçada vida
Em tão penoso estado havia posto,
Erguendo a fronte á raça endurecida,
De quem não fôra a causa do desgosto,
Tremula, triste, o olhar volvendo em roda,
Assim fallou, calando a tribu toda:

Ia o sol no azulado manto, quando
Eu vos jurei, sinceros companheiros,
Entregar os malditos estrangeiros
Branco, as nossas tabas amparando:
E as minhas fortes expressões, primeiras,
Iam vos pois, guerreiros, animando;
Que eu jurava constante a propria vida
Dar em defeza á taba envilecida.

Tudo que eu tinha — um coração no peito —
Era d'aquelle esposo muito amado:
E o meu affecto ardente maltractado
D'aquelle, que me tinha alegre acceito,
Num odio sem igual, envenenado,
Me tem o rosto agora contrafeito:
Para vingar-me a setta penetrante
Não cravei resoluta em sua amante?

Eu vos inspiro agora um odio grande?
Eu não sou vossa irmã e terna amiga?
Minha existencia inteira não se abriga
Á sombra patria, que a grandeza expande?
Não concertei sorrindo a vossa liga,
Com que Tupan do alto entre nós ande?
Não fabriquei comvosco as duras armas?
E os instrumentos feros das alarmas?

Sinta embora meu peito affecto ardente
Porquem aquelle algures me obrigaram,
Que importa? Si os guerreiros que ficaram,
Marchando vão á guerra juntamente?
Si os poucos d'esses bravos, que luctaram,
Estão clamando guerra á nossa frente?
Si aquellas cinzas inda revolvidas
Por minhas mãos animarão as vidas?

Pois que não posso os animos bravios
Acalmar com palavras verdadeiras,
E as expressões da esposa derradeiras,
Não são contra estrangeiros senhorios,
Anhanguêra! aprestae vossos guerreiros!
Com tal poder queimae os nossos rios!
Indios, ouvi-me: sou fiel na guerra;
Mas tiraes-me esta vida em vossa terra!

Ao que ouvindo sisudo o pae concebe
Outra fatal ideia; — mas que tinha?
Si a filha a sorte do infeliz mantinha,
Emquanto o esposo o sangue a todos bebe?
O pensamento occulto lhe adivinha,
E, como tal, impávido o recebe:
Indios, ouvi-me: sou leal guerreiro;
Mas trasei-me fieis o esposo inteiro!

E logo o rosto em colera accêndido
Provara o odio n'alma concentrado,
Emquanto o bando subito animado
Corre ao selvagem bosque, escurecido.
O tempo flue sereno e sosegado;
E na estação risonha o fructo erguido
Ostenta o cajueiro, emquanto as flores
Sorrindo ao sol, exhalam seus primores.

Araticús agrestes, e outras fructas
Em igaçabas grandes fermentavam
As indias mães, que alegres esperavam
Nas duas grandes tribus resolutas.
Diversos, longos circulos formavam
As indias praticando, que impollutas
Não eram como as puxités, e viam
Nos filhos seus guerreiros que nasciam.

Os javahés, com quem abertamente
Guayra concertara o grande plano,
D'aquelle fundo rio, soberano,
Iam voltando ás tabas certamente;
Que, combatido o adversário insano,
Alli fariam núcleo mais potente,
Onde os briosos cayapós, unidos,
Aos acroás ficassem garantidos.

Mas Guandirá, que promettera apenas
Aos javahés visinhos, seus amigos,
Constancia em quaesquer horridos perigos,
Mas não ceder as indias tão pequenas;
Já prevenindo a sanha de inimigos,
Conserva aquellas fortes, e serenas
Crianças, em quem tinha percebido
O ardor guerreiro, franco e decidido.

Que polygamos eram, mas somente
Com indias de diversa natureza,
Os coritis e os acroás, — fereza
De uma paixão carnal, inconsciente —,
Bem o sabia o chefe, que a riqueza
Dos bens da tribu estava, não somente
Em sujeitar as indias suas novas,
A constancia das mais expondo ás provas.

Seis vezes ao poente se inclinara
O rei do espaço, claro e diamantino,
E já no roseo manto o peregrino
Rosto o planeta pallido mostrara,
Quando, volvendo ao seio crystallino
Das tabas todo o bando, que voltara,
Um d'elles, com sorriso de ironia,
A Guandirá valente assim dizia:

Eis aqui vos entrego o indio bravo
Na guerra, o filho ingrato e pervertido,
Mas tão doente, esqualido e perdido,
Que melhor fôra conserval-o escravo:
Do braço esquerdo um terço consumido
Rouba-lhe quasi a vida: e feio aggravo
Fôra a todos a acção cruenta e dura,
Fôra acabar com esta desventura!

Eis aqui'stão os carajás, que imploram
Pelo guerreiro antigo e malfadado:
Eu te-lo-ei por certo maltractado,
Emquanto sei que uns olhos vivos choram:
Mas sua esposa, em cujo seio amado
Mil affeições oppostas se devoram,
Leal tem sido: Guandirá que o diga:
Da tribu javahé fez nossa amiga.

Alguns gemidos fundos sibìlaram
Entre os labios do enfermo condemnado;
E á vida inteira, num terrivel brado,
Os seus instinctos rábidos soaram:
Que era á morte instantanea preparado
Os carajás num gesto o declararam:
Convinha não morrer, e agora a sorte
Nas proprias chagas lhe antecipa a morte.

Ferrea postura torna-o mais terrivel,
Quando, a seus olhos, Guandirá sorrindo,
Uma por uma as chagas vae medindo,
Tendo-o no laço preso e irresistivel.
Do braço enfermo as carnes vão cahindo;
E vel-o vivo parecera incrivel:
Mas seus olhos ardentes se volviam,
Patenteando os raios em que ardiam.

Obrigal-o a dizer quanto convinha
A' salvação dos indios aliados,
E á redução dos brancos detestados,
Cuja victoria altissima sostinha,
Era impossivel: grandes e injectados
Olhos o indio crava em quem lhe vinha
Tal desgraça propôr; e, ardendo em sanha,
Não de suor, mas de terror se banha.

Pois ser perjuro á imagem tão suave,
Tão saudosa da morte que adorava,
Fôra impossivel, que sua alma escrava
Era d'aquella ideia firme e grave;
E a paixão, que fervia outr'ora brava,
Inda em chammas volvia a bronzea chave,
Com que seu peito, a tudo descoberto,
Fechado estava, e mudo, e tão deserto!

Já no braseiro a pedra, que escondida
Ardia longamente, se apresenta...
Eis Guandirá, que o indio alli sustenta,
Ordena ao servo a pratica seguida:
A carne salta á lamina sedenta,
Chiando sobre a chaga endurecida:
Mas de Anhangá a bôcca entrecerrada
É como a pedra, muda e inanimada

A esposa se revolve em altos gritos,
Toda enlaçada, sobre a relva fria,
Não mais attenta á exposição sombria
D'aquelle quadro escuro, e de precitos:
Ora convulsamente o chão mordia,
Ora nos céos trasia os olhos fitos:
Seu coração, bem como um tigre ardente,
Rugindo estava á scena amargamente:

No entanto a noite, a selva escurecendo,
Ia no manto argenteo das estrellas:
Do rio as aguas, limpidas e bellas,
Sob a folhagem verde vão correndo:
Algumas ramas, sôltas e amarellas,
Sobre a torrente passam, desfasendo
A limpidez do liquido abundante,
Sob a mudez da noite provocante.

Mas de improviso á grita assustadora
Da tribu, a selva inteira além flammeja:
Na campina afastada então serpeja
Onde invencivel, do terrôr senhora;
Na selva a chamma irradiante beija
Da noite o manto á brisa alentadora:
Um fumo, espêsso e acre ao céu se eleva,
Qual tecto negro na soturna treva.

O incendio cresce, e alastra o bosque enorme,
Linguas de ardentes chammas expellindo,
E o khoro dos selvagens, tredo, infindo,
Em confusão resôa desconforme:
O fumo em caracões ao ar subindo
É do templo do horrôr o tecto informe;
E as serranias, que através se estendem,
Num circulo horroroso os indios prendem.

Os brancos! — Toda a tribo exclama e corre;
Mas os invios abysmos, que se abriam,
A fuga aos mais valentes permittiam,
A quem o acaso guarda, e não socorre:
Mas do braseiro os indios, que fugiam
Deixam Guayra aos pes de quem não morre
Da dôr intensa, mas de vel-a ainda
A socorrel-a com ternura infinda.

E alçando firme o corpo precioso
De quem na terra mais amava, aonde
O cerro estranho pouso á turba esconde,
Penetra com semblante venturoso;
E, como a dextra aquelle abysmo sonde,
Encontra logo o pégo tenebroso.
Entrecerrado apenas, que um penedo
Era a sombria crypta do rochedo.

O turbilhão phantastico, insoffrido,
Embalde affronta as chammas, que irradiam
Os altos arvoredos, em que ardiam
Ipés frondentes e coqueiro erguido:
As fortes itaúbas produziam
Feio clarão nas sombras reflectido:
E as plantas resinosas perfumavam
As feias sombras, que o terror formavam.

Quaes monstros os gigantes retorciam
Os braços hirtos, na fornalha acceza
Do incendio assolador, que á natureza
Novo quadro phantastico emergiam.
Guandirá, despresando a inimiga presa,
Com tresentos selvagens que fugiam,
Nas aguas immergindo o corpo inteiro,
Na opposta praia salta aventureiro.

E, como á luz dos fogos cambiantes,
Os espectros marinhos vão nadando,
Só as cabeças negras assomando,
Deixam os bravos acróas possantes.
Ao rio!... Clama Hortiz se apresentando
Com seus vassallos todos triumphantes:
Ao rio!... E, nas ubás sôltas na praia,
Entram muitos, á sombra da ambapaya.

Um círculo tremendo emfim ostenta
O fogo incerto sobre as aguas frias:
Além, n'aquellas brutas penedias,
Bartholomeu Bueno se apresenta:
Seis bôccas de fataes artilherias,
Soprando a morte á geração cruenta,
Bem como um raio levam de estilhaços
A taba inteira feita em mil pedaços,

Os carijós bravios, e inclinados
Aos sangrentos combates, se afundavam
Nas aguas, onde espectros perpassavam
Dos medonhos clarões illuminados:
Da opposta selva as settas sibilavam;
Dos cerros os canhões eram mil brados;
E a grita clamorosa ao céu subia
Do rio enorme á extrema penedia.

N'um carnaval de chammass alteroso
O abysmo sôa: a grita é mais profunda:
O sangue em ondas a campanha inunda,
Qual um diluvio insano e estrepitoso:
A vista extasiada se aprofunda
N'aquelle horrivel quadro, mais famoso
Que o portico fatal da antiga Roma,
Em que no incendio o imperador assoma.

Quaes aulidos de lóbo entre as montanhas,
Dos indios fugitivos e ultrajados,
Os gritos altos de terrôr formados
Despertam feias, hórridas entranhas.
Os noctambulos guias despresados
A's chammass, ardem nas cruentas sanhas,
Em convulsões medonhas triste vida
A revolverem: geração perdida!

Iracundos guerreiros, destemidos,
Ao denodado Barros urdem planos:
E do engenheiro os calculos insanos
Mostram os precipicios desmedidos.
Os carijós ostentam-se tyrannos,
Controvertendo aos indios denegridos
Os proprios fados, a rugirem tredos,
Enlaçando-os aos lugubres rochedos.

As sombras já phantasticas volteiam
Na vasta margem do Araguaya fundo:
Cresce, recresce o tremedal immundo,
Em que os animos rábidos se ateiam:
No limo ascoso do golfão profundo
Mil corpos semianimes vagueiam:
Ruge embalde a vingança aos indios bravos,
Livres out'ora, mas agora escravos.

Já do soturno pélago emergido
Guandirá, que descera ao negro abysmo,
Redobra em furia o grande cataclysmo,
Num sorriso diabolico e fingido;
Que, para repellir o despotismo,
Basta aquelle semblante destemido;
E, como fosse annunciado o dia,
Ante a selvagem tribu apparecia.

ARGUMENTO DO CANTO VIGESIMO

Consegue Bartholomeu Bueno entrar na Ilha de S. Anna do Bananal. – Tanary conduz Guandirá morto para um subterrâneo, em cujo fundo precipitadamente refugiam-se os demais índios vencidos. – Guayra se dá a conhecer aos guerreiros. – Defeza de Anhangaiá a favor da índia esposa. – A rocha de granito, que guardava a saída do grande e maravilhoso subterrâneo, minada pacientemente pelo engenheiro Barros, estala á explosão da pólvora, deixando ver-se enorme boqueirão. – Casamento do índio Anhangaiá com Guayra, celebrado pelo padre Antonio Gaio. – É guardado o subterrâneo por espaço de oito dias. – Descida ao fundo do subterrâneo, cuja entrada fôra descoberta por Guayra na Ilha do Bananal. Encontro com os mortos. – Aparece o gigante invisível, o Yêdra mysterioso, o protector das tribus, e maldiz B. Bueno, predisendo-lhe desgraçado fim. – Anhangaiá continua entre a vida e a morte mas em vão tenta a índia Guayra reanimá-lo, vindo afinal o desgraçado enfermo a expirar nos braços de sua dedicada esposa. – Fim do poema.

CANTO VIGESIMO

No auge da batalha encarniçada,
Bartholomeu Bueno, entre os primeiros
Indios ferozes carijós guerreiros,
Entra em Sant'Anna, Bananal chamada.
Seis bravos indios cayapós, inteiros
Esquadrões commandando á fera entrada,
Impellem sobre a costa, em que se ateam
As bombas, que inda a noite além clareiam.

Mas, ao volver da luz, que se divisa
Por entre as sombras derradeiras, brilha
O vasto campo á estranha maravilha,
Em que a sanha voraz se divinisa:
Não mais fermenta a fervida guerrilha
Entre os selvagens, onde se ajuisa
Ser aquella montanha, em que se elevam,
Toda de corvos que em terror se cevam.

De instante a instante os raios subitaneos
Ferem os ares, que mil corpos fendem:
As explosões mortíferas se estendem
Em projectis agudos e instantaneos:
Tres pavilhões de pedra se desprendem
Dos altos monstros boqueirões titaneos:
E, quando as armas os heróes deixavam,
Os canhões estridentes ribombavam.

Nuvem de mil cadaveres, cahida
Da gleba ao fundo leito ensanguentado,
Á toda scena aquelle horrôr pesado
Moviam, desenhando o fim da vida;
Mas Tanary, que tinha alevantado
Do subterraneo a tampa escurecida
Nos hombros Guandirá conduz ardente
Ao baixo abysmo, que estremece ingente.

E, pelas sombras tacteando a escada,
Na vasta galeria o corpo frio
Do heróe vencido poussa mais sombrio
Que o phantasma da gruta assignalada.
Por sobre o tecto corre o largo rio,
Mas a caverna é funda e sustentada;
E, á luz d'um facho crepitante, encara
O rei das selvas, que o sepulcro ampara.

E qual num turbilhão, que a phantasia
É só bastante a desenhar na tela,
A taba inteira aos raios da procella
Bramando a entrada aos valles defendia;
Que o indio Tanary no abysmo vela,
E como um astro em chammas resurgia,
Clamando ás tribus: O abysmo é fundo:
Vinde comigo ao solitario mundo!

A penha, que defende o sorvedouro
Do subterraneo lugubre, impellida
Com subitanea força, é da guardida
Inabalavel guarda, ou qual thesouro:
Sob a abobada terrea extrema vida
Se alenta aquelle ferreo matadouro:
Quatrocentos selvagens, e aliados,
Na funda galeria estão pousados.

Mas, ao cessar das bombas chammejantes,
O sol descobre o campo da peleja:
Rio de sangue fervido serpeja
Por entre as rochas de crystal brilhantes:
O feio corvo sobre a selva adeja,
Soltando uns longos pios cruciantes:
Deserto o valle; e nos desertos montes
Só uma sombra aguarda os horisontes.

Mas Hortiz, que volvia em roda olhares
De surpresa, animado aos servos clama;
E aquella sombra, que afastada o chama,
O estandarte agitando aos frescos ares,
Era real; e á fenda se derrama
Do valle a turba, em asperos lógaes:
Na praia ubás aligeras mantinham
Guardas leaes, que ás regiões convinham,

A terra, que inda fuma endurecida
Pelo cinzeiro ardente, agora informe
O aspecto mostra á furia desconforme
Da tropa, ao grande aceno conduzida.
Barros á frente avista a gruta enorme;
Mas, logo a india á flammula pendida,
Ao vel-o armado, envolve-se, gritando:
Sou filha do guerreiro; estou velando!

Nos braços sustentando o triste esposo
De quem sentia a morte já visinha,
Ante o collo, entre lagrimas, sostinha
O corpo sempre amado e precioso;
Mas Anhangaiá imbellé, que adivinha
Ser causa do alarido estrepitoso,
Exclama, os olhos negros retorcendo:
Amigos! Suspendei o braço horrendo!

Esta é aquella triste, a quem na terra
Com tormentos a vida hei maltractado,
Porquem humilde imploro já cançado
Da insania escura da malvada guerra:
Sabei que um peito nunca abandonado,
Porquem vos ama, a lealdade encerra:
Guerreiros, toda a taba está segura;
E a minha esposa vela na espessura.

Eis esta penha enorme de granito
Ao fundo aguarda um boqueirão sombrio,
Cujá abobada ostenta um senhorio,
Onde o crime dos meus eu vejo escripto;
E corre ingente o solitario rio
Sobre a caverna, e o tumulo descripto:
A ossada, que descança além no fundo,
Às vezes falla com terror profundo.

Mas de subito o chefe que chegara,
Reconhecendo o engano, abraça rindo
O indio ensanguentado; e vae sentindo
Que a morte ao bravo acerrima tocara.
Guayra, em gesto apaixonado e lindo,
Mil vezes triste o esposo acalentara:
Os mais, immoveis ante a muda scena,
O effeito sentem d'essa dôr serena.

Mas o engenheiro Barros, inclinado
Aos duros tractos de cruel trabalho,
Empunha dextro o furibundo malho,
E o picarête volve alevantado.
Gruta, onde nunca o peregrino orvalho
O céu vertera, sôa ao duro trado:
Na penha endurecida a branca argilla
Pela humidade terrea se distilla.

Já condusido o enfermo em leve maca
A's trincheiras, aonde mais sereno
Jaz ferido aquelle inclyto Bueno,
Mas jovem que entre os fortes se destaca,
Hortiz, olhando o pallido, e sereno
Rosto da india, que julgara fraca,
Sente que um véo de maguas descortina
A sorte varia, a inevitavel sina.

Ella, em quem tinha tudo confiado
O chefe, pelas serras pressurosa
Guiando a turma alegre e esperançosa,
O rio largo e fundo passa a nado,
Emquanto ao remo a força vigorosa
Hortiz mostrando fica embaraçado,
Que é triste meditar no fado escuro,
Quando entre nuvens ergue-se o futuro.

Eis ao sopé da gruta, que entreaberta
Denunciando estava o subterraneo,
Um estampido horrendo e subitaneo,
Retumba sobre a praia além deserta:
Um fumo espesso, lugubre, instantaneo,
Da gruta sobre a rocha descoberta
Paira um momento; e num rugir profundo
Todo o pégo estremece, e abala o mundo.

Mas o heróe, que sempre assignalando
A vida por triumphos gloriosos,
Animava os guerreiros sequiosos
Do sangue do selvagem, rude bando,
Penetra os seios negros, tenebrosos,
Onde jazia o exercito nefando.
Eis de repente a voz d'um nobre amigo
Soou naquelle pavoroso abrigo:

Senhor, a escuridade é sempre varia:
Porque dos bravos todo o sangue forte
Ides expor, sorrindo á certa morte,
Com essa força agora imaginaria?
Eia, amigos! Si é minha a vossa sorte,
Porque morrer na crypta solitaria?
Aquelle, a quem a patria as glorias deve,
De quem verdade ao seculo se escreve:

Como expondo a existencia a mil perigos,
Demanda as regiões do abysmo horrendo?
Quando fôra mil vezes mais tremendo
Guardar a cova aos brutos inimigos?
Quando os selvagens de terrôr gemendo
Tenham buscado os ultimos jazigos,
Onde, em deixal-os vivos nesse tumulto,
Da negra perdição lhes fôra o cumulo?

Ao que responde o chefe alegremente:
Invicto general, invicto bravo,
Eis aqui vos applaude um peito escravo
De toda a sabia opinião somente:
Morrer nas trevas fôra quasi ignavo,
Crime nas sombras perpetrando ardente:
Alas ao precipicio! O abysmo em guarda!
Soldados, o triumpho aqui não tarda!

Sobre os penedos da fatal montanha
Em linha todo o exercito se estende;
O estandarte, que o solo então defende,
Nos raios do brasileiro sol se banha:
Toda a victoria grande mais accende
O coração, que a furia desentranha:
Um como raio de expressão briosa
Os labios abre á multidão famosa.

Mas na soberba ilha, que se avista
Ao declinar do dia, protegida
Pela centena de homens, e escondida
Guarda, que sahe d'um tumulto imprevista,
A india esposa, toda embevecida
Na gloria, que outra palma lhe conquista,
A's vezes triste olhar envia aos cerros,
Além, naquelles humidos desterrros.

O estandarte, que a brisa bemfazeja
Desfralda, sobre a rocha sustentado,
Protege aquelle campo ensanguentado,
E a patria ilha amena que viceja:
No rio o céu da tarde projectado
A lympha crystallina agora beija:
As aguas correm limpidas, soando
Como um cantar de amôres terno e brando.

A sorridente selva, que transpira
Odôr suave, ás auras se balança,
E dos coqueiros na formosa frança
O lindo cardeal canta e suspira:
A brisa das campinas, meiga e mansa,
Nas mangueiras do valle apenas gira:
Na tela do horisonte, branca e nua.
Desponta rindo a prateada lua.

De vez em quando na remota praia
O guarda um brado violento solta;
A campanha ao silencio apenas volta
Da lei da guerra, que o denodo ensaia,
Bem como quando a rispida revolta
No campo se alevanta, á extrema raia
Da confusão dos corpos, que se esmagam,
Sombras titaneas a campanha alagam.

Do fundo subterraneo algumas vezes
Indios inermes vinham, mas em cima
A guarda ao fero bacamarte arrima
O corpo, attento a subitos revéses:
Sôa o tiro á cabeça, que se anima
A motejar dos inclytos Menezes,
Passando a noite a comitiva inteira
A defender as raias da trincheira.

Eis o padre, mal vem surgindo bella
Nos céos a aurora, ao chefe se apresenta;
E diz sorrindo: A india, aqui sustenta,
Jurando amôr sagrado, em voz singella,
A'quelle enfermo audaz, que se alimenta
Da luz do olhar da indigena, que vela
Com maternal carinho a triste sorte,
Que o tem posto e ligado aos pes da morte.

Já no risonho leito da campina
Se improvisa a capella graciosa,
Onde, sorrindo como fresca rosa,
Guayra se confessa á lei divina:
Mas de Anhanguaia a bôcca sequiosa
Mal sustenta da esposa a nova sina:
O padre, abençoando-os ternamente,
A' india assim dirige a voz ardente:

Aquelles, a quem sempre Deus protege
Com seu poder sublime e grandioso,
Reserva ao justo espirito o repouso,
Que o bem a eternidade sempre rege:
Eis ahi vos entrega aquelle esposo
Outr'ora, como vós, insano herege,
Em cujo rosto apenas transparente
Brilhava o sol da solidão fremente.

Mas, quasi louca, apenas a formosa
Esposa ouvia ao sacerdote as fallas,
Que em sua alma desperta as doces galas
Toda a paixão de subitô animosa;
E, olhando o céo que limpidas opalas
Reveste n'alva pura e deleitosa,
Ao seio acolhe o esposo enamorado,
Disfeita em longo pranto apaixonado.

Bartholomeu Bueno, em quem causara
Tamanho amôr enternecida pena,
Com expressão contraria, mas serena
A'quella, que na guerra apresentara,
Mostra aos noivos a ilha leda e amena,
Em premio da affeição tão grande e rara,
Onde o repouso aos olhos fatigados
Encontrem, mais felizes e animados.

Cinco vezes a lua no horisonte
Surgira, o disco prateado e lindo
Com soberba ostentando, e reflectindo
A luz argentea no relvoso monte;
Quando Bueno e Barros, desistindo
De vigiarem sós a enorme ponte,
Ao subterraneo em que os leões jaziam
Baixaram, como nuvens que cahiam

Na escadaria tétrica e lodosa
O ruído dos passos que soavam,
Os vermes que nas sombras formigavam,
Sob a caverna fria e tenebrosa,
Os ais que de alguns peitos se exhalavam
Na subterranea concha pavorosa,
a orchestra incomparavel da tristeza
Fasiam tanto, ou mais que a natureza.

Os trabucos nas pedras diamantinas
Rijos, batendo ás vezes, como em guerra,
Nos corredores – sob a espessa terra –
Tirando estão fagulhas repentinas;
E o longo alfange, que a bainha encerra,
E as lanças de aço feitas, crystallinas,
Novo terror nas sombras infundindo
Vão as scenas do abysmo produzindo.

Mas ao clarão de archotes, que accenderam
Os guardas, que se passam logo á frente,
Um corpo se destaca, horrivelmente
Banhado em sangue, e os membros lhe cresceram.
Guandira, que era este o bravo ingente,
Que as chagas em tal monstro converteram,
Os brancos dentes mostra da caveira;
E a bôcca exhala a fétida sangueira.

Em vante mais, á luz que se propaga
Na vasta, e subterranea galeria,
Semianime um corpo estremecia,
Qual um cadaver que balança a vaga,
Depois que a rija e forte ventania
A não impelle á solitaria plaga:
Tanary! . . . Tanary! . . . Hortiz exclama:
Quão medonha é da guerra a triste fama!

Mas, num suspiro entrecortado e fundo,
O espirito exhalou, cravando a bôcca
Na fria argilla, emquanto a india louca
Torce instantanea o rosto moribundo.
Para matar a fome a terra é pouca;
E de que vale escrava ser no mundo?
Onde nas selvas, quando impera a morte,
A antiga liberdade, a antiga sorte?

Eis subitaneo raio se desprende
Das sombras: um clarão sinistro ondeia:
Uma solemne voz, á vida alheia,
Num echo assustador além se estende;
Mas o phantasma a furia patenteia
Contra Bueno, a quem cruel offende,
Sobre a cabeça encanecida e bella,
Jurando no futuro acerba estrella.

E um khoro de phantasticas figuras
Resôa ingente a gruta retumbando;
Erguem-se os mortos frios vagueiando;
Rangendo o gonzo estão as sepulturas:
Mas ardente vapor, purificando
O espaço, anima as pallidas figuras
Dos guerreiros, emquanto Hortiz expia
Com desumano horror sua ousadia.

E disse aquelle espectro: Eu sou aquella
Chamma invisivel, que mantinha a gloria
Da tribu, cuja escura e triste historia
Na ossada envilecida apenas vela;
Que na vergonha posta por memoria
Do patrio solo tem negado a estrella:
Da tribu, que será por mim vingada
Na geração futura e desgraçada.

Mas estas vozes tudo estremeciam,
E a todos os cabellos s'erriçavam,
Que eram das sombras negras que passavam,
Quando os clarões aos raios succediam.
Bueno, em cujo rosto se expressavam
Signaes de força herculea, que influíam,
A'quelle que nos céos está primeiro
Roga um auxilio grande e verdadeiro

Mas já passada a scena mortuaria,
Longe da sombra do sepulchro insana,
Hortiz um viva á terra americana
Ergueu, fitando a selva solitaria.
O exercito responde á grita, e lhana
Expressão de alegria — á sorte varia —
Distrahe a fronte pensativa e triste
De quem bem mal á predição resiste.

Eis nesse instante, emquanto gloriosos
Os valles descem fortes os guerreiros,
Da fria noite os astros derradeiros
Iam doirando os ermos tenebrosos.
Scintillam sobre os cerros altaneiros
D'alva os clarões rosados e amorosos:
A doce brisa a pluma dos cocares
Agita aos buritys nos frescos ares.

Algumas aves cantam nas ramagens
Dos cambuhis da praia, em que serena
A laranjeira delicada e amena
Presta aos indios amantes as folhagens;
E, ouvindo aquella matutina pena
Do cardeal, que canta nas pastagens,
Anhangaiá murmura: Anang morre. . .
Fria mão de Tupan seu rosto corre. . .

Morrer! Quando esta vida é toda amôres!
Quando, entre as rosas da manhã serena,
Suspira a jurity na selva amena,
Adeja o beija flôr beijando as flôres!
Morrer! Da ideia negra que envenena
Ao precipicio caminhar de horrôres!
No coração, que a treva desespera,
Ver extinguir-se a luz da primavera!

Morrer! Quando a folhagem que murmura
Presta suave sombra ao doce amado!
Quando brilhante o leito do noivado
E' como um cofre aberto á formosura!
Quando sómente o enfermo é desgraçado!
Quando escarmenta o colhe a sepultura!
Deixar tudo e partir. . . Cahir sosinho
Cadaver! Sombra! Em meio do caminho!

Taes pensamentos negros scintillaram
No cerebro da indigena piedosa,
Cuja paixão suprema em dôr penosa
Ideias mil oppostas transformaram.
Turva-lhe a vista gelidez pasmosa
De Anang. . . e os passarinhos se calaram ..
Naquelle instante asperrimo e sombrio
Nem brilha mais o céu, nem falla o rio. ..

Era supremo o acaso, a dôr terrivel,
E findo estava o quadro da agonia:
Sem forças quasi a indigena acolhia
Aquella vida á margem do impossivel:
E assim, olhando a face quasi fria
Que estreita, com disvello intraduzivel,
Guayra ri, soluça, e a voz discerra:
— Morto! Morto! — Suspira e cahe por terra.

OBSERVAÇÕES

I

CAYAPÓ. — Tribu de indígenas habitando as cabeceiras do Araguaya em ambas as margens, num circuito de cem leguas em direcção transversal de noroeste ao sul da serra de Sancta Martha.

Actualmente encontra-se essa tribu disseminada por toda a região do Araguaya e sem o prestigio guerreiro dos antigos tempos.

II

TUPINAMBÁS. — Constituia essa raça o tronco primordial de todos os selvagens do Brasil.

Tupinambás ou tupis, habitantes de toda a região central do nosso rico e invejavel paiz, foram os indios com que a tribu cayapó alliou-se para repellir a invasão dos paulistas e estrangeiros.

(Vide Revista da Exposição Anthropologia, pag. 103, edicç. de 1882).

III

YEDRA. — Nome com que os indios cayapós personificavam o gigante mysterioso, protector invisivel da tribu.

Essa palavra é formada da radical — iê e da desinencia — rai.

Yê ou iê, que quer dizer — senhor forte, era tambem entre os tupis a voz com que significavam o estrangeiro. A desinencia rai significa — sempre.

Assim pois:

YEDRA — Senhor sempre forte.

Em algumas tribus essa mesma palavra estava ligada á ideia de mysterio, de certa divindade, pairando no azul puro do céu, e era synonyma de Sumé.

IV

GÉ — Entre os indios acróas e cayapós significava — capitão, o cabeça de revolução contra os outros indios.

A respeito d'elles assim enunciou-se o paciente escriptor R.J. da Cunha Mattos: — “tribu numerosa que tendo por morada ordinaria o immenso territorio comprehendido entre a Serra Geral e o Tocantins, e margens do rio do Somno enviou colonias até as bordas do Araguaya, Acróas-mirim: todos elles montarão a 2,000.

Os acróas-uassú, que se converteram ao catholicismo, e povoaram a aldeia de S. José do Duro, onde ainda residem os seus descendentes, assim como os descendentes dos Chacribás da aldeia de S. Francisco Xavier, que escaparam á fatal destruição feita pelos Acróas, foram conduzidos para o rio das Velhas.”

V

AWASO EWOITORÉ. — Estas duas palavras pertencem ao dialeto dos indios carajás. Awaso ewoitoré é uma phrase que significa — aldeia alegre..

(Vide Viagem ao Araguaya pelo Dr. J. V.
Couto de Magalhães)

VI

COONRI — Significa anta (animal proprio dos sertões do paiz).

(Vide obra acima cit.)

VII

ANHANGUÊRA. — Antonomasia pela qual era o velho Bartholomeu Bueno, pae do protagonista d'este poema, conhecido vulgarmente nos sertões.

Anhanguêra significa — diabo velho.

Na cit. Rev. da Exp. Anthropol. lê-se:

“É muito conhecido o facto do audacioso e astuto Anhanguêra, fazendo prender fogo á aguardente para mostrar seu poder sobrenatural aos indios Coroados, os quaes crendo-a agua pura, prosternados se curvaram a seu jugo, acreditando-o tambem um emissario de Deus, senão o proprio Tupan, que a mesma agua convertia em fogo.”

VIII

Itú!... Itú!... — Palavras que significam — morrer! Pertencem ao dialecto dos cayapós.

(Vide Viagem ao Araguaya pelo Dr. Couto de Magalhães.)

IX

GRADAÚS. — Indigenas habitantes do norte de Goyaz. Essa tribu acha-se extincta; e, si alguns indios ainda existem, vagam em insignificantes grupos pelos obscuros sertões do valle do Amazonas.

X

BANANAL. — É esta ilha uma das maravilhas da America meridional. Talvez, ou senão maior do que o reino de Portugal, é formada por dous braços do grandioso rio Araguaya, entrecrusando-se a uma distancia bem consideravel do ponto de divisão.

Tempo virá em que a civilisação imprimirá nessas regiões o cunho de seu genio protector, e então, talvez, um Estado ahi fundar-se-á pujante de vida e de engrandecimento, não só pelas letras, como tambem pela industria e não menos avantajado commercio.

O Tocantins, não menos soberbo, que demora á sua direita, tornar-se-á brevemente navegavel a vapor, imprimindo ás povoações do Norte mais vida e regando-as de um sangue mais emprehendedor e vigoroso.

A posição chorographica de ambos esses dous gigantes é magnifica.

Ambos offerecem excellentes proporções para uma navegação regular.

O dynamite fará saltar em estilhaços as enormes rochas que embargam-lhes o progresso aspirado agora ardentemente por uma população sequiosa de luz, e a navegação a vapor, completando esse nobre anhelado, levará de sul a norte, de Leopoldina aos mares, as inexploradas riquezas do magestoso torrão goyano.

FIM



FUNDAÇÃO CULTURAL DE GOIÁS
Rua 100 n° 92 - Setor Sul - Goiânia - Tel.: 225-9796

Dr. Ary Ribeiro Valadão
GOVERNADOR DO ESTADO DE GOIÁS

Dr. Aguinaldo Olinto de Almeida
SECRETÁRIO DA CULTURA E DESPORTOS

Prof. Jacy Siqueira
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE GOIÁS

INSTITUTO GOIANO DO LIVRO



ESTADO DE GOIÁS
Governo Ary Valadão

Promovendo a Cultura

**Composto e Impresso na
Gráfica de Goiás – CERNE**